



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL - EICOS

MEMÓRIA ORAL E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS:
A COMUNIDADE DO SAPÊ, NITERÓI, RJ, NA VOZ DE MATEIROS, ERVEIROS
E CULTIVADORES DE PLANTAS ORNAMENTAIS DA REGIÃO

Patricia Carla de Almeida e Souza

Rio de Janeiro, RJ

2009

**MEMÓRIA ORAL E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS:
A COMUNIDADE DO SAPÊ, NITERÓI, RJ, NA VOZ DE MATEIROS, ERVEIROS
E CULTIVADORES DE PLANTAS ORNAMENTAIS DA REGIÃO**

Patricia Carla de Almeida e Souza

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social do Instituto de
Psicologia, na Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito
ao grau de Mestre em Psicologia
(Psicossociologia de
Comunidades e
Ecologia Social).**

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Carlos Frederico B. Loureiro

Rio de Janeiro

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Souza, Patricia Carla de Almeida e.

Memória Oral e Transmissão de Conhecimentos: a comunidade do Sapê, Niterói, RJ, na voz de mateiros, erveiros e cultivadores de plantas ornamentais da região / Patricia Carla de Almeida e Souza – Rio de Janeiro, 2009.

Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Psicologia, 2009.

Orientador: Carlos Frederico Loureiro

1. Memória Social 2. Transmissão intergeracional de conhecimentos 3. Plantas medicinais e plantas ornamentais 4. Comunidade 5. Meio Ambiente – Teses. I. Loureiro, Carlos Frederico (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS. III. Título.

**MEMÓRIA ORAL E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS:
A Comunidade do Sapê, Niterói, RJ, na Voz de Mateiros, Erveiros e
Cultivadores de Plantas Ornamentais da Região**

Patricia Carla de Almeida e Souza

Dissertação submetida ao corpo docente do Instituto de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

Prof. Dr. Carlos Frederico Bernardo Loureiro – EICOS/UFRJ – Orientador

Profa. Dra. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro – EICOS/UFRJ

Prof. Dr. Marcos Pinheiro Barreto - UFF

Niterói, 3 de abril de 2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que me permitiram a vida, Dona Jô, minha mãe e Seu Zé, meu pai.

Aos meus filhos Lucas e Gabriela, pela cumplicidade e amor que construímos a cada novo dia, juntos.

A Nelson, meu companheiro e grande mestre, por me envolver com carinhos e o perfume de suas lindas orquídeas.

Aos meus ascendentes, povos nativos, profundos conhecedores do trabalho com as ervas medicinais.

AGRADECIMENTOS

Reconheço e agradeço à presença amiga de pessoas que, mesmo estando longe da vida acadêmica, foram preciosas para a realização deste trabalho. A primeira delas é Rosane que, trabalhando em nossa casa por cerca de 20 anos, ainda conserva um sorriso largo em seu rosto! Carinhosamente, esforçou-se no suporte doméstico necessário para a realização desta dissertação e de todos os outros trabalhos que realizo em minha rotina diária. Receba o abraço de toda nossa família! Falando em família, agradeço toda a paciência e carinho de meus filhos Lucas e Gabi, de meu marido Nelson, meus “outros filhos” Lucas e Lívia e de minha mãe Jô neste processo de escrita, onde precisei estar trabalhando minhas próprias memórias, no silêncio de meus pensamentos, distante da convivência dinâmica de nossos finais de semana! Agradeço, ainda, a Nelson pela transmissão de seus preciosos conhecimentos relativos ao meio-ambiente.

Sou eternamente grata às conversas pré-mestrado e dicas técnicas na área de sociologia da amiga Guiomar, a qual conheci há cerca de 4 anos atrás, curiosamente, em uma van indo de Niterói para o Rio de Janeiro, a qual disponibilizou, prontamente, seu tempo e livros. Agradeço de coração à Gisele Machado, fotógrafa, pelas lindas fotos e equipamento cedido durante as filmagens das entrevistas. À Vânia e Etel - minhas professoras da pós-graduação em Psicomotricidade, hoje companheiras de trabalho da Clínica Ágathon – que, juntamente com a Ana, sugeriram importantes leituras na área da psicologia social e sobre a questão intergeracional.

Em relação ao EICOS, quero deixar um abraço carinhoso para o Ricardo, da Secretaria EICOS, que, sempre com seu bom humor, facilita e responde prontamente aos diversos desafios trazidos por nós, alunos e à Carmem por toda a sua atenção dedicada! Meu respeito e admiração por vocês!!! Aos professores, gostaria de agradecer desta forma: à Tânia e Hilton, pelas palavras que me ajudaram a insistir no Mestrado EICOS; à Inácia, por ter despertado meu interesse pelo campo da memória social e pós-memória; à Cecília, pela orientação inicial e pela abertura para a literatura internacional; à Ruth, pelo coração, escuta e acolhimento no momento mais difícil do curso; à Marta, pelas discussões dinâmicas em suas aulas; à Rosa, um agradecimento especial pela ética, respeito e escuta que tem por todos os alunos do EICOS. Agradeço pelas sugestões valiosas durante a banca de qualificação, tanto a você quanto à Prof. Myriam Barros. Ao professor da UFF Marcos Barreto, meu muito obrigada por ter aceitado participar desta defesa.

Um agradecimento mais do que especial, de coração, ao meu orientador, Frederico Loureiro – o Fred, querido por todos os alunos do EICOS, Educação e muitos outros cursos pelo Brasil afora! Suas respostas simples, eficientes e tranquilizantes para nossas mais difíceis perguntas e dificuldades é o segredo das boas vibrações que emana. Obrigada por ter-me acolhido, prontamente, como sua orientanda e também pelas respostas sempre rápidas, diretas e positivas a todas as revisões deste trabalho! Obrigada pelas discussões dinâmicas sobre educação ambiental crítica durante suas aulas, que assistia bem antes da aprovação neste Mestrado. Aos companheiros de trajetória, amigos participantes do LIEAS agradeço às boas trocas de experiências durante nossos encontros quinzenais. Aos jovens do Projeto Sapê e aos mateiros, erveiros e cultivadores entrevistados, meu coração e meu eterno carinho por todo este aprendizado que me proporcionam.

SOUZA, Patricia Carla de Almeida e. *Memória Oral e Transmissão de Conhecimentos: a comunidade do Sapê, Niterói, RJ, na voz de mateiros, erveiros e cultivadores de plantas ornamentais da região*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Psicologia, 2009

RESUMO

Este estudo de caso analisa elementos de memória social da comunidade do Sapê, Niterói, RJ, relacionados ao cultivo de plantas ornamentais e à coleta de plantas medicinais, através da história oral de mateiros, erveiros e cultivadores, antigos moradores do bairro e alguns de seus descendentes. Muito embora grande parte dos antigos moradores deste bairro - que ainda conserva características rurais - tenha renda familiar baseada em suas atividades com as plantas, a nova geração parece distanciar-se cada vez mais destes saberes locais e que residem apenas nas memórias dos mais velhos da região. A discussão acerca dos fatores que promovem ou dificultam a transmissão/produção cultural de conhecimentos e significados na comunidade conduziu o trabalho de campo, a partir da voz dos entrevistados. Neste sentido, é preciso salientar que a história oral trouxe novas informações sobre o diálogo intergeracional na comunidade, além de apontar mudanças significativas na região, antes baseada em pequenas propriedades rurais de economia de subsistência e que hoje enfrenta os desafios trazidos pela crescente urbanização do bairro. Com a privatização dos espaços públicos, além de impacto sócio-ambiental significativo, reduziu-se o acesso às matas e áreas externas de lazer da comunidade. Ainda assim, a partir da voz de mateiros, erveiros e cultivadores da região percebe-se que parte do patrimônio imaterial construído no passado permanece vivo no novo cenário, numa relação dinâmica entre elementos tradicionais e contemporâneos, tensões e contradições. Como desdobramento deste estudo, busca-se criar uma base de dados para futuro aprofundamento do trabalho de ação comunitária que vem sendo realizado há sete anos com adolescentes do bairro - o *Projeto Sapê* – como possibilidade de ampliação dos canais de comunicação entre idosos, antigos moradores e os mais jovens, na busca da percepção do espaço onde vivem como parte essencial de suas histórias.

Palavras-Chave: Memória social; Transmissão Intergeracional de Conhecimentos; Plantas Mediciniais e Plantas Ornamentais; Comunidade; Meio Ambiente.

ABSTRACT

This case study analyses elements of social memory of a district in Niterói, Rio de Janeiro, called *Sapê*, which is related to the cultivation of ornamental plants and the collection of medicinal plants. The oral history of the region is told by “mateiros” (subjects who collect medicinal plants in mata atlantica), “erveiros” (subjects who identify and sell medicinal plants on streets) and cultivators, all of them early residents in *Sapê*. Some of their descendants will also be interviewed. Although a great part of the early residents of the district – which still remains its rural characteristics – has the familiar economy based on plant activities, the new generation seems to be progressively withdrawing from the local knowledge, that resides only in the memory of the elderly of the region. The discussion about the items that provide or raise difficulties for the transmission/production of cultural knowledge has guided the field work of this research. The oral history brought new information about the community intergenerational exchange, indicating significant changes in the region, based on small rural properties of sustenance in the past, nowadays facing challenges of the recent urbanization of the district. After the privatization of public places in *Sapê* and a significant socio-environmental impact, some routes to mata atlântica and leisure external areas were reduced. Nevertheless, listening to the voices of “mateiros”, “erveiros” and cultivators of the region it was noticed that part of their imaterial inheritance remains alive in this new scenario, revealing a dynamic relationship between traditional and contemporary elements, tensions and contradictions. This research also suggests the elaboration of a database for a future study of *Projeto Sapê* – a seven year-community project with teenagers of *Sapê* district – as a possibility for a closer exchange between the elderly and the young residents of the community, aiming a broader perception of the place where they live, as an essential part of their own histories.

Key Words: Social Memory; Intergenerational Exchange; Medicinal and Ornamental Plants; Community; Environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I – Foto de Plantas Ornamentais – pág. 50

Figura II – Mapa da Cidade de Niterói - pág. 52

Figura III : Foto de Pai e Filho, mateiros, na identificação de plantas medicinais - pág. 69

Figura IV – Foto de antiga moradora do bairro colhendo cacau – pág. 72

Figura V – Foto de antigo morador e cultivador do Sapê, com as Renantheras em arranjo ornamental – pág. 72

Figura V (a): Foto da Cathleya, citada acima por Nilson, produzida através de hibridação em área do viveiro do Sapê – pág. 74

Figura VI: Foto de mateiro do bairro na identificação de plantas medicinais – pág. 77

Figura VII: Foto de rio localizado no Sapê e a poluição nos dias de hoje – pág. 89

Figura VIII: Quadro de algumas Plantas Medicinais identificadas no texto – pág. 95

Figura IX: Quadro das principais Orquídeas encontradas no Sapê – pág. 99

Figura X: Quadro de Bromélias mais comuns no bairro do Sapê – pág. 101

Figura XI: Antigo viveiro de plantas, localizado no Sapê – especializado no cultivo de Bromélias e Orquídeas – pág. 113

Figura XII: Fotos durante atividades do Projeto Sapê, com adolescentes do bairro do Sapê
Pág. 119.

LISTA DE SIGLAS

- ONU – Organização das Nações Unidas
- EICOS – Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social
- REPEA – Rede Paulista de Educação Ambiental
- UFF – Universidade Federal Fluminense
- CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- FGV – Fundação Getúlio Vargas
- ABHO – Associação Brasileira de História Oral
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- SECDREM – Secretaria de Estado para Desenvolvimento para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro
- FUNDREM – Fundação para o Desenvolvimento para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro
- CEDAE – Companhia Estadual de Água e Esgoto

SUMÁRIO	PÁGINA
1 INTRODUÇÃO.....	9
Contexto e Implicações.....	13
Objetivos Gerais e Objetivos Específicos.....	18
2 POR QUE ESTUDAR MEMÓRIA?.....	19
Declínio da Tradição Oral, “Desenraizamento” e Fragilização das Relações Comunitárias.....	20
Rearticulação do Campo de Significações e Possibilidade de Comunicação Intergeracional.....	23
3 RECURSOS METODOLÓGICOS.....	25
3.1 Escolha dos Participantes	27
3.2 Obtenção de Informações.....	29
3.3 Tratamento das Informações.....	32
3.4 Caracterização do Campo de Pesquisa.....	33
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	36
4.1 Memória Coletiva/Social.....	37
4.2 Memória, História e Narração.....	39
4.3 Memória e Transmissão de Conhecimentos	41
4.4 Memória, Territorialidade, Enraizamento e Desenraizamento	44
4.5 Memória e Pós-Memória.....	46
5 PESQUISA DE CAMPO - MEMÓRIA ORAL BAIRRO SAPÊ, NITERÓI, RJ....	50
5.1 História Escrita Oficial.....	51
5.2 Breve Revisão sobre o Município de Niterói.....	51
5.3 O Bairro do Sapê, Pendotiba.....	54
5.4 Características Atuais do Bairro.....	57

	PÁGINA
5.5. História Oral por Mateiros, Erveiros e Cultivadores do Bairro.....	61
5.6 Transmissão de Conhecimentos – Continuidade ou Interrupção?.....	62
5.6.1 Impacto da Chegada da Escola no Bairro.....	67
5.6.2 O que Facilita e o que Dificulta a Transmissão de Conhecimentos.....	68
5.7 O Trabalho com Plantas Medicinais e Ornamentais.....	72
5.7.1 Ofício de Horticultor/Cultivador.....	73
5.7.2 Ofício de Mateiro.....	77
5.7.3 Impacto da Chegada dos Condomínios	81
6 MEMÓRIAS DO PASSADO, IMAGENS E VIVÊNCIAS DO PRESENTE.....	84
6.1 Espaço e Tempo Passados.....	85
6.1.1 Paisagem Natural.....	86
6.1.2 Pé de Jequitibá.....	87
6.1.3 Cachoeira e Rio.....	88
6.1.4 Lazer no Sapê de Ontem.....	91
6.1.5 Plantas Medicinais.....	93
6.1.6 Plantas Ornamentais – Renantheras e Bromélias.....	98
6.1.7 Cuidados com a Natureza e o Meio Ambiente.....	103
6.1.8 Terra: Andar a Pé Versus Precariedade dos Transportes Públicos.....	105
6.2 Espaço e Tempo Presentes.....	107
6.2.1 Mudanças do Sapê de Hoje	108
6.2.2 Insegurança.....	111
6.2.3 Lazer nos Dias de Hoje.....	112
6.2.4 Ofício de Mateiro/Erveiro e Cultivador nos Dias de Hoje.....	113
7 COMENTÁRIOS FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	120
ANEXOS.....	127

1 INTRODUÇÃO

Contexto e Implicações

Esta pesquisa analisa a temática da memória social e a importância da transmissão de saberes entre as gerações, através das memórias e narrativas de mateiros/erveiros e antigos moradores do bairro do Sapê¹, localizado na região de Pendotiba, Niterói, Rio de Janeiro. A história oral do Sapê é considerada, trazendo reflexões sobre fatores que promovem ou dificultam a transmissão intergeracional e a produção dos saberes locais e significados da comunidade.

Foi realizado um estudo de caso (MOURA, 2005) com moradores da comunidade do Sapê, Niterói, RJ, onde considerou-se o saber local da região relativo à utilização de ervas medicinais e plantas ornamentais. Partindo da memória oral de 5 antigos moradores da região e 2 de seus descendentes, observou-se diálogo intergeracional já existente sobre os saberes tradicionais construídos. Notou-se que a transmissão dos conhecimentos sobre as ervas medicinais e plantas ornamentais, por parte dos entrevistados, aconteceu pela troca intergeracional das gerações anteriores, o que, para a maior parte dos entrevistados, não continuou acontecendo a partir das gerações posteriores. Estes últimos, já envolvidos pela nova configuração do bairro – com a chegada dos condomínios, do asfalto, ônibus regular, etc. – parecem não reconhecer os valores e as práticas das gerações anteriores, refletindo algumas mudanças acentuadas em seus discursos.

A motivação para este estudo de caso partiu das atividades realizadas durante o *Projeto Sapê* (SOUZA, 2007), iniciativa de ação social voluntária, elaborada e coordenada por mim, tendo sido realizada de março de 2001 a dezembro de 2007, no bairro do Sapê, Niterói, RJ.

¹ O bairro do Sapê localiza-se na região de Pendotiba, área alta do município de Niterói, RJ, com aproximadamente 100 metros de altitude, em relação ao nível do mar. No Sapê, as localidades mais conhecidas são: Florália, Mato Grosso, Buraco, Pedra e Fazendinha. Maiores detalhes no item 5.2.

Os participantes do Projeto Sapê eram 20 adolescentes e pré-adolescentes moradores da região e alunos da única escola pública do bairro – Escola Municipal Levi Carneiro, sendo os encontros realizados com a carga horária de 4 horas semanais.

A partir de conversas informais com familiares e idosos da região, durante as atividades do *Projeto Sapê*, percebeu-se uma preocupação dos mais idosos com a crescente fragilização de laços comunitários na região e progressiva perda do saber local da região. Segundo seus relatos, até cerca de 20 anos atrás, os moradores do bairro do Sapê orgulhavam-se pela característica rural de suas terras. Muitos dos moradores antigos buscavam o bairro por considerarem uma área propícia às suas plantações – já que havia predominantemente pequenos sítios, com cultura de subsistência e muitas áreas verdes, remanescentes de Mata Atlântica, sendo, ainda, um bairro próximo ao centro da cidade de Niterói.

Era comum o cultivo de plantas ornamentais, como forma alternativa de recurso financeiro familiar, além de pequenas hortas formarem a base da alimentação das famílias. Grande parte dos mateiros e erveiros da região de Niterói são moradores do bairro e fornecedores de ervas medicinais para laboratórios do Rio e de Niterói, baseando sua economia doméstica, ainda hoje, nas ervas medicinais e plantas ornamentais- com destaque para as orquídeas e bromélias. Comentaram, ainda, sobre as transformações espaciais, ambientais e sócio-culturais que o bairro vem sofrendo – a partir da chegada dos grandes condomínios e asfalto - além de um crescente distanciamento dos mais jovens em relação ao local onde vivem, demonstrando constrangimento e vergonha por morarem nesta área da cidade, nos dias de hoje. A realidade observada na comunidade do Sapê é bastante comum, também, em outras regiões² - especialmente onde fortes características rurais ainda estejam presentes em bairros urbanos.

² Como nas pesquisas de pós-graduação UFRJ, realizadas por Pimentel (2003); Ritter (2007) e Costa (2008) sobre comunidades que preservam características rurais, ainda que considerados urbanas. Seus trabalhos também ratificam a importância dos estudos sobre memórias de bairro no Brasil, pela quantidade reduzida de estudos existentes.

A proposta da presente pesquisa acadêmica para o *Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social/EICOS* surge, a partir deste contexto. Este estudo de caso - sobre a memória oral da comunidade do Sapê, Niterói, RJ - integra a história oral como ferramenta metodológica fundamental para a análise da construção da memória do espaço socializado em referência. A escolha desta técnica (MINAYO, 1992) buscou privilegiar a memória oral como promotora de “enraizamento” pela narrativa de antigos moradores da região. Através da análise dos relatos orais foi possível entender como os sujeitos percebem seu espaço; como o ontem e o hoje são expressos em suas narrativas; o que motiva a existência de hábitos e práticas de vida, etc.

“Através da memória, os relatos orais criam uma espécie de cartografia mental, na qual o espaço, mais que o tempo, fornece os marcadores significativos e as qualidades ideais são situadas simbolicamente” (SAMUEL, 1997:43).

Identificamos nesse contexto, a importância da memória coletiva (HALBWACHS, 1980) para a percepção do conteúdo da memória social, onde cada indivíduo possa elaborar, expressar e utilizar o instrumentos de comunicação da linguagem falada. Este é um instrumento socializador da memória ao reduzir, unificar e levar para o mesmo "espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual" (BOSI, 1979:18). E, desta forma, o processo de registro e conservação da memória oral coincide com o processo de sua comunicação e socialização. A memória se organiza, reorganiza, adquire estrutura e se refaz dentro da dinâmica social dos grupos.

Acredita-se que os registros resultantes desta pesquisa possam servir de base para futuros aprofundamentos no trabalho de ação comunitária do *Projeto Sapê*. A possibilidade de ampliar o canal de comunicação entre moradores mais antigos da região e os mais jovens pode significar uma estratégia de integração e de construção de cidadania. A cidadania é aqui assumida como algo que se constrói permanentemente, constituindo-se ao dar significado ao pertencimento do indivíduo a uma sociedade, em cada fase histórica (LOUREIRO et al, 2007; LOUREIRO, 2003).

Assim, a presente pesquisa insere-se numa política de inclusão e reconhecimento de questões psicossociais, acreditando na possibilidade de diálogo entre gerações, tendo como base a memória oral de idosos – e seus filhos – residentes no bairro do Sapê, o qual ainda conserva fortes características rurais, resistindo, ainda que minimamente, à perda de suas tradições locais. Neste sentido, entendemos que parte do patrimônio, anteriormente construído no passado, permanece no novo (BENJAMIN, 1999, p. 131), numa relação dinâmica entre agentes tradicionais e atuais. O fato de coexistirem universos justapostos – elementos tradicionais e elementos contemporâneos – de ação social resulta na constituição de territórios, onde se evidenciam tensões e contradições.

A exigência de rememoração do passado não implica, simplesmente, a restauração do passado, mas também uma transformação do presente, tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado. A restauração da origem cumpre-se, unicamente, pelo estabelecimento de nova ligação entre o passado e o presente (GAGNEBIN, 1994).

Início este estudo problematizando a relevância dos estudos na área da memória social e seus desdobramentos, numa perspectiva da transmissão de conhecimentos entre gerações. Buscamos integrar as questões locais relativas à comunidade do Sapê, contexto e implicações, a questões de um contexto maior da dinâmica global e contemporânea. O trabalho de ação comunitária do *Projeto Sapê* é citado como elemento motivador desta pesquisa de mestrado no Programa EICOS.

Além disso, são apresentados os recursos metodológicos utilizados durante o andamento do trabalho, teórico e de campo, dentro da área de pesquisa psicossociológica. A base metodológica partiu da revisão bibliográfica sobre o tema da memória social/coletiva, trazendo a abordagem da história oral como procedimento da pesquisa de campo – estudo de caso sobre a memória oral da comunidade do bairro do Sapê, Niterói, RJ.

Em seguida, no segundo capítulo, apresento as perspectivas teórico-conceituais da pesquisa à luz dos conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 1980; BOSI, 1994), memória e história (BENJAMIN, 1985), memória, resistência cultural e transmissão de conhecimentos

(NORA, 1993; SARLO, 2007, FROCHTENGARTEN, 2005) e memória e territorialidade (POLLAK, 1995; HAESBAERT, 2001).

Logo após, no terceiro capítulo, apresento a pesquisa de campo e os elementos de memória social da comunidade do Sapê, partindo da história oral de antigos moradores do local, incluindo reflexões e inferências a partir das entrevistas realizadas. A transmissão de conhecimentos realizada de forma individual e coletiva, no ambiente familiar, é discutida, problematizando sobre o diálogo intergeracional na comunidade. Além disso, reflexões sobre os fatores que promovem e dificultam a transmissão/produção cultural de conhecimentos e significados da comunidade serão considerados.

O quarto capítulo será dedicado a comentários finais sobre a pesquisa, incluindo perspectivas de desdobramento dos registros resultantes do estudo para futuros aprofundamentos no trabalho de ação comunitária do *Projeto Sapê*, incluindo adolescentes participantes do projeto e idosos da comunidade.

Por fim, esperamos que as discussões práticas e teóricas possam contribuir para um maior contato entre o que se estuda na Academia e o que acontece nas comunidades.

OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar elementos de memória social da comunidade do Sapê, Niterói, RJ, partindo da história oral de antigos moradores da região, priorizando a discussão sobre fatores que promovem ou dificultam a transmissão/produção cultural de conhecimentos e significados da comunidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O primeiro objetivo específico para o estudo é problematizar acerca do diálogo intergeracional na comunidade, levantando implicações relacionadas ao reconhecimento de um saber local, relacionado à coleta de ervas medicinais e ao cultivo de plantas ornamentais.

O segundo objetivo específico é criar uma base de dados, a partir dos registros de memória oral resultantes desta pesquisa, para futuro aprofundamento no trabalho de ação comunitária do Projeto Sapê, possibilitando ampliar o canal de comunicação entre idosos, moradores antigos da região, e os mais jovens participantes do projeto.

2 POR QUE ESTUDAR MEMÓRIA?

Nunca podemos recuperar o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas, é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido (BENJAMIN, 1995).

A citação de Walter Benjamin foi escolhida intencionalmente para a introdução deste item, onde trazemos a importância do estudo da memória. O que é contar uma história? O que é contar a história? Por que esta necessidade, mas também tantas vezes essa incapacidade de contar? (GAGNEBIN, 1994). Enfim, por que estudar memória?

Lembrança e esquecimento parecem estar em constante tensão: memória, recolhimento e reunião por um lado e esquecimento, dispersão e despedaçamento, por outro. O presente é construído na destruição e reconstituição da tradição e nada tem a ver com o tempo marcado pelos relógios (BENJAMIN A. & OSBORNE, 1997). O presente é o local de experiência histórica: é tanto o momento quanto o local da realidade do passado. O passado está na dependência da ação do presente. A tradição é um fenômeno caracterizado por uma transmissão que ao mesmo tempo excede ao que é transmitido e é por ele contida. A tradição é o evento de transmitir e não meramente a transmissão de eventos.

Para Benjamin (GAGNEBIN, 1994), destruição sempre significou destruição de alguma forma falsa de experiência, portanto refere-se à necessidade de uma outra escritura da história para a construção de uma nova relação com ela. Ao mesmo tempo que admite a importância da narração para a constituição do sujeito, alerta de forma crítica para as questões políticas e de poder que envolvem a dinâmica do lembrar e do esquecer em nossa história. A preocupação em não esquecer os excluídos da história também é enfatizada, como necessidade política e ética na rememoração, além da resistência e busca de superação.

A vertente escolhida como pano de fundo das reflexões desta pesquisa, segundo alguns conceitos de Walter Benjamin, serviu de base para reflexões regidas por uma outra temporalidade, diferente de uma causalidade linear, exterior ao evento (IDEM, 1994). Com base em Benjamin, insistimos na apreensão do tempo histórico em termos de intensidade e não de cronologia, na profunda relação entre o eterno e o efêmero, num movimento de restauração e dispersão.

Desta forma, a prática de coleta de informações aqui considerada segue muito mais a prática de um colecionador, do que aquela de um historiador. Em oposição à narração que enumera uma seqüência de acontecimentos, a rememoração do passado, nesta linha de pensamento, implica uma transformação do presente e não apenas a recordação do passado. O passado reencontrado é retomado e principalmente transformado. O passado aproxima-se do presente, assim como o presente do passado, criando a possibilidade de uma “interlíngua”, possibilitando comunicação e fruição.

Os itens a seguir ampliam as respostas à pergunta inicial - por que estudar memória? – considerando enfoques complementares, com base em autores clássicos e contemporâneos.

DECLÍNIO DA TRADIÇÃO ORAL, “DESENRAIZAMENTO” E FRAGILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES COMUNITÁRIAS

O pano de fundo das análises do século XX, sobre o ponto de vista ocidental, remete-nos às idéias de aceleração do tempo e de contínua troca de informações, circulação e utilização dos símbolos e linguagem (MORAES, 2005). O virtual é o “carro-chefe” da comunicação de nosso tempo. O mundo da experiência perde espaço para o da informação, cujo valor reside apenas no momento em que surge, deteriorando-se, em seguida, pelo excesso de novos dados que chegam a cada instante, através das redes simbólicas e tecnológicas (SANTOS, 2003).

O mundo da informação, do tempo autônomo, impessoal, regulado e desvinculado das experiências de vida vem abrindo uma lacuna no diálogo entre as gerações, acarretando um “desenraizamento”³ (BOSI, 1987) - uma crescente desconexão dos mais jovens com as raízes de sua cultura local - que tendem a se conservar apenas na memória dos mais idosos das comunidades.

O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações, que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação [...]. A narração é uma forma artesanal de comunicação. Não visa a transmitir o “em si” do acontecido; ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma (BOSI, 1994, p. 88).

À medida que a sociedade se complexifica e se globaliza, os vínculos sociais de proximidade com a família, com a vizinhança e com a história da comunidade já não oferecem aos jovens um referencial como no passado. Os conhecimentos adquiridos pela experiência dos idosos, que antes eram passados oralmente de geração a geração, hoje estão cada vez mais esquecidos e desvalorizados.

Segundo registros oficiais, o Brasil contará em 2025 com uma população de 34 milhões de idosos, representando 15% da população total e a expectativa de vida ao nascer será de 75,3 anos (FONTE: ONU, DIESA, 1985). Estes números trazem uma reflexão sobre a importância das relações intergeracionais na participação dos idosos na sociedade, além da necessidade da quebra de preconceitos sobre a velhice. A arte de narrar e transmitir suas experiências aos mais jovens traz aos idosos, além dos registros orais da memória cultural de uma comunidade, um resgate de auto-estima, o reconhecimento de si como um ser integrador e participativo da sociedade.

Para os jovens, os benefícios da retomada da memória oral de sua comunidade vão desde a sustentação dos aspectos vividos por sua cultura - “enraizamento” - até uma maior socialização e compartilhamento de experiências mútuas. Os jovens têm a oportunidade de entrar em contato com a memória de seu bairro e reconhecem a importância de sua

³ Sobre o conceito de desenraizamento, ver item 4.4 desta pesquisa.

participação para a continuidade de uma cultura local, além do contato com o desejo de viver dos idosos. Estes, por sua vez, também aprendem que nem todos os valores presentes e passados que têm regido suas vidas serão aceitos pelos mais jovens.

Nos dias de hoje, a imagem de um velho contando histórias aos mais jovens contrasta fortemente com as exigências de velocidade, eficiência, racionalidade e produtividade da sociedade contemporânea, soando como algo romântico e saudosista. Imagens mais realistas de nosso panorama contemporâneo retratam pessoas idosas à margem de onde a “vida acontece”, restringindo a contação de histórias à disponibilidade circunstancial de um interlocutor, em instituições específicas para crianças e adolescentes. A memória oral apresenta-se como um possível canal de comunicação intergeracional, conectando características presentes tanto nos jovens quanto nos adultos idosos.

No entanto, pouco se tem feito, efetivamente, no contexto da sociedade brasileira, no sentido de promover um diálogo entre as gerações, já que o presente é dominado pelo *adulto*, considerado mais objetivo e ágil, mais racional e realista (FRANÇA, 1997). Se considerarmos o contexto educacional, na prática do dia-a-dia, a busca por uma compreensão mais profunda das relações entre os indivíduos e sua cultura, por vezes, fica em segundo plano, já que o domínio de habilidades e conteúdos é cada vez mais a prioridade – exemplo disso é a prioridade nas escolas de nível médio à preparação do aluno para o vestibular. Sem a intenção de nos aprofundarmos na questão do sistema educacional, mas complementando o comentário sobre este contexto, muitos benefícios poderiam ser obtidos na linha da educação com a utilização de contatos intergeracionais sistemáticos. Questões como envelhecimento, ética e consciência crítica social, auto-reflexão, afetividade, solidariedade, ecologia e cultura, além de discussões sobre memória cultural, entre outras, são fundamentais à formação do ser humano, podendo trazer reflexões importantes sobre nosso momento atual de uma forma mais responsável e comprometida.

REARTICULAÇÃO DO CAMPO DE SIGNIFICAÇÕES E POSSIBILIDADE DE COMUNICAÇÃO INTERGERACIONAL

Somos agentes individuais e coletivos na história. Entender a interpretação do que fazemos na natureza, dá-se sob uma cultura e uma sociedade que nos constituem e que são por nós mutuamente constituídas (LOUREIRO et. al., 2006, p.120).

Levantamentos realizados no Estado de São Paulo pela Rede Paulista de Educação Ambiental (REPEA, 2004), registraram a necessidade dos grupos locais refletirem coletivamente sobre a sua identidade regional, para encontrarem suas próprias palavras. Desta forma, a valorização do saber local vai ao encontro do enraizamento, possibilitando que tradições se mantenham e sejam multiplicadas. Continuidades (consciência da historicidade) e transformações (novas possibilidades de ação) precisam ser consideradas simultaneamente, articulando experiências múltiplas e diversificadas de tempo e espaço, rompendo dicotomias entre indivíduo/sociedade, por um lado e passado/presente, por outro (SANTOS, 2003), valorizando a leveza de reter o necessário para a geração do novo e a preservação da memória.

A concepção de memória como produto de uma atividade meramente subjetiva foi superada pelo pensamento de Maurice Halbwachs (1980), para quem as lembranças são frutos de uma atividade de reconstrução do vivido. A memória seria um ponto de encontro de vários caminhos, conduzidos por identificações e diferenças, referências subjetivas e sociais, levando a questão da memória a um processo contínuo de reconstrução e aprendizado. Sendo o grupo a base da memória (CHAUÍ, 1994), cada geração tem a memória dos acontecimentos, que permanecem como pontos de demarcação em sua história, retendo imagens e idéias, valores e afetos vinculados a lembranças individuais e coletivas. Além disso, a relação que se estabelece com determinada tradição não é a recuperação de traços essenciais de uma cultura coerente e contínua. Mas, uma categoria que, expressando-se na relação entre os significados e a ação dos sujeitos (VELHO, 2001), permite rearticular um

campo de significações em que se podem compreender as relações dos sujeitos com sua história, relações entre presente e passado.

A possibilidade de uma maior comunicação intergeracional, propicia o resgate da narração oral e de um trabalho de elaboração psíquica, no qual reside outra razão para a ascensão da memória oral. Contar o passado envolve organização de idéias e a nomeação das vivências e sua integração. Desta forma, diríamos que o campo compartilhado pelo narrador e ouvinte propicia um ingresso no campo político, uma abertura ao engajamento do passado no presente e uma elaboração de vivências que exigem respostas mentais. A memória oral é condição promotora de “enraizamento” (FROCHTENGARTEN, 2004).

É importante ressaltar, também, não apenas o repasse da memória de idosos a jovens, mas, essencialmente, o contato das gerações mais velhas com a força inovadora dos mais jovens no processo de rearticulação do campo de significações. Existem benefícios recíprocos que envolvem o desenvolvimento de potencialidades nas diferentes faixas etárias (BRUNER, 2000): a ampliação de tempo e espaço existenciais, o reconhecimento de seu potencial como cidadãos, além da possibilidade de troca e integração que a comunicação intergeracional proporciona. A compreensão de valores de um passado ainda próximo das gerações atuais pode ser uma estratégia necessária para retomada de cidadania e identidade dos grupos excluídos (MORAES, 2005) e, ainda, a possibilidade de reelaboração de culturas que se sentem ameaçadas pela sobreposição de outras. A busca pelo reconhecimento das tradições de grupos minoritários passa pela necessidade de encontrarem referências de identidade local, que possam dar suporte à sabedoria extraída de suas vivências (POLLAK, 1995).

3 RECURSOS METODOLÓGICOS

A natureza desta pesquisa é qualitativa, sendo a principal preocupação a caracterização, compreensão e interpretação dos fenômenos observados num grupo específico (MOURA, 2005). A escolha da comunidade do Sapê, Niterói, RJ deveu-se ao fato da pesquisadora atuar na comunidade há mais de seis anos, em trabalho de ação comunitária, independente e voluntário, intitulado *Projeto Sapê*, com 20 jovens da região - realizado de março de 2001 a dezembro de 2007 no bairro.

A base metodológica utilizada aborda uma Revisão Bibliográfica sobre o tema da memória social/transmissão de conhecimentos - permitindo o diálogo das principais temáticas referenciadas - e a Pesquisa de Campo, com abordagem da história oral (MINAYO, 1992) como procedimento de pesquisa – à luz das narrativas orais de 5 antigos moradores do bairro do Sapê, Niterói, RJ e 2 de seus descendentes.

Em relação à revisão bibliográfica sobre o tema, realizou-se levantamento bibliográfico – literatura nacional e internacional - acerca do tema da memória oral e transmissão intergeracional de conhecimentos para a elaboração do referencial teórico. Pelo fato da história do Sapê não ter sido registrada oficialmente (e os membros da comunidade não terem, da mesma forma, registrado sua atuação em documentos e outras fontes escritas), buscou-se, inicialmente, na literatura acadêmica referências de outras comunidades com características semelhantes ao bairro do Sapê. Neste item, realizou-se leitura de diversas dissertações e teses de mestrado, reconhecendo-se o trabalho de outros colegas que se dedicaram à pesquisa sobre o tema da memória social em diferentes cursos de pós-graduação.

Buscou-se, ainda, a história da região de Pendotiba, onde está inserido o bairro do Sapê (além de outros bairros, como o Largo da Batalha, Badu, etc.), no Centro de Memória Fluminense da Universidade Federal Fluminense, UFF, a fim de recolher informações importantes sobre a história desta área específica de Niterói. Comprovou-se o registro escrito oficial dos bairros relacionados à região de Pendotiba, exceto o bairro do Sapê, o

qual apenas é citado em todos os documentos registrados. Ainda assim, os dados históricos de jornais entre 1974 e 2004 trouxeram importantes dados para a pesquisa, além das questões históricas escritas sobre os bairros vizinhos terem sido importantes para entender e ampliar os fatos relatados oralmente pelos entrevistados nesta pesquisa.

Com relação à pesquisa de campo, recorreremos ao *Manual de História Oral do CPDOC* (2005), da Fundação Getúlio Vargas, como uma das referências para o tratamento dos dados, além de consultas à Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Através do método de pesquisa da História Oral registramos e ampliamos versões sobre a história da comunidade do Sapê, os saberes locais do passado e suas transformações no presente - partindo dos depoimentos dos sujeitos que ali viveram e hoje ainda vivem.

O foco deste trabalho de memória oral não consiste no ineditismo de alguma informação, mas numa postura em relação à memória e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido através da “lente” de quem viveu. Desta forma, acredita-se na impossibilidade do real ser apreendido tal como ele é – ou foi, apesar de insistirmos na possibilidade de obter uma aproximação cada vez mais acurada do passado, aumentando a qualidade do conhecimento nas pesquisas realizadas. Neste ponto, lembramos o pensamento de Walter Benjamin (1994), quando compara a narrativa do memorialista ao exercício da tradução, afirmando ser sempre um ato de criação e não mais o texto original *ipsis literis*. A visão de mundo do entrevistado norteia sua narrativa e imprime significado aos fatos e acontecimentos narrados.

Se trabalhamos com visões particulares e muitas vezes idiossincráticas para ampliar nosso conhecimento acerca da história é porque de alguma forma acreditamos que a história é um nome genérico para designar as histórias vividas e concebidas, diferentes ou parecidas, criadas por pessoas em contato com o mundo. Conseqüentemente, somos levados a considerar o peso do imponderável e do próprio indivíduo nessa história-histórias que estudamos. Admitir e considerar a pluralidade e a diversidade de versões e experiências no decorrer da análise científica resulta em um conhecimento acurado – porque cuidadoso – a respeito do objeto de reflexão, base para a formulação de abstrações e generalizações. (ALBERTI, 2005).

Apesar desta pesquisa produzir um conjunto de depoimentos com fins especificamente acadêmicos para o programa de mestrado EICOS, é importante ressaltar que os registros resultantes, após o término da mesma, servirão, ainda, como premissas para a continuidade do trabalho do *Projeto Sapê*, com os jovens envolvidos, ampliando e ressignificando suas referências espaciais e laços simbólicos do saber local.

3.1 ESCOLHA DOS PARTICIPANTES

A escolha dos entrevistados desta pesquisa seguiu critérios qualitativos e não quantitativos. Foi somente durante o trabalho de produção das entrevistas que o número de entrevistados necessários para uma certa generalização dos dados do trabalho foi-se estabelecendo, o que é uma das características do trabalho a partir da história oral.

O conceito de “saturação” (BERTAUX, 1980) foi uma ferramenta útil para a decisão de quando encerrar a realização das entrevistas, observando-se o momento em que as entrevistas acabavam por se repetir – em conteúdo ou pela forma de construção da narrativa. Ao alcançar o ponto de “saturação”, realizamos, ainda, 2 entrevistas com membros da segunda geração, para reunirmos mais dados sobre determinadas impressões relacionadas à transmissão de conhecimentos. Os descendentes foram escolhidos mediante o critério de vínculo com a atividade agrícola, por transmissão intergeracional, até os dias de hoje, sendo escolhidos os que ainda residiam no Sapê. Desta forma, participaram deste estudo de caso 5 antigos moradores, residentes no bairro do Sapê, Niterói, RJ e 2 descendentes. O critério de seleção dos 5 participantes foi o tempo de residência no bairro, além de vínculo com a atividade agrícola até os dias de hoje, já que o saber local desta comunidade relacionava-se ao cultivo de ervas medicinais e plantas ornamentais no passado.

Consideramos o grupo de entrevistados heterogêneo, apesar do critério de escolha dos entrevistados ter sido o vínculo com a área agrícola dos antigos moradores do Sapê. Desta forma, foram entrevistados não apenas mateiros/erveiros e coletores de ervas medicinais,

moradores do bairro do Sapê, mas também antigos moradores que ainda hoje dedicam-se ao cultivo e venda de plantas ornamentais – em especial bromélias e orquídeas.

Ainda, em relação aos entrevistados, o contato com o primeiro entrevistado foi feito a partir do Projeto Sapê, mais particularmente, o pai de uma das componentes do grupo, com o qual foi realizada a entrevista ponto zero⁴, durante uma visita informal à casa das famílias do projeto. Na ocasião, foi indicada a Sra. Floripes, moradora no bairro há--- anos, a qual pôde presenciar as transformações do bairro, enquanto se especializava no cultivo de um tipo específico de orquídea na região (a *Renanthera*). Dona Flora, muito conhecida na região, citou nome de mais outros dois moradores antigos, Sr. Tatá e Sra. Ida foi a próxima entrevistada, dona do famoso *Sítio de Carvalho*⁵, a qual confirmou ser muito importante entrevistarmos o Sr. Tatá. Seu Tatá, também muito conhecido na região, no auge de seus 84 anos de vida, ainda fornece suas ervas medicinais para farmácias de Niterói e Rio de Janeiro, coletando e identificando diretamente da mata. A partir da entrevista com Seu Tatá, mateiro histórico do bairro, conhecemos outra mateira, a Dona Lina e seu próprio filho, Ubiratan. Ubiratan trabalha até hoje com um antigo morador, Sr. Nilson, orquidófilo e cultivador de bromélias no bairro. Dona Lina apresentou-nos seu filho, Ricardo, e também seu neto, ambos tendo recebido os conhecimentos tradicionais através de Dona Lina, que os levava desde pequenos para as coletas no mato e a identificação das plantas medicinais.

Esta forma de seleção dos entrevistados contribuiu para uma maior compreensão das redes de relação estabelecidas no bairro do Sapê e como a transmissão dos conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais e ornamentais ocupa um espaço simbólico importante nesta comunidade, ainda que apenas no silêncio de antigos moradores da região.

Outro item importante a ser ressaltado foi a escolha do tipo de entrevista. Priorizamos, dentro do leque de possibilidades da história oral, entrevistas temáticas. Em princípio, as

⁴ Entrevista ponto zero refere-se a uma entrevista realizada com um dos sujeitos pesquisados ou um colaborador, que conhece o grupo a ser estudado e sua história. Ela indica o caminho a ser percorrido nas entrevistas seguintes (ALBERTI, 2005).

⁵ Antigo sítio localizado no bairro do Sapê, com histórico de cultivo de plantas ornamentais e frutíferas no passado - destacando-se o caqui -e que hoje comercializa plantas ornamentais – orquídeas e bromélias, entre outras plantas. Os filhos de Dona Ida hoje administram o sítio, a partir de sua administração no passado.

histórias de vida seriam uma possibilidade para a pesquisa, já que estas também incluem em seu interior diversas entrevistas temáticas (MINAYO, 1992). Porém, tratando-se de uma dissertação de mestrado, a qual também inclui uma abordagem teórica sobre o tema da memória social, a opção pelas entrevistas temáticas foi necessária, por focar mais a questão da memória, espaço e história oral do bairro do Sapê. No entanto, observamos, ainda que em menor escala, uma relação importante com a biografia dos entrevistados, que aconteceu durante a narrativa de suas vivências e experiências.

Acreditamos, também, que a escolha da história oral possa contribuir para o fortalecimento dos laços sociais e o reconhecimento de uma cultura local, que ainda resiste – contrastando com o cenário do espaço atual do Sapê, cercado de grandes condomínios de classe média – através da transmissão do saber tradicional local entre gerações.

3.2 OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES

A metodologia de história oral combina observação⁶ e relatos introspectivos⁷ (MINAYO, 1992). A história oral, além de contribuir para o resgate do idoso como elemento valorizado socialmente em seu grupo, contribui para uma coletivização da memória, favorecendo a produção de memórias familiares e comunitárias (COSTA, 2007).

A história oral registra a memória viva, emoções e sentimentos, idéias e percepções e pessoas das mais diversas origens socioculturais. Através de um esforço de pesquisa e do registro de depoimentos, a história oral constrói uma imagem do passado recente, de maneira abrangente e dinâmica. (...) Possibilita que indivíduos pertencentes a categorias sociais, geralmente excluídas da história oficial, possam ser ouvidos, deixando registradas para análises futuras suas próprias visões de mundo, bem como as visões do grupo social a que pertencem. E mais: através da história oral podemos gerar fontes de documentação e pesquisa, por meio do registro, transcrição, edição dos depoimentos e testemunhos colhidos durante a pesquisa (COSTA, 1998, p. 8).

⁶ No momento da fala do entrevistado, percebendo sentimentos, pausas e expressões durante as entrevistas.

⁷ Relativos às vivências do entrevistado, incluindo história de vida (MINAYO, 1992).

Os registros das histórias orais foram realizados através de entrevistas prolongadas, combinando observação e relatos introspectivos de suas lembranças. O local das entrevistas foi a casa de cada morador e os recursos utilizados foram o gravador digital e filmadora, para facilitar a transcrição e registro de gestos e expressões.

Em anexo encontra-se o roteiro geral para as entrevistas, assim como o sumário e o índice temático de cada uma. O roteiro foi realizado de forma ampla e abrangente, contendo os tópicos a serem considerados na realização de cada entrevista, com o intuito apenas de ser o uma orientação para o pesquisador, já que estamos lidando com história oral.

A unidade dada pelo roteiro geral permite que se identifiquem divergências, recorrências ou ainda concordâncias entre as diferentes versões obtidas ao longo da pesquisa, aprofundando-se as possibilidades de análise do acervo. (ALBERTI, 2005)

Os dados biográficos foram fornecidos por cada entrevistado no momento da entrevista, sendo os mesmos correlacionados pelo pesquisador ao roteiro geral durante o curso da entrevista. No momento da entrevista, os tópicos do roteiro geral foram se ajustando, por vezes adquirindo valores diferentes dos previstos inicialmente. Portanto, os dados do roteiro apenas foram úteis para o acompanhamento da narração e, em nenhuma hipótese, constituíram perguntas prontas a serem respondidas, o que descaracterizaria por completo um trabalho baseado em história oral. Os entrevistados imprimem o “tom” às entrevistas, cabendo ao pesquisador a tarefa de apreender seu estilo, adequando-se àquela relação específica.

Elaborou-se um caderno de campo, como mais um instrumento complementar para a discussão sobre a pesquisa de campo, incluindo alcance e limitações relacionadas às condições de sua produção, onde foram registradas observações em relação ao entrevistado e da relação estabelecida durante o momento da entrevista. Incluiu-se no caderno de campo observações em relação ao entrevistado e da relação estabelecida, para uma compreensão mais ampla do contexto das entrevistas; os motivos que levaram o pesquisador ao entrevistado; como o entrevistado reagiu ao primeiro e demais contatos do pesquisador;

reações do entrevistado a determinadas perguntas; as características do ambiente onde foi realizada a entrevista, possíveis interrupções e comentários registrados na gravação; o que mudou, à medida em que a relação foi-se aprofundando entre entrevistado e pesquisador; contatos posteriores com o entrevistado; etc..

As entrevistas foram gravadas em sua forma original, em dois CDs: um destinado à preservação dos dados e o outro para acesso, escuta e consulta. As mesmas foram transcritas, também, para arquivamento dos registros na língua escrita, preservando a linguagem de cada entrevistado.

A gravação em vídeo permitiu o registro da imagem do entrevistado e da situação da entrevista, sendo um importante item para a observação de gestos e expressão faciais, expressando reações, muitas vezes indicando a intenção do falante. Uma filmadora pequena digital (sem luzes especiais) foi posicionada a uma distância considerável e em ambiente amplo, em tripé, de tal forma que focasse tanto o entrevistado quanto o entrevistador, com o intuito de reduzir possíveis interferências e constrangimentos durante a fala do entrevistado. Estando em tripé e tendo sido ligada no início da entrevista e apenas desligada ao final da mesma, muitas vezes esquecíamos da câmera e saíamos de seu campo visual, ao serem abordados temas ligados à vegetação local.

Ainda assim, a inclusão das filmagens serviu como elemento complementar à presente pesquisa, registrando imagens as quais poderão ser utilizadas não somente com os jovens do Projeto Sapê – em desdobramento da pesquisa – mas também como registro de imagens de um bairro que não possui registros históricos oficiais. As imagens incluem vegetação própria de mata atlântica da área do entorno, as hortas e jardins domésticos de cada entrevistado, locais de trabalho dos entrevistados, assim como espécies raras de orquídeas e bromélias e um grande número de ervas medicinais, todos cultivados na região do Sapê e utilizados como fonte principal de renda de cada participante.

3.3 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Após a gravação das entrevistas foi realizada duplicação das mesmas, em CD, para garantir a segurança dos registros e assegurar que o conteúdo não se perdesse por problemas técnicos. O processamento dos dados, ou seja, a passagem para a forma escrita, envolveu transcrição, conferência de fidelidade e revisão final. Além disso, as entrevistas estão arquivadas na forma de escuta, as quais poderão ser consultadas diretamente a partir do CD de gravação.

Tanto na forma de transcrição/processamento ou na forma de escuta, o procedimento foi a elaboração de um instrumento de auxílio à consulta (ALBERTI, 2005), para que os dados servissem não somente para esta pesquisa acadêmica, como também para um futuro acesso dos participantes da pesquisa e da coordenação do projeto de ação social - Projeto Sapê. O instrumento de auxílio à consulta escolhido foi sumário, cuja função é informar de forma clara sobre o que foi dito durante o depoimento de cada entrevistado. Cada tema abordado pelo entrevistado foi registrado em forma de tópico, incluindo uma pequena biografia do entrevistado (de acordo com sua própria descrição).

É importante ressaltar que as entrevistas, tanto na forma escrita como na forma de escuta, só serão liberadas inteiramente ou parcialmente para o trabalho de ação social do Projeto Sapê, após autorização escrita dos entrevistados. Em relação aos dados a serem utilizados nesta pesquisa de mestrado, as devidas autorizações encontram-se em anexo, assim como os instrumentos de auxílio à consulta, acima mencionados.

Com a abordagem de entrevistas temáticas, as mesmas foram analisadas, a partir das narrativas dos participantes e o índice temático construído por cada entrevistado, o qual nem sempre correspondeu ao roteiro geral inicialmente formulado pela pesquisadora. Em se tratando de história oral com base temática na comunidade do Sapê, a análise partiu dos breves relatos de vida dos entrevistados, com foco em suas memórias coletivas sobre o saber local da região. Desta forma a análise considerou as formas como as histórias foram

sendo construídas, no momento da narrativa e como o conjunto destas narrativas podem constituir as memórias do bairro em questão.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O campo da pesquisa foi o bairro do Sapê, Niterói, RJ, incluindo a região da Fazendinha. A definição deste campo partiu de um contato prévio estabelecido por mim com os moradores da região, a partir do trabalho de ação comunitária do Projeto Sapê, realizado nas dependências da Casa do Homem de Amanhã – entidade social, sem fins lucrativos, sediada no bairro, que promove oficinas para crianças, jovens e adolescentes do bairro. Antes da elaboração e trabalho no Projeto Sapê, eu já trabalhava na comunidade, como professora de ensino fundamental (sala de recursos) na Escola Municipal Levi Carneiro, também única na região. Tendo também trabalhado em outros bairros de Niterói, incluindo população de baixa renda (Fonseca, Morro do Céu, Centro) e população de classe média (em regiões privilegiadas de Pendotiba), os moradores do bairro do Sapê chamaram minha atenção por algumas características bastante distintas das outras regiões.

O andar a pé, por longas distâncias, desde o mais jovem ao mais idoso sempre foi uma característica muito peculiar dos moradores do Sapê, o que os aproximava bastante dos costumes rurais. Para muito além da necessidade de andar a pé, por falta de transporte urbano na região, observava que os moradores demonstravam um certo orgulho de andar a pé, numa região que ainda conserva muitas áreas verdes e com residências sob forma de casas (não existem apartamentos no bairro).

As brincadeiras das crianças e jovens nas ruas ainda trazem muitas características de um passado distante para outros bairros de Niterói (inclusive do entorno do Sapê). Ao andar pelas ruas do bairro é bastante comum, ainda hoje, crianças na rua em carrinhos de rolimã, pulando elástico, subindo em árvores, etc. Raros são as crianças/adolescentes do local que possuem computador em suas residências (apenas os moradores dos novos condomínios) ou que saem do Sapê para outros bairros.

Foi uma tarefa bastante árdua encontrar qualquer registro oficial sobre a história do bairro do Sapê. As muitas investidas apenas foram contempladas somente com registros do IBGE de 2000, sobre as características físicas e economico-sociais da área. As poucas palavras do relatório estão reunidas nos próximos parágrafos. Oficialmente, não existem registros específicos sobre a história do bairro.

O bairro do Sapê, no município de Niterói, RJ, localiza-se entre os bairros de Santa Bárbara, Ititioca, Caramujo, Maria Paula, Matapaca, Badu e uma pequena parte do Largo da Batalha. Localiza-se, ainda, em área urbana da cidade de Niterói, porém conserva característica de área rural – muitas áreas verdes; não há apartamentos; pequenos sítios com cultura de subsistência; uma única linha de ônibus; uma única escola; não há posto de saúde, supermercado ou açougue; as pessoas têm hábito de caminhar longas distâncias; alguns cavalos transitam em contraste aos automóveis dos condomínios de luxo que se instalam, cada vez mais, no local. A distância do centro da cidade de Niterói, de carro, é de cerca de 20 minutos. De ônibus- linha 36 Sapê, única linha que transita no bairro - 40 minutos.

O nome Sapê, de acordo com depoimentos de antigos moradores, vem do fato de ter havido sapezais no local. Seu relevo é suavemente ondulado, com áreas verdes remanescentes de Mata Atlântica e algumas minas d'água. O bairro não oferece atrativos de lazer para seus habitantes e possui uma única escola, que vai desde a educação infantil ao ensino fundamental. Não há escola de ensino médio, o que colabora para uma desmotivação para a continuidade dos estudos, já que os alunos devem deslocar-se para bairros adjacentes. As crianças e os adolescentes passam a maior parte de seu tempo no próprio bairro, muitos deles não conhecendo o centro da cidade de Niterói ou Rio, apesar de não haver alternativa de lazer. Isto leva a uma grande expectativa das crianças e adolescentes, em relação a projetos oferecidos pela única escola pública do bairro ou por uma instituição de trabalho social, conhecida como Casa do *Homem de Amanhã* (onde, atualmente, o *Projeto Sapê* acontece).

Segundo dados do IBGE (2004), a infra-estrutura urbana do bairro não acompanhou o crescimento do mesmo, fato que é verificado em localidades com maior concentração de baixa renda. Se por um lado chegam ruas asfaltadas, os grandes condomínios, o tratamento das águas e os sistemas de esgoto para o bairro, por outro lado a crescente urbanização desordenada. Se por um lado projetos de inclusão digital do governo federal chegam à região, por outro, grande parte da população caminha a pé, sem acesso aos transportes coletivos, sendo, assim, excluída dos grandes centros pelo baixo poder aquisitivo.

Uma observação feita durante as atividades do *Projeto Sapê*⁸ foi o fato dos jovens sentirem-se envergonhados por serem moradores do Sapê, por ser uma área ainda com características rurais próxima aos grandes centros urbanos, em oposição a uma valorização e até uma certa nostalgia em relação ao bairro, pelos moradores antigos da região. Alguns deles até hoje utilizam as ervas-medicinais, as plantas ornamentais e suas hortas para o sustento e a alimentação de suas famílias, muito embora os pequenos sítios, onde produziam hortaliças e plantas ornamentais tenham cedido lugar aos grandes condomínios e até mesmo favelas.

⁸ Ver anexo para maiores informações sobre o Projeto Sapê, iniciativa voluntária, coordenada por esta pesquisadora no bairro do Sapê, Niterói, RJ.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A psicologia e a sociologia complementam-se na busca da compreensão dos mecanismos responsáveis pelas construções sociais do passado, realizadas no tempo presente. A escolha do tema da *memória* situa esta pesquisa numa fronteira de entrelace entre os modos de ser do indivíduo e sua cultura, um tema relevante não somente para as ciências sociais, mas também para a psicologia social. Sendo o tema da memória uma questão interdisciplinar, além das áreas de estudo citadas podemos também destacar o trabalho de antropólogos sociais e culturais sobre os processos de memória social, formando fronteiras entre os estudos de psicologia social e da antropologia. A investigação sobre transmissão e produção da cultura entre gerações vem crescendo neste campo, incluindo pesquisas nacionais e, em sua maioria, internacionais (ROEDGER, 2008).

A abordagem teórica do trabalho proposto parte dos estudos sobre memória social/coletiva (HALBWACHS, 1980; BOSI, 1994), considerando as perspectivas de interpretação de Ecléia Bosi (2003) sobre memória oral, transmissão de conhecimentos e da filosofia de Walter Benjamin (1985) sobre memória, história e narrativa. Todavia, incluímos breves citações de correntes contemporâneas sobre o assunto, envolvendo as condições psicossociais que levam ao decaimento da memória e as circunstâncias que promovem sua revalorização, através da resistência frente à ameaça de desenraizamento (FROCHTENGARTEN, F., 2005; BOSI, 1987; WEIL, 1996; SANTOS, M.S. 2003; POLLAK, 1995; MORAES, 2005; FERREIRA, 2005; GONDAR, 2005; BARROS, 1989; NORA, 1993 e SARLO, 2005 e 2007). Pesquisas contemporâneas relacionadas à perspectiva intergeracional também foram citadas, a partir de sua práxis e alcance no trabalho relacionado a grupos de idosos e jovens.

4.1 MEMÓRIA COLETIVA E SOCIAL

Na memória cabem múltiplos espaços e uma infinidade de narrativas. Por muito tempo, as memórias individuais/coletivas não mereceram grande atenção por parte dos pesquisadores, já que toda atenção era voltada para o registro da história dos livros e enciclopédias. Com as contribuições da sociologia e antropologia aos estudos em comunidade, aquelas informações transmitidas oralmente apenas dentro de grupos minoritários foram ganhando espaço nas pesquisas universitárias. Aquelas informações guardadas mostraram-se de grande utilidade na descrição e explicação de determinados processos sociais, revelando histórias não contadas e, conseqüentemente, não registradas. A memória passa a ser considerada uma estratégia para consolidação de identidades e expectativas sociorrelacionais (MORAES, 2000). Este sentido mais denso de memória, em que indivíduos atuam no mundo, conscientes do lugar histórico que ocupam, será o fio condutor escolhido para a abordagem teórica deste trabalho.

A memória que é valorizada é aquela que tem vínculos com o passado, com a tradição, com experiências transmitidas e negociadas. [...] É a memória a um só tempo individual e coletiva, e que pode ser percebida entre indivíduos, considerados sujeitos do conhecimento e da ação política (SANTOS, 2003).

Localizando o estudo sobre memória no tempo, Halbwachs e Barlett (SANTOS, 2003) responderam pelos principais fundamentos teóricos sobre a memória coletiva no pensamento social. Mostraram, pela primeira vez, a importância de estruturas coletivas e processos interativos nas lembranças dos indivíduos. Em seus primeiros trabalhos, Halbwachs radicalizou os conceitos de Bérghson sobre “des-subjetivar” a noção da memória. Depois, seguindo Durkheim, acreditou na anterioridade e na determinação de idéias sustentadas coletivamente sobre pensamentos e atitudes individuais, não descartando a presença do sujeito como relevante para o pensamento social (HALBWACHS, 1980). Cada memória individual seria um ponto de vista da memória coletiva, perpassando-se múltiplos espaços e uma infinidade de narrativas. Este ponto de vista varia de acordo com o lugar social ocupado e este lugar, por sua vez, muda em função das relações que se tem com outros meios sociais (BARROS, 1989).

Ao pretender expor o caráter social da reconstrução das lembranças, Halbwachs (1980) acaba realçando o aspecto individual da memória, que encerra um sentimento próprio e particular. Para ele, as lembranças estariam alojadas no inconsciente e, embora precisemos dos outros para sua reconstrução, as marcas do caminho já estão presentes nos indivíduos. Ainda considerando suas teorias, a memória coletiva também classifica, já que o indivíduo, ao se comportar como membro de um grupo, contribui para evocar as lembranças que o grupo conseguiu selecionar. Neste sentido, a memória diz respeito à vida de cada grupo em particular (BARROS, 1989), sendo que tanto a memória coletiva quanto a memória individual resultam da gestão de um equilíbrio precário entre contradições e tensões, constituindo o ato de lembrar e esquecer, num exercício constante de selecionar aquilo que é considerado importante ser lembrado (NORA, 1993).

Halbwachs também fala do grupo social como o lugar em que se desenvolvem as memórias coletivas e que fazem delas algo vivo e passível de transformação. A transmissão conhecimentos às gerações seguintes situa a família como um veículo da preservação de valores. Bosi (1994) lembra que os velhos têm uma memória social atual mais contextualizada e definida, pois são expectadores de um quadro já finalizado e bem delineado no tempo. Aos mais jovens, ainda absorvidos nas lutas e contradições de um presente que os solicita intensamente, falta experiência para lidar com as lembranças.

Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor. As idéias de memória e conselho são afins: memini e moneo, 'eu me lembro' e 'eu advirto' são verbos parentes próximos (BOSI, 1979:399).

O conceito de memória também remete-nos a considerações de tempo e espaço. Localizar uma lembrança é um ponto complexo de convergências dos muitos planos do passado. A noção de narrativa linear da história, em fatos seqüenciais, é substituída pela noção de uma narrativa complexa. Sem o trabalho de reflexão e localização da memória, a lembrança seria uma imagem fugidia. O tempo não é dividido externamente e sim um tempo fluido, que carrega a própria existência do grupo.

A substância social da memória: a matéria lembrada – o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça lembranças; mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. (CHAUÍ, 1994)

Espaço, tempo e discurso são elementos estruturantes da memória social. Berger e Luckmann demonstraram que o tempo vivido é um processo de ressignificação de conteúdos, a partir dos processos de socialização, correspondendo às experiências do sujeito no curso da história pessoal e da vida social. Eles traduzem em afetos, tornando-se referências ativas pelas quais enraizamos e produzimos narrativas pessoais e sociais. (GONDAR, 2005).

A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja, irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. Pois irrecuperável é cada imagem do passado, que se dirige ao presente, sem que este presente se sinta visado por ela (BENJAMIN, 1985).

Na reestruturação da idéia de tempo e espaço, a memória é a condição para que a reciprocidade entre passado e futuro subsista. Ela não é unidirecional, não é um movimento que surge no presente e sim bidirecional (IDEM, 1985). O tempo em que a reciprocidade opera é o tempo presente.

4.2 MEMÓRIA, HISTÓRIA E NARRAÇÃO

Para Benjamin, a questão da memória é inseparável de uma reflexão sobre a narração: de uma história ficcional, da própria vida, da história de uma época ou de um povo [...]. O “narrador autêntico”, que não pode mais existir hoje, é enraizado numa longa tradição de memória oral e popular, o que lhe permite colocar por escrito e contar aventuras representativas de experiências, das quais todos os ouvintes/leitores podem compartilhar uma linguagem comum. (GAGNEBIN, 1994, p.20)

Embora a pesquisa sobre memória esteja voltada ao registro de eventos passados, o ponto de referência do narrador é o presente. As teses de Benjamin expressam não a possibilidade do presente reencontrar um passado como de fato ele foi, mas sim seu caráter imemorial - não localizável historicamente – ideal e onírico da experiência da história (LÖWY, 2005).

Assim, lembrar, esquecer e narrar são meios fundamentais de construção da identidade pessoal ou coletiva, ainda que perante a transformações históricas. O narrador autêntico - antes enraizado numa longa tradição de memória oral e popular e com capacidade de lembrar e de contar, comparada por Benjamin a um rio - hoje deixa lugar a um indivíduo sozinho, que luta pela sobrevivência e sucesso. Lembranças avulsas, histórias particulares contadas por um escritor isolado e lidas por um leitor solitário.

Pierre Nora (1993) ressalta que, à medida em que desaparece a memória tradicional, somos obrigados a acumular vestígios, testemunhos, documentos, imagens e sinais visíveis do que se foi. Quanto menos a memória é vivida, em sua raiz, mais temos necessidade de suportes exteriores e de referências externas, ocupando os *lugares de memória*, numa sociedade arrancada de sua memória pela amplitude de suas mudanças, mas ainda obcecada por se compreender historicamente.

Não existe mais um homem-memória, em si mesmo, mas um lugar de memória. São lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos (NORA, 1993).

A questão da memória e da transmissão levanta uma questão muito mais crítica e política, que desemboca na apreensão de como nós podemos ou não transformar nosso presente histórico, articulando passado e presente de tal maneira que ambos sejam transformados. A narrativa pessoal e coletiva, através das memórias e experiências de quem as viveu, abre a possibilidade de voz aos silenciados e esquecidos.

O caso de nosso campo de pesquisa, o bairro do Sapê, ilustra bem a questão crítica e política do desinteresse da história no registro da história de bairros, já que “grandes acontecimentos” não aconteceram, para que o bairro pudesse ter o “privilegio” do registro de sua história. Os registros sobre a história do município de Niterói apenas incluem o bairro do Sapê na região de Pendotiba, sob o ponto de vista geográfico. Em contraste a outros bairros do município onde “grandes eventos” históricos aconteceram no passado – como o bairro do Fonseca, que possui diversos registros históricos sobre a invasão de portugueses e holandeses às terras do índio Araribóia, fundador de Niterói; o bairro do

Largo da Batalha, que possui este nome devido à famosa batalha de confetes durante os carnavais, etc. – e que possuem vasta literatura na história, assim como inúmeras pesquisas, realizadas principalmente por pesquisadores da área de História.

Longe de buscar com esta pesquisa um registro da história do bairro do Sapê e toda uma veracidade quanto aos relatos, acreditamos que cada morador entrevistado apreendeu suas vivências coletivas e os acontecimentos de sua vida pessoal de acordo com suas interpretações, imagens, verdades e olhares singulares. A riqueza de cada narrativa no campo da memória oral traz a possibilidade da escrita de uma história sob nova referência: a do saber local.

Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (BENJAMIN, 1985).

4.3 MEMÓRIA E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado de “agoras” - *Jetztzeit*. (BENJAMIN, APUD LÖWY, 2005).

Além da história escrita, das datas registradas e descrição dos períodos, as novas gerações podem conhecer um mundo social rico e diverso através da memória dos velhos (BOSI, 1994). Compreender os valores de um passado, ainda próximo das gerações passadas pode ser uma estratégia necessária para a retomada de identidades e culturas, que se sentem ameaçadas pela sobreposição de outras, considerando identidade e cidadania dos grupos excluídos.

Neste trabalho, estaremos focando e valorizando a memória de vínculos com o passado, com a tradição, com experiências transmitidas e negociadas. A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar de passagem, fazendo de cada descendente alvo e, ao mesmo tempo, o veículo de preservação de valores familiares (SANTOS, 2003). No contexto da comunidade do Sapê, com a ausência dos que morrem,

experiências de saber local, relativas ao cuidado com a terra e cultivo de plantas medicinais e ornamentais vão-se perdendo e os mais jovens olham com distância valores que antes eram essenciais para a preservação de sua cultura. No passado, cada família possuía sua plantação em seus quintais, havendo uma maior comunicação entre as famílias, vizinhos e o prazer pelo trabalho com a terra era repassado entre as gerações, que herdavam as terras e continuavam suas plantações.

Com o tempo, a realidade acima vem sendo alterada, a partir da chegada do asfalto, dos condomínios e da venda dos grandes terrenos do passado às construtoras pelos antigos moradores (a maioria deles morava em regime de posse), havendo uma divisão bastante clara entre a população local e os novos vizinhos, dos condomínios de luxo. A consequência destas mudanças no cotidiano do bairro levou os jovens a olhar com distância e certa indiferença sua cultura local - com características essencialmente rurais - já que a nova estrutura contrasta bastante com a realidade dos antigos moradores, hoje em sua maioria residentes em pequenas áreas, incluindo favelas e os novos moradores residentes dos grandes condomínios de classe média.

Ainda assim, observa-se um movimento de resistência de culturas locais, com perfil semelhante ao caso do Sapê, por meio de reinvenção de identidades e modos de vida, como forma de adaptação aos novos tempos, sem desconsiderar a transmissão, o uso e a proteção dos conhecimentos tradicionais (MORAES, 2000). Ao mesmo tempo em que um grupo quer esquecer, outros testemunharam acontecimentos e querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento, para que a memória continue sempre viva. É a luta pelo não esquecimento.

Temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes, sempre que a igualdade nos descaracteriza (SANTOS, B. 2006).

Considerando o foco de nossa pesquisa, durante as entrevistas no trabalho de campo, esta questão foi ficando mais clara ao percebermos que no silêncio dos moradores mais antigos da região, filhos recebem dos pais a sabedoria de seus conhecimentos locais – pelo menos até a segunda geração, já que nem sempre os netos interessavam-se pelo ofício dos antigos,

com a chegada da escola e do novo perfil do bairro. Ainda assim, podemos encontrar no centro da cidade de Niterói e do Rio de Janeiro mateiros moradores do bairro do Sapê, fazendo parte desta resistência cultural, vendendo suas ervas medicinais, de alguma forma resistindo à ameaça ao esquecimento (POLLAK, 1995).

A busca pelo reconhecimento destes grupos passa por uma necessidade de encontrarem referências de identidade local, que possam dar suporte à sabedoria extraída de suas vivências. Estas relações acontecem de forma simultânea e interdependente, envolvendo as relações entre o sujeito e o coletivo, as relações que os sujeitos estabelecem entre si na vida social, assim como as relações do sujeito consigo mesmo.

Levando o foco para os adolescentes participantes da pesquisa, acredita-se que fortalecendo os laços de vínculo com a história oral da região extraia-se a força para a formação de sua identidade cultural local (BOSI, 1987). A ação que vem sendo realizada na comunidade do Sapê - *Projeto Sapê* - perpassou questões individuais, que levaram a questões interrelacionais e que agora busca referências da memória coletiva de idosos da comunidade. O que temos, no momento, são jovens com grande desinteresse em relação ao local onde moram e as práticas do passado e bastante constrangidos e envergonhados por estarem localizados nesta área da cidade.

Acredita-se que as reflexões, a partir da pesquisa proposta, possam gerar dados que sirvam como base para futuros trabalhos na ação do *Projeto Sapê*, que levem os jovens a refletirem sobre sua cultura local e reconhecerem seu potencial como habitantes da cidade. Observar e compreender as experiências, a partir de uma abordagem integrativa (GUIMARÃES, 2006) do conjunto das relações envolvidas no bairro em estudo, abre espaço para uma compreensão mais ampla, focando não somente a totalidade das questões teóricas sobre memória, mas também a particularidade da situação do campo em questão.

4.4 MEMÓRIA, TERRITORIALIDADE, ENRAIZAMENTO E DESENRAIZAMENTO

Considera-se, nesta pesquisa, a memória oral como condição promotora de *enraizamento* e abertura ao engajamento do passado no presente. Um elemento fundamental nas discussões sobre memória e *enraizamento* diz respeito aos vínculos sociais e simbólicos, que os diversos grupos sociais mantêm com seus respectivos ambientes biofísicos.

Para muito além do sentido geográfico e econômico, o conceito de *territorialidade*, na presente pesquisa, é utilizado de forma complementar ao conceito de *enraizamento*, referindo-se, o primeiro, a um produto histórico, compreendido pela relação simbólica e imaterial, social e cultural construída pelos grupos. Assim, este estudo de caso inclui-se na concepção de território de *vertente culturalista*, mais subjetiva, na qual o território é visto, sobretudo, como um produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre o espaço. No entanto, listamos, as outras concepções de território, agrupadas por Haesbaert (1997): a *vertente jurídico-política*, onde o território é considerado um espaço delimitado e controlado, na maioria das vezes visto como poder político do estado; a *vertente econômica*, a qual enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas; e a *vertente natural(ista)*, que traz a noção de território com base nas relações sociedade-natureza, especialmente no controle e usufruto dos recursos naturais (HAESBAERT apud MOUTINHO, 2008, p. 30). Embora a dimensão privilegiada na maior parte dos estudos sobre território seja a política, a dimensão simbólico-cultural estará sempre presente, na forma subjetiva.

O conceito de *desterritorialização* pode ser visto como a perda de referenciais concretos, *desenraizamento* e enfraquecimento de identidades territoriais (HAESBAERT, 2001), onde as pessoas, por dificuldades ou por proibição, não mais desenvolveriam laços simbólicos e afetivos com os lugares que antes freqüentavam ou viviam, e que foram importantes na construção de suas identidades culturais (IDEM, 2001).

Assim como a cultura, a tradição e a história medeiam a mudança econômica, também medeiam modos como as pessoas e os lugares estão ligados, o modo como as pessoas usam a territorialidade e o modo como elas valorizam a terra [...]. Territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio de criar e manter a ordem, mas é estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico, por meio do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado (SACK, 1986).

Como podemos observar, tanto o conceito de *territorialidade* quanto *enraizamento* são fundamentais para a compreensão do contexto da comunidade do Sapê, já que os laços simbólicos e afetivos dos moradores mais antigos parecem não estar mais em sintonia com as gerações atuais – o que era comum até a segunda geração dos entrevistados. Os mais jovens pertencem a uma dimensão do presente, em que os conhecimentos e as crenças dos pais revelam-se inúteis (SARLO, 2005).

Bosi (1987) questiona se o movimento de recuperação da memória seria uma moda acadêmica ou teria uma origem mais profunda, como a necessidade de *enraizamento*. Com toda uma dificuldade de definir a complexidade do termo *enraizamento*, Simone Weil (1996) afirma ser a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana.

O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. [...] Onde os homens espraíam raízes, as lutas e construções dos antepassados, suas idéias e tradições, alicerçam realizações que, por sua vez, poderão revesti-las de novos significados (WEIL, 1996).

A comunicação *enraizada* com o passado não se confunde com uma atitude meramente contemplativa ou reacionária. Meios promotores de *enraizamento* garantem a condição política aos seres humanos: preservam as condições de igualdade que asseguram aos homens o livre exercício da palavra e que conservam aberturas para novas fundações (FROCHTENGARTEN, 2005). Narrativa e escuta sobre o passado dão suporte aos atos de resistência, *enraizamento* e *territorialidade*. O passado narrado através da memória oral carrega uma opinião: uma lembrança é uma perspectiva sobre o vivido. A arte de narrar envolve voz, olhar, imagens, sendo como uma performance, onde palavra e ação permitem ao homem mostrar quem ele é. A memória oral levanta-se contra o isolamento humano.

Narrador e ouvinte comunicam-se, aproximando-se do passado de um grupo, convertendo-se em realidade social (BOSI, 1995).

Quando entrega suas vivências a um ouvinte, de algum modo libertando-se do fardo solitário do testemunho, um homem pode ouvir a si próprio e suturar as reminiscências ao mundo atual. A resistência da memória oral assenta sobre a necessidade de atribuir algum sentido de permanência à existência dos homens no mundo (FROCHTENGARTEN, 2004).

4.5 MEMÓRIA E PÓS-MEMÓRIA

O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente (SARLO, 2007).

A memória dita e a história escreve. Referimo-nos ao universo simbólico das relações sociais e de nossa memória coletiva, ao mesmo tempo plural e individualizada. Os lugares de memória (NORA, 1993), diferentemente de todos os objetos de história, não buscam referências na realidade, não sendo sua função ser fonte fidedigna sobre determinado objeto ou acontecimento. Eles são sua própria referência e o que os faz lugares de memória é exatamente o que escapa da história.

Este universo simbólico nem sempre flui através da voz de seus protagonistas principais - contando suas experiências diretas, relacionadas a uma determinada fase de suas vidas. A memória pode, também, partir de um discurso produzido em segundo grau, com fontes que não vêm da experiência de quem exerce essa memória, mas das imagens de uma segunda geração – a partir da voz daqueles que vêm depois dos sujeitos que viveram os fatos. Neste caso, o passado não teria sido vivido, diretamente, por quem narra, mas sim por uma pós-memória. Marianne Hirsch (1997) chama de pós-memória a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos (a memória dos filhos sobre a memória dos pais). Nas sociedades modernas, as fontes em que se baseiam as experiências – mesmo as vividas pelos próprios sujeitos - são cada vez mais midiáticas, desvinculadas da

escuta direta da história contada, ao vivo, por seu protagonista ou por alguém que ouviu seu protagonista. Em geral são histórias das histórias, recolhidas nos meios de comunicação ou distribuídas pelas instituições.

Jornais, televisão, vídeo e fotografia são meios de um passado tão forte e persuasivo, como a lembrança da experiência vivida, e muitas vezes se confundem com ela (SARLO, 2005).

O conceito de pós-memória traz o aspecto fragmentário (HIRSCH,1997), considerando-o um traço diferencial. Por outro lado, Sarlo (2005) argumenta que toda memória possui um aspecto fragmentário, assim como toda história, já que os discursos sobre passado não são capazes de reconstituir o todo. O aspecto fragmentário resultaria do vazio entre a lembrança e aquilo que se lembra, o que caracteriza qualquer experiência de rememoração, até a mais banal - um vazio cheio de retórica e de avaliação.

O aspecto fragmentário do discurso de memória, mais que uma qualidade a se afirmar como destino de toda obra de rememoração, é um reconhecimento exato de que a rememoração opera sobre algo que não está presente, para produzi-lo como presença discursiva, com instrumentos que não são específicos do trabalho de memória, mas de muitos trabalhos de reconstituição do passado: em especial, a história oral (SARLO, 2005).

Muito embora na literatura o conceito de pós-memória esteja mais representado na área de memórias traumáticas, reconhecemos a importância teórica do tema para o presente trabalho, especificamente considerando os relatos dos descendentes dos entrevistados na história oral do bairro do Sapê. Além disso, compreendemos que o conceito de pós-memória vai muito além de relatos de quem não vivenciou o passado narrado, considerando uma abrangência maior para o conceito, conforme os argumentos de Sarlo (2005). De acordo com a autora, não haveria uma pós-memória e sim formas de memória que podem ser atribuídas diretamente a uma divisão simples entre memória dos que viveram os fatos e memória dos que são seus filhos. Reconhecemos que a vivência de um acontecimento não é o mesmo que reconstituí-lo através de informações, porém consideramos que todo passado seria acessável por um exercício de pós-memória e todo poder simbólico de suas imagens.

A questão simbólica da pós-memória traz uma certa sintonia com o que Walter Benjamin (1936) assume em relação ao tradutor, sendo aquele que está entre o significado e o significante, ao ler uma palavra, transformando a mesma em uma segunda, e, para além disso, possibilitando ao leitor uma série de novos significados, de acordo com seu processo simbólico-interpretativo. Benjamin (IDEM, 1980) busca, nesta nova apreensão conjunta do passado e do presente, permitir salvar do passado algo além de sua imagem habitual. Não se trata de tentar alcançar uma lembrança exata de um momento do passado, como substância imutável, mas buscar a “experiência” com este passado - traduzida por ressonâncias entre passado/presente e presente/passado. No entanto, também ressalta que as ações da experiência estão cada vez mais em baixa, como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável no passado: a habilidade para trocar experiências através das narrativas. A experiência que passa de pessoa a pessoa, a fonte de todo narrador, perde cada vez mais espaço para o mundo da informação. A difusão da informação através da mídia exerce um movimento contrário ao da tradição oral, demarcando um declínio na comunidade dos ouvintes.

Uma das diferenças entre a informação e a narração, segundo Benjamin (1936) é que o mundo da informação está altamente sintonizado com a razão e o compromisso com a exatidão dos fatos ocorridos, enquanto que a arte de contar histórias concede ao ouvinte uma amplitude maior de interpretações e uma naturalidade que corresponde à experiência do narrador, não estando a narrativa interessada em transmitir o “puro em si”, mas uma forma artesanal de comunicação. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo – como na pós-memória (SARLO, 2005) – o que tende a perder-se quando as histórias não são mais conservadas. Assim, a rede em que está inserido o dom narrativo tende a se desfazer, gradativamente, nos dias de hoje, depois de ter sido tecida há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho artesanal da oralidade.

Neste contexto, o trabalho de campo realizado que se segue nos próximos itens desta pesquisa surge como uma humilde contribuição à oralidade artesanal, sem a intenção de recuperar uma história original e linear sobre o bairro do Sapê. As histórias orais, a seguir, servem-nos, antes, como um exercício de ouvir a voz dos “esquecidos”, criando um espaço

de reconhecimento de identidades, memórias e tradições locais do Sapê, sob o ponto de vista de mateiros, erveiros e cultivadores, do passado e do presente. A partir das memórias dos entrevistados, aspectos teóricos citados no item Fundamentação Teórica surgem em seus discursos, integrando uma outra dimensão aos estudos acadêmicos: a dimensão da experiência de vida de moradores antigos, como item essencial da história de uma comunidade. Mais uma vez, ressaltamos que o importante neste trabalho não é descrever a vida no Sapê como ela realmente foi, mas descrever a vida tal como foi lembrada por alguém que a viveu.

5 PESQUISA DE CAMPO

Memória Oral e Transmissão de Conhecimentos

História Oral do Bairro Sapê, Niterói, RJ



Figura 1: Foto de Plantas Ornamentais (arquivo pessoal, outubro 2008)

5.1 HISTÓRIA ESCRITA OFICIAL

Pensamos em iniciar esta segunda parte da pesquisa, trazendo alguns registros escritos sobre a história do bairro do Sapê. Para nosso pesar, percebemos que, assim como outros bairros cuja história não há nenhum ponto histórico de interesse governamental ou da mídia, não existem registros oficiais sobre a história do bairro do Sapê, sob forma oral ou escrita. Assim, vamos iniciar esta etapa da pesquisa com dados básicos sobre o município de Niterói e a região de Pendotiba, onde está inserido o bairro do Sapê.

5.2 BREVE REVISÃO SOBRE MUNICÍPIO DE NITERÓI

O município de Niterói ocupa uma área de 131.80 quilômetros quadrados, o que equivale a 0,30% da área total do Estado do Rio de Janeiro. Segundo estimativa do IBGE, censo 2000, a população da cidade contava com 471.403 habitantes. Era, portanto, a quinta cidade em população e em densidade demográfica no Estado, com 3.504 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2004).

Geograficamente, a cidade é dividida em cinquenta e dois bairros. Para efeito de planejamento político-administrativo, a cidade foi organizada em cinco regiões administrativas subdividas em secretarias regionais. A divisão atual teve origem no decreto n.º 4895, de 1986, que delimitou, inicialmente, 48 bairros, sendo estes citados abaixo – juntamente com os quatro bairros que entraram após o censo 2000. Um convênio celebrado em 1984 entre a Secretaria de Estado para Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (SECDREM), Fundação para o Desenvolvimento para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, (FUNDREM) e a Prefeitura de Niterói, buscou a compatibilização dos bairros propostos com os setores censitários do IBGE. Os bairros foram divididos da seguinte forma: Badu, Baldeador, Barreto, Boa Viagem, Cachoeira, Cafubá, Cambainhas, Cantagalo, Caramujo, Centro, Charitas, Cubango, Engenhoca, Engenho do Mato, Fátima, Fonseca, Gragoatá, Icarai, Ilha da conceição, Ingá, Itacoatiara, Itaipu, Ititioca, Jacaré, Jurujuba, Largo da Batalha, Maceió, Maria Paula, Matapaca, Morro

do Estado, Muriqui, Pé Pequeno, Piratininga, Ponta da Areia, Rio do Ouro, Santa Barbara, Santana, Santa Rosa, São Domingos, São Francisco, São Lourenço, Sapê, Tenente Jardim, Vila Progresso, Várzea das Moças, Viçoso Jardim, Viradouro e Vital Brazil. Foram incluídos quatro outros bairros – criados por lei municipal, após o Censo 2000 - todos pertencentes à região oceânica: Jardim Imbuí, Santo Antonio, Maravista e Serra Grande.



Figura II – Mapa da Cidade de Niterói (acesso no dia 10 de fevereiro 2009 <http://www.googlemaps.com.br>)

Já o Plano Diretor de Niterói, Lei nº 1157 de 1992, procurou estabelecer diretrizes urbanísticas para o desenvolvimento urbano e econômico, dividindo o município em cinco regiões de planejamento. A divisão foi baseada em critérios de homogeneidade em relação à paisagem, tipologia, uso das edificações e parcelamento do solo, considerando-se ainda, aspectos sócio-econômicos e físicos, em especial, as bacias hidrográficas. As cinco regiões são: Região Norte, Região Praias da Baía, Região Pendotiba – onde se encontra o bairro do Sapê, Região Oceânica e Região Leste.

A história de Niterói ainda registra o município sendo o único do Brasil fundado por um índio, o cacique temiminó Araribóia, que em tupi-guarani significa "Cobra da Tempestade". Araribóia foi um personagem importante, tanto para a história de Niterói, quanto para a história do Rio de Janeiro e da colonização portuguesa no Brasil, tendo combatido e vencido franceses e tamoios no Rio de Janeiro.

No passado, Niterói também já foi a capital do Estado do Rio de Janeiro (1903). Em 1906, aconteceram várias obras de melhoramentos urbanos, como a iluminação elétrica e o sistema de esgotos. Foi também o ano em que os bondes elétricos começaram a substituir os bondes puxados a burro. Inaugurou-se, também, o Estaleiro Rodrigues Alves, da Cia Cantareira de Viação Fluminense. O retorno de Niterói à condição de Capital do Estado do Rio de Janeiro deu-se principalmente por sua proximidade com o Rio de Janeiro, município este mais importante da rede urbana nacional (liderava as exportações de café através do seu porto). Este foi o início de um período de intervenções urbanas, promovendo a cidade de infra-estrutura qualificada, procurando organizar uma vida urbana condizente com sua condição perante o Estado Fluminense.

No Brasil, ao longo do século XX grande número de cidades nasceram, cresceram e desenvolveram. Foi o século em que o país mais se urbanizou. É a partir da década de 70, que se inverte com força, a relação rural-urbana até então vigente. (OLIVEIRA, 2001).

A década de 1970 traz para Niterói a ponte Presidente Costa e Silva, mais conhecida como Ponte Rio-Niterói e também marca a fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, passando a capital do novo Estado do Rio de Janeiro para a cidade do Rio de Janeiro. A fusão trouxe esvaziamento econômico para a cidade, situação que se modificou com a conclusão da ponte Rio-Niterói. Houve um redirecionamento dos investimentos públicos na cidade, objetivando a expansão urbana regional e local, exigindo a adequação e ampliação da infra-estrutura básica existente, visando o crescimento do mercado imobiliário,

principalmente nas áreas centrais e bairros litorâneos consolidados da Zona Sul (Icaraí e Santa Rosa), redirecionando a ocupação para áreas as regiões Oceânica e **Pendotiba**.

5.3 O BAIRRO DO SAPÊ, PENDOTIBA

Devido a inexistência de qualquer documento de história escrita sobre a comunidade do Sapê, inclusive na Associação de Moradores do bairro, esta pesquisadora valeu-se de visitas à Universidade Federal Fluminense (UFF) – Centro de Memória Fluminense - para buscar algumas reportagens de jornais antigos (a partir de 1974) que pudessem trazer informações úteis à pesquisa de campo sobre o bairro do Sapê. Além disso, buscou-se registros de órgãos da Prefeitura sobre a história da cidade. Também não obtivemos sucesso. Os dados contidos no início desta pesquisa, que falam sobre população e algumas informações econômicas sobre o bairro foram encontradas junto ao IBGE (2004), nos dados do censo 2000 .

Encontramos na UFF apenas um recorte de jornal com menção ao bairro do Sapê, na biblioteca central, seção de memória dos bairros de Niterói, com data de 17.12.1974. É uma nota do Jornal *O Fluminense* (1974), citando o bairro do Sapê com a seguinte chamada: *Sapê agora só espera seu asfalto* (reportagem em anexo). Todos os outros recortes eram referentes à região de Pendotiba (que compreende os bairros do Sapê, Badu, Cantagalo, Ititioca, Largo da Batalha, Maceió, Maria Paula e Matapaca), incluindo alguns bairros sem mencionar o bairro do Sapê. A nota aborda, de forma breve, os problemas do bairro do Sapê em 17.12.1974, trazendo a desesperança dos moradores em relação à questão dos serviços precários de saneamento básico, fornecimento de água, luz e transporte público.

(O Sapê) dispõe de uma única linha de ônibus, que apresenta dois inconvenientes: só coloca em circulação veículos velhos e assim mesmo os desvia nos fins de semana para Itaipu. Resultado: os moradores têm de andar a pé [...]. Desiludidos com tudo isso, mas para não esmorecerem de todo, acreditam na pavimentação de sua estrada. Afinal, sonhar não custa dinheiro (O FLUMINENSE, 1974, p.7).

Nestes outros recortes, as chamadas eram: *Pendotiba, o oásis verde de Niterói* (Jornal do Brasil, 2004); *O verde faz de Pendotiba uma opção para a classe média morar em Niterói* (O FLUMINENSE, 1977) *Água e luz são os maiores problemas de Pendotiba* (O FLUMINENSE, 1974) e *Guetos de luxo e miséria em Pendotiba* (O GLOBO, 1996). Este último traz um estudo realizado pelo arquiteto Marcelo Fonseca sobre o crescimento econômico, social e demográfico da região.

A dissertação de mestrado de Marcelo (FONSECA, 1974), morador da área de Pendotiba, intitulada *Reestruturação e segregação espacial em Pendotiba: a luta por um lugar* foi defendida no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. Este estudo mostra que, até a década de 1960, Pendotiba foi um dos principais estoques de terra não ocupada da cidade, sendo quase toda região baseada em pequenas propriedades rurais de economia de subsistência. Já na década de 1970, com a Ponte Rio-Niterói (inaugurada em 1974) houve um crescimento demográfico na cidade de Niterói, com profundos reflexos na área de Pendotiba. Além disso, a classe média da cidade migrou para os condomínios de luxo, construídos principalmente nas áreas de Pendotiba, Cambinhas e Piratininga, provocando a formação de “guetos” de privilegiados (classe média que vinha de Icaraí, Ingá e outros bairros tradicionais, porém saturados, de Niterói; além de pessoas vindas do Rio de Janeiro, com a facilidade da nova ponte) e “guetos” de excluídos (moradores antigos do bairro, pessoas de classes econômicas menos favorecidas, a maior parte vivendo de agricultura de subsistência).

A ocupação excludente que privilegia condomínios fechados passou a ser a tônica e acarretou, também, a favelização, já que a mão-de-obra menos qualificada empregada pelos condomínios, acabou sendo empurrada para a periferia. O município, incapaz de fornecer infra-estrutura para a região, optou por privatizar os espaços públicos. O capital imobiliário, interessado em comercializar os terrenos, assumiu a responsabilidade de suprir as necessidades de infra-estrutura. Os condomínios assumiram responsabilidades de suprir as necessidades como a de construir e manter estações de tratamento de água e esgoto. Além disso, a apropriação privada de grandes áreas limita o acesso público a áreas de valor paisagístico e de lazer (FONSECA, 1974, p.14).

Segundo o *Jornal O Fluminense* (1977), o trecho “nobre” da área de Pendotiba estendia-se desde a Sociedade Pestalozzi, na Estrada Caetano Monteiro até o Rio do Ouro, sendo grande parte do público moradores dos grandes condomínios oriundos do Rio de Janeiro e da Região Metropolitana. O acesso ao município foi facilitado pela construção da ponte Rio Niterói e um dos maiores atrativos da região é a proximidade das praias oceânicas, a poucos minutos, totalmente livres das impurezas que caracterizam as praias que estão dentro da Baía de Guanabara. Um outro atrativo era a ampla disponibilidade de terras.

No entanto, bem antes da inauguração da Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói), os técnicos já previam que, em consequência da falta de espaço territorial de Icaraí, Santa Rosa e outros bairros mais populosos de Niterói, a cidade iria crescer no sentido de Pendotiba, Piratininga, Itaipu e Itacoatiara. Com menos de um ano de funcionamento da ponte, esta previsão já era notada, com os terrenos sofrendo uma grande valorização (O FLUMINENSE, 1974).

O governo municipal (IDEM, 1977) traçou diretrizes para transformar Niterói, em prazo reduzido, numa segunda opção de moradia dentro da Região Metropolitana. Uma das diretrizes foi o incentivo maciço à vinda da classe média para a área de Pendotiba, facilitando-se a compra de imóveis ou terrenos a prazos bastante confortáveis. A venda de lotes pelos meios de comunicação provocou uma verdadeira corrida de pessoas interessadas pelo verde característico da área, sendo este um dos maiores apelos do marketing entre as corretoras “a paz de Pendotiba”. Porém, a mesma matéria traz a contraposição à realidade quase que paradisíaca das promessas das construtoras e corretoras da época:

O crescimento acelerado da região, no entanto, precisa ser dosado, segundo os órgãos municipais responsáveis pelo traçado urbanístico da cidade. Na verdade, o saneamento básico é insuficiente em toda a área de Pendotiba, carecendo de investimentos de vulto, o que a receita municipal não comporta.[...] A médio prazo irão surgir problemas de mais alta complexidade e altamente onerosos no que diz respeito à solução (JORNAL O FLUMINENSE, 1977, p. 11).

Apesar desta matéria não se referir diretamente ao bairro do Sapê – o qual não está inserido na qualificação de bairro “nobre” de Pendotiba – a realidade citada vale para toda a área de

Pendotiba – incluindo o bairro do Sapê – a qual na década de 1970 era uma grande alternativa a bairros como Icaraí, Centro, Fonseca, entre outros, onde a poluição (inclusive sonora) já aumentava em ritmo mais acelerado. Os grandes condomínios chegaram também ao Sapê, trazendo a classe média também para esta comunidade, pelos mesmos motivos apresentados pela matéria em referência– benefícios oferecidos pela grande área verde e ainda sem poluição, prometendo à classe média que vinha dos bairros mais urbanizados garantia de vida longa e sadia. Em contrapartida, o bairro do Sapê e outros bairros de Pendotiba ainda enfrentavam grandes problemas, como falta de saneamento básico, falta de condução, iluminação pública precária e falta de calçamento.

Tantos são os problemas da localidade (bairros da área de Pendotiba) e o abandono a que foi relegada pelas autoridades estaduais e municipais, que os moradores costumavam chamar Pendotiba de “Quintal de Niterói”. O que adiantou o Governo iniciar o aterro da orla marítima, se outros bairros ficaram esquecidos, como é o caso de Pendotiba? Ou será que Pendotiba não faz parte de Niterói e não recebe turista? (O FLUMINENSE, 31.12.1974, p. 2)

Em outro artigo, do Jornal do Brasil (2004), intitulado *O Oásis Verde de Niterói – Bairros de Pendotiba, onde a natureza ainda é dominante, serão transformados em áreas de especial interesse agrícola na cidade* – alguns bairros de Pendotiba são citados, ainda não incluindo o Sapê. Na matéria, moradores falam da paisagem e da impressão de estar bem longe dos centros urbanos, sendo a tranquilidade a principal vantagem do bairro, há apenas 30 minutos do centro da cidade.

Aqui é muito melhor. Todos ficamos voltados para a família. A tendência da região é crescer cada vez mais. Já há grandes empresários se estabelecendo por aqui. O crescimento é irreversível (JORNAL DO BRASIL, 2004, p.6).

O comentário desta moradora é um lamento, já que a matéria explica que a mesma escolheu viver num bairro rural, após ter passado pelo tumulto e correria dos grandes centros urbanos. Mesmo representando uma parcela quase insignificante da economia do município no ano de 2004 – 0,5% - a atividade rural de caprinocultura (criação de cabras) era a atividade econômica de Thereza e seu marido Alexandre (IDEM, 2004), durante muitos anos na região de Pendotiba. Hoje, em 2009, infelizmente, como previa Thereza, seja pelo

crescimento urbano desordenado ou por especulação imobiliária, sua fazenda foi substituída por condomínios, de acordo com depoimentos informais de moradores locais.

5.4 CARACTERÍSTICAS ATUAIS DO BAIRRO

O bairro do Sapê, segundo dados do censo 2000 (IBGE 2004), começou a surgir a partir da área conhecida como Fazendinha, mas desenvolveu-se em outra direção. A Fazendinha atualmente é uma das localidades que compõem o Sapê. A população está distribuída ao longo da estrada Washington Luiz (antiga Estrada do Sapê), principal via de acesso, que se inicia no Largo da Batalha e atravessa todo o bairro, fazendo a ligação com o Caramujo e Santa Bárbara. A população do Sapê corresponde a 0,96% do total do município, sendo sua área 2,69 Km² e a densidade demográfica de 1.559 hab/km².

Na distribuição da população por sexo, nota-se no bairro uma situação relativamente equilibrada, com discreta superioridade da população feminina (51,16%) sobre a masculina (48,84%). Mais da metade da população possui idade de 0 a 29 anos (59,32%), com pequena concentração nas faixas de 10 a 19 anos. Há de se destacar uma redução da população com mais de 60 anos, representando somente 6,42% do total.

O bairro apresenta uma taxa de alfabetização de 85,88%, ocupando a 36^a posição no conjunto dos 48 bairros. Percebe-se, entretanto, que as faixas etárias de 10 a 34 anos apresentam taxas elevadas, declinando a medida que as faixas etárias são avançadas. É notada a predominância de uma população de baixa renda, na qual 77,05% dos chefes de domicílio possuem um rendimento médio mensal de até três salários mínimos. Em contraposição, não chega a 1% os chefes de domicílio que recebem mais de 15 salários mínimos. Na condição de ocupação — 87,02% dos domicílios são próprios, 8,80% são alugados e 4,18% correspondem a outras formas de ocupação. Em relação ao abastecimento de água, a maioria dos domicílios utiliza poços ou nascentes. Quanto à instalação sanitária, 68,43%, que correspondem a 754 domicílios, utilizam outras formas de escoadouro assim identificados: 229 usam valas; 179 usam fossas rudimentares; 317 utilizam outros recursos e 29 domicílios recenseados não utilizam nenhum tipo de escoadouro.

O grande crescimento demográfico do bairro do Sapê ocorreu no período de 1970 a 1980, quando foi o terceiro de maior taxa anual de crescimento (10,42%) no município, fato comum a outros bairros da região. Este fato também coincidiu com a pavimentação de sua principal via de acesso, a estrada Washington Luiz. Em contraposição, no período seguinte, de 1980 a 1991, o bairro apresentou resultado negativo (0,46%). Mas é necessário considerar também a reorganização dos setores censitários, com vista ao decreto número 4.895 de 1986, que criou novos bairros, entre eles o Sapê.

A disponibilidade de terras propiciou o surgimento de condomínios fechados e de loteamentos para segmentos de classe média, atraídos por áreas verdes remanescentes. Além disso, observa-se nas proximidades da estrada Washington Luiz uma predominância de edificações de padrão de construção médio, que associadas aos condomínios Ubá V, Sítio das Orquídeas e Lírios do Campo acabam mascarando a realidade do bairro, onde a maior parcela da população concentra-se em bolsões de favelização nas localidades de Mato Grosso, Fazendinha, Buraco, Pedro, Cambaxirra, Armazém Novo, Rodo e Falinha.

O comércio do Sapê é limitado em número de estabelecimentos e na diversificação de ramos comerciais, contando apenas com padarias, "biroscas", bares e lojas de material de construção. A população do Sapê, como a de muitos outros bairros próximos, recorre ao farto comércio do Largo da Batalha para suprir as suas necessidades. Também conta com a Escola Municipal Levi Carneiro, única do bairro, que atende da classe de alfabetização ao 9º. ano do ensino fundamental, atraindo ainda estudantes de bairros vizinhos. Após a conclusão do ensino fundamental, os estudantes são levados a procurar as escolas do Centro da cidade ou de outros bairros para prosseguirem os seus estudos. Conta ainda, com duas creches: uma funcionando na sede da Associação de Moradores e a Creche Berçário Mariozinho Gomes. Não possui Posto de Saúde ou hospitais. O transporte coletivo no bairro é considerado deficiente - existindo apenas uma linha de ônibus, 36-Sapê - principalmente em relação aos horários e número de veículos em circulação, principalmente no horário da noite.

BIOGRAFIAS - HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

1. BIOGRAFIAS		
1.1. IDA⁹	Idade: 74 anos; nasceu na Fazendinha, Sapê	
	Viúva: 3 filhos, dois deles trabalham com plantas	
	Trabalho: proprietária do Sítio de Carvalho, trabalhando com plantas ornamentais, em geral;	
1.2. FLORA	Idade: 75 anos; nasceu no Sapê	
	Viúva: 3 filhos; um deles trabalha com planta	
	Trabalho: cultivava renantheras em árvores de seu terreno (orquídea ornamental); base da renda familiar	
1.3. TATÁ	Idade: 85 anos, 60 anos no Sapê	
	Viúvo: 13 filhos. Bento (seu filho) trabalha com plantas	
	Trabalho: Mateiro/Erveiro	
1.4. LINA	Idade: 81 anos, 20 anos no Sapê	
	Viúva: 5 filhos, 15 netos, 13 bisnetos, 1 tataraneto	
	Dois filhos e um neto trabalham com plantas	
	Trabalho: Mateira/Erveira	
1.5. NILSON	Idade: 47 anos, 25 anos no Sapê; até 22 anos de idade era residente nas adjacências	
	Divorciado: 2 filhos, 1 filho trabalha com plantas	
	Trabalho: Cultivo de bromélias e orquídeas; Horticultor	
1.6. BENTO	Idade: 50 anos; nasceu na Fazendinha, Sapê	
	Casado: 3 filhos; filho de Sr. Tata	
	Trabalho: Cultivo de orquídeas (Renantheras)	
1.7. MÁRIO	Idade: 24 anos; criado no Sapê pela avó Lina desde pequeno	
	Neto da Sr. Lina	
	Trabalho: Mateiro/Erveiro	

⁹ Os nomes dos entrevistados citados nesta pesquisa são pseudônimos, resguardando a privacidade de cada participante.

5.5 HISTÓRIA ORAL POR MATEIROS, ERVEIROS E CULTIVADORES DO BAIRRO DO SAPÊ, NITERÓI, RJ

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória (NORA, 1993).

Na segunda etapa da pesquisa, entrevistamos antigos moradores do bairro do Sapê, juntamente a dois de seus descendentes, num total de 7 entrevistados. Durante as entrevistas, o espaço escolhido foi o quintal de suas casas, sendo que a entrevista de D. Lídia e seu filho Ricardo aconteceram no centro de Niterói, ao lado de sua barraca de venda de plantas medicinais.

Conforme detalhamos na parte I desta pesquisa, no item Recursos Metodológicos, os entrevistados foram indicados, a partir da entrevista ponto zero, sendo os nomes sugeridos a partir de cada contato com os entrevistados. Também colaborou para a indicação de dois entrevistados o pai do dono de uma mercearia tradicional do bairro. Os temas que se seguem surgiram a partir da fala dos entrevistados, em conjunção ao roteiro inicial de entrevista.

Procuramos abordar os temas citados durante as entrevistas, problematizando os fatores que facilitam ou dificultam a transmissão de conhecimentos na comunidade do Sapê, articulando as narrativas da pesquisa de campo com os conceitos trabalhados a partir do tema da memória social.

5.6 TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS - CONTINUIDADE OU INTERRUPÇÃO?

Algumas das narrativas provocaram uma mudança na percepção inicial desta pesquisadora sobre a questão intergeracional na comunidade estudada. Em princípio, o projeto de pesquisa considerava não mais existir uma troca intergeracional - relacionada aos saberes locais sobre as plantas - entre os moradores mais antigos do bairro e as gerações posteriores, mais precisamente os jovens da região. Durante as entrevistas, observamos que a geração seguinte aos antigos moradores entrevistados (neste caso, a segunda geração, seus filhos) teve grande acesso à prática com plantas, realizada por seus pais no passado, já que participavam ativamente do cultivo das plantas em família, durante sua infância.

Até certa idade, lá em casa, todos trabalhavam juntos, a família sempre reunida. Bento é o filho que continuou meu trabalho. Pau d'água e Dracena: ele só vivia disso (SEU TATÁ, 85 ANOS).

Dos 10 aos 12 anos, eu vivia dentro da mata, daqui até o Jacaré: entrava de um lado da pedreira e saía do outro! Aprendi o ofício com meu pai: tudo era aproveitado da planta, até o galhinho! [...] Desde muito pequeno peguei a responsabilidade de entregar as orquídeas. Antigamente, o serviço começava de manhã cedo e só parava meia-noite, lá em casa. Quatro horas da manhã, eu ia com meu pai para o rodo do Sapê para pegar o ônibus, cheio de embrulhos...depois, a barcaça para o Rio... Eu tinha... 9 ou 10 anos e levava planta para Botafogo, Copacabana. Quando tinha 16 anos, meu pai saiu de casa... minha mãe morreu quando eu tinha 21. Comecei a plantar orquídea, por minha conta. Levava para vender... na subida da mata da Figueira tinha muita renanthera e era nosso sustento por aqui (BENTO, 50 ANOS, FILHO DE SEU TATÁ).

Meus filhos aprenderam, mas hoje só um trabalha comigo. Os outros trabalham com carteira, mas todos entendem sobre ervas. Repassei o conhecimento, enquanto eles trabalhavam comigo, os filhos e os netos. Tem um que vai chegar...tá pegando ervas medicinais no mato. Ele vai buscar na mata... ele traz... sabe o que está pegando (DONA LINA, 81 ANOS).

Meus dois filhos, aprenderam a cultivar o caqui e as renantheras comigo e meu marido. Hoje, meu filho está desempregado e ajuda nas plantas... ajuda a tirar caqui, na época. Ele retira as renantheras e eu levo para os fregueses de Copacabana. Também vendo na CADEG. Hoje a produção é pequena, já foi muito maior (DONA FLORA, 75 ANOS).

Como dito, o projeto inicial desta pesquisa considerou, como hipótese de trabalho, que os mais jovens não teriam acesso às informações tradicionais sobre as plantas cultivadas ou coletadas na comunidade no passado¹⁰. De fato, durante as entrevistas, algumas narrativas trazem a questão do crescente distanciamento em relação às plantas, a partir da terceira geração dos entrevistados, seus netos. Há de se colocar a experiência de D. Lina como uma exceção em relação aos outros participantes, já que no seu caso específico seus conhecimentos foram recebidos através da experiência de sua avó e não de seus pais, fator este que pensamos possa ter motivado também seus netos a estarem mais próximos da atividade da avó Lina, até os dias de hoje.

Meu filho sabe trabalhar com ervas, meu neto também, o Mário. Hoje ele trabalha nas Sendas (neto), mas ele herdou o que fiz com minha vó ...ele sabe mais que eu, hoje!! (risos) Ele trabalhava comigo desde pequeno, mas agora está com carteira nas Sendas e 22 anos de idade (DONA LINA).

Tenho três filhos, mas eles não tiveram contato com as plantas. A vida deles é à toa, sem fazer nada...já encontraram as renantheras quando nasceram. Minha mulher, também, não dá valor às plantas. Meus filhos só estudam e ficam à toa...eu cuido sozinho do terreno..mesmo que não vendesse, estaria sempre com as plantas. Vivo com elas, converso com elas. Trato do pé de laranja, desde, criança e hoje o terreiro é todo tratado por mim. [...] Se não vendesse, iam estragar as plantas aqui. Por isso, tenho que cultivar elas e dá pena, ver o que acontece hoje! (BENTO).

Antigamente, a alimentação era melhor porque o povo cultivava. As pessoas vendiam peixe, verduras, legumes no Sapê. Existiam tropeiros, matadores de porco [...] hoje, as crianças começaram a ir para a escola, ficaram mais espertos e se distanciaram das plantas (SEU TATÁ).

Hoje em dia os adolescentes não querem saber de plantas...hoje está mais avançado, meu neto faz faculdade. Antigamente, a gente tinha era muito trabalho (DONA FLORA).

¹⁰ Lembramos que o projeto desta pesquisa partiu de observações de campo, durante encontros do Projeto Sapê, com jovens da região, onde não foi observada qualquer referência a este saber local sobre plantas, levando-nos a teorizar sobre a quebra na transmissão de conhecimentos da região.

Não tem ninguém mais que plante nada no Sapê, não! Ninguém planta mais nenhuma batata para comer, não. Porque só tem aí gente jovem, que estudou e trabalha em casa de família, comércio...aí não tem tempo para plantar. E também, já não tem mais espaço, né! Fazem uma casa aqui, outra ali, cimentam um pedaço aqui, abrem um caminho ali, cortam árvores lá (DONA IDA, 74 ANOS).

Como um membro da terceira geração (neto), o entrevistado Mário fala dos conhecimentos recebidos de sua avó, Lina. Percebemos, porém, uma diferença significativa em sua narrativa, não tão entusiasmada¹¹ em relação às plantas, em comparação a dos entrevistados da primeira geração (moradores antigos) e da segunda geração (filhos). Assim como Dona Lina tinha grande admiração por sua avó, Mário demonstra repetir a história de suas ascendentes:

Minha vó que me ensinou a mexer com as plantas, quando eu tinha 5 anos de idade. Aprendi de tanto vir trabalhar junto com ela..tava lá e ela me ensinava. Eu ficava vendo ela e meu tio Ricardo vendendo e aprendi, perguntando o nome das plantas. [...] Gostar a gente não gostava, não...até hoje estou aqui, né, ajudando ela. Sempre fui agarrado com ela, desde novinho (MÁRIO, 24 anos).

Uma outra observação seguiu-se: os próprios entrevistados (moradores antigos) já haviam recebido de gerações anteriores (pais e/ou avós) os conhecimentos que repassaram a seus filhos (e, alguns, para os netos). Sendo assim, constatou-se que a transmissão de conhecimentos sobre o cultivo de plantas ornamentais e coleta de plantas medicinais vem ocorrendo, ainda que de forma silenciosa, de geração em geração.

Meus pais viviam disso. Plantavam para viver. Meu pai era pedreiro, mas catava para sustentar a família. Passou de geração em geração. Aprendi muito, também, com a experiência dos antigos (SEU TATA).

¹¹ Veremos, no item posterior Ofício de Mateiro/Erveiro, com mais detalhe, a relação desta falta de entusiasmo com o ofício de mateiro/erveiro por ser uma questão um tanto quanto complexa e que traduz uma crescente desvalorização da profissão não só pelos mais jovens, mas também pelos próprios entrevistados.

A sabedoria vai passando de geração em geração. Os netos vão aprendendo para repassar para seus filhos e assim por diante. Minha vó passou para mim...eu passei para os filhos e os netos. Ela era parteira, garrafeira e raizeira. Fazia remédio, garrafada e ensinou tudo o que sabe. Herdei a sabedoria de minha vó, porque eu sempre indagava sobre as ervas. Meu pai pedia que eu ficasse quieta, mas minha vó dizia: olha, você deixa a menina, porque o que sei hoje vai passar para ela. Amanhã, quando eu partir...ela vai fazer o que estou fazendo, porque ela vai aprender! Ela morreu com 115 anos (DONA LINA).

Tenho afinidade muito grande com plantas, com área rural desde criança, por conta dos meus avós. Eles eram sitiantes e passaram para mim um carinho pelas plantas...eles cuidavam bem. Eles gostavam muito do que faziam. A minha mãe, também, sempre gostou de plantas, sempre me ensinou o que era uma coisa, o que era outra (plantas). Não me ensinou de maneira didática, mas de maneira caseira. O que me fez gostar de plantas foi a vivência de meus avós com a roça...eu observava o cultivo...então, o que me atraiu foi a vivência na roça (NILSON, 47 anos).

Observamos, assim, a criação de laços sociais, a partir da convivência e práticas relacionadas com as plantas trabalhadas, desde a mais tenra infância pelos entrevistados e sua família. É a partir desta relação, no reconhecimento dos laços simbólicos profundos - as plantas, no caso específico do Sapê - que se estabelecia, no passado, um elo de conexão familiar. A transmissão de conhecimentos trabalha, ainda que silenciosamente, pela preservação deste saber local, em meio às novas configurações espaciais e sociais do bairro. A preocupação de Benjamin e toda uma geração de intelectuais (SANTOS, 2003) com a perda de elos comunitários e de tradições estabelecidas, a partir do crescimento das cidades e dos processos capitalistas aproxima-se à temática que observamos hoje na comunidade pesquisada, assim como em outras com características rurais. O que pode acontecer quando a capacidade de escutar se perde e a comunidade dos ouvintes desaparece? A arte do narrador que transmitia a seu ouvinte a sabedoria adquirida por sua experiência de vida estaria mesmo morrendo? Estas não são perguntas a serem respondidas, até porque não estamos sob o ponto de vista da linearidade da história e das relações, do certo e do errado, mas pontos problematizados a partir desta pesquisa.

É importante lembrar que a resistência cultural ainda acontece hoje - mesmo que de forma tímida e silenciosa - dentro grupo de mateiros, erveiros e cultivadores entrevistados. Narrativa e escuta sobre o passado dão suporte aos atos de resistência, enraizamento e territorialidade, não só dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, mas também de outros (MOUTINHO, 2008) que conseguiram preservar as raízes de sua cultura ainda vivas até hoje, como no caso da cultura africana e da cultura nativa indígena. Por mais silenciosas – ou melhor, silenciadas - que sejam, elas continuam vivas até os dias de hoje, sendo sua memória uma sugestão para a continuação de histórias narradas.

Benjamin tem a temporalidade do presente como o momento da destruição. É o elemento destrutivo que assegura a autenticidade do pensamento dialético. O caráter destrutivo é a consciência do homem histórico. É por meio de seu interesse pelo tempo que a teoria da experiência de Benjamin se encadeia, com sua filosofia da história. Acima de tudo, esse interesse é um interesse pelo presente como o local da experiência histórica. [...] O presente é construído na destruição e reconstrução da tradição (BENJAMIN, A. 1997, p. 12).

5.6.1 IMPACTO DA CHEGADA DA ESCOLA NO BAIRRO

Uma visão mais crítica da ação educativa busca a visão do aluno como agente individual e coletivo na história, sendo o meio ambiente resultante dos processos históricos vividos (LOUREIRO, 2006).

Ainda que não seja nossa intenção incluímos na escrita deste trabalho a influência da chegada da escola e o saber formal sob a população de bairros com características rurais, é importante destacar que, conforme as falas de alguns entrevistados no item anterior, muitas vezes a escola não busca referências locais para a organização de seu currículo, deixando de considerar uma experiência já existente na comunidade, muito anterior a ela - vivida por cada aluno, sua família, seus hábitos e seu meio ambiente.

A visão ingênua tende à reprodução de práticas educativas consolidadas, como, por exemplo, a da educação comportamentalista que acredita que dando (transmitindo) ao indivíduo (educando) os conhecimentos (aspectos cognitivo) necessários e ainda provocando uma sensibilização (aspecto afetivo) pela questão ambiental, o indivíduo pode transformar seu comportamento incorreto. Mas, se assim fosse, penso que não estaríamos mais vivendo uma crise ambiental tão grave (GUIMARÃES, 2006, p. 25).

A ênfase dada à grade curricular pré-estabelecida para o trabalho, seja no ensino infantil, fundamental ou médio, desconectada de uma visão crítica do meio ambiente local e das práticas rurais dos estudantes de bairros como o Sapê, acaba, ironicamente, por tornar a escola um dos fatores que dificulta a transmissão cultural de conhecimentos e significados da comunidade em que está inserida. Muitas vezes, ao focar questões globais¹², nacionais e continentais em detrimento a uma busca inicial ao que já existe na comunidade em que se insere, a escola perde o que poderia ser um item de motivação à ação dos alunos: a experiência local e o reconhecimento de práticas familiares, no território simbólico onde a escola atua.

Assim, a escola seria, antes, um espaço de troca de conhecimentos no universo das diversidades dos sujeitos envolvidos, possibilitando o reconhecimento de novos – ou antigos - modos de vida, diferentes dos referenciais dos grandes centros urbanos. A produção e a reprodução dos conhecimentos, valores e atitudes, tendo como ponto de

¹² É importante ressaltar que, ainda que a escolha do conteúdo considere as questões locais em contextos educativos, estas, por vezes, partem do referencial de valores dominantes e hegemônicos.

partida o saber local da comunidade em que a escola se insere, valorizam o aprendizado que trazem da raiz de suas práticas cotidianas no campo. Seria de imensa importância que este aprendizado fosse inferido para o mundo do conhecimento, buscando reconhecer o processo histórico de aprendizado percorrido pelas gerações locais até chegarem aos dias da escola de hoje.

5.6.2 O QUE FACILITA E O QUE DIFICULTA A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS ENTRE AS GERAÇÕES

As lembranças abrem espaço para o que veio antes e depois. Uma recordação chama a outra, compondo uma teia de lembranças mais ou menos singular, cuja textura se alinha pela maneira como cada memorialista recolhe e amarra as imagens pregressas e busca sua ressignificação (FROCHTENGARTEN, 2005)

Transmitindo suas lembranças, os participantes desta pesquisa têm a possibilidade de reconhecer suas experiências, reunindo elementos de uma construção histórica e social, ainda não registrada oficialmente. Semelhanças e diferenças entre as trajetórias vão compondo as memórias orais de antigos moradores do bairro do Sapê, a partir de um elo histórico em comum: a relação concreta e simbólica com as plantas.

Lembrando o conceito de Halbwachs (1980) sobre memória coletiva e os quadros sociais de memória, as referências sociais são o fundamento da memória individual. O indivíduo tem a memória do passado - a partir de seu passado como membro do grupo – trazendo, em si, um diferencial que se transforma ao longo da vida. As memórias individuais, assim como vimos no item 4.1 desta pesquisa, seriam pontos de vista da memória vivida no grupo social: a memória coletiva.

Assim, as relações sociais dos participantes desta pesquisa constroem-se e refazem-se, a partir das interações sociais nos diferentes contextos de suas experiências. Suas narrativas, embora aconteçam a partir de perspectivas de histórias pessoais distintas, dependem da situação social em que o narrador se encontra, enquanto transmite suas memórias. Desta forma, as histórias orais aqui apresentadas buscam um exercício de lembrança que

possibilite dar voz a mateiros, erveiros, produtores, cultivadores e horticultores do bairro do Sapê.



**Figura III : Foto de Pai e Filho, mateiros, na identificação de plantas medicinais
(arquivo pessoal, dia 20 de setembro de 2008)**

A construção de uma “interlingua” - no conceito de Benjamin (GAGNEBIN, 1994) onde o passado e presente aproximam-se, possibilitando comunicação e fruição – foi o caminho trilhado pela escrita deste trabalho, numa busca de traduzir a riqueza das experiências contidas nos relatos dos entrevistados e seus espaços simbólicos. Além disso, tendo em mente a necessidade política e ética que existe na rememoração, buscamos no quadro abaixo sintetizar, a partir das narrativas dos entrevistados, os fatores que promovem ou dificultam a transmissão/produção cultural de conhecimentos e significados, na comunidade em questão:

QUADRO RESUMO SOBRE TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS NO BAIRRO DO SAPÊ, NITERÓI, RJ	
<i>FATORES QUE FACILITAVAM A TRANSMISSÃO</i>	<i>FATORES QUE DIFICULTAM A TRANSMISSÃO</i>
<p>Disponibilidade de plantas no passado, próximo às residências:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pouco investimento com ferramentas e materiais – baixa tecnologia; - Gastos reduzidos com transportes – trajeto a pé até os pontos de coleta 	<p>Desvalorização da profissão a nível financeiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aumenta competição de pequenos produtores - baixa tecnologia; - Empresas entram no mercado – transportes e alta tecnologia
<p>No passado, uso mais freqüente das ervas medicinais, como alternativa de tratamento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Transporte precário dificultava acesso a farmácias; - Menos recursos financeiros para compra de remédios e para deslocamento de longa distância 	<p>Desvalorização da profissão no nível simbólico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Área rural - roça - como lugar ultrapassado; - Falta de perspectiva reduz entusiasmo dos antigos moradores e reflete na motivação dos mais jovens; - A atividade de mateiro/erveiro/cultivador não é considerada como profissão e sim como um “quebra-galho”
<p>Crianças, no passado, relacionavam-se entre si em brincadeiras de rua, próximo à natureza;</p> <p>Maior contato com a natureza local e com atividades de grupo</p>	<p>Escola desconectada dos saberes tradicionais locais;</p> <p>Crianças/jovens, hoje, desvalorizam cultura de baixa tecnologia e estão cada vez mais distantes dos grupos</p>
<p>Área do Sapê, no passado, com características rurais e grande disponibilidade de recursos naturais</p>	<p>Área do Sapê, hoje, com matéria-prima cada vez mais distante e escassa</p>
<p>No passado, relação mais próxima e familiar entre os membros da comunidade, incluindo trocas na agricultura de subsistência;</p> <p>Filhos ajudavam pais durante o trabalho com plantas</p>	<p>Ocupação desordenada e alterações no meio ambiente;</p> <p>Condomínios nos lugares dos antigos sítios;</p> <p>Violência/tráfico de drogas, inclusive em áreas de mata preservada</p>
<p>Passado: clima favorável ao cultivo de plantas e surgimento espontâneo de ervas medicinais</p>	<p>Hoje: clima desfavorável e meio ambiente degradado, dificultando cultivo e aparecimento espontâneo de ervas medicinais e plantas ornamentais</p>

Entre os principais fatores que facilitavam a transmissão de conhecimentos no passado está a disponibilidade de plantas e áreas verdes, em áreas próximas às residências. Pais e filhos partiam de suas casas, a pé, até os pontos de coleta de plantas medicinais, o que também não exigia gastos adicionais com transporte, ferramentas ou materiais.

A questão da precariedade dos transportes também dificultava o acesso a farmácias e Postos de Saúde, já que tinham que caminhar longas distâncias até a chegada a bairros do entorno. Desta forma, as famílias utilizavam com mais frequência as ervas medicinais facilitando tanto a venda das ervas por mateiros e erveiros, como a observação dos mais novos em relação à utilização das ervas pelos mais velhos.

As proximidade das relações no passado entre os membros das famílias e a vizinhança, facilitavam a troca intergeracional, onde filhos e pais trabalhavam juntos com as plantas não apenas por uma questão de proximidade do grupo, mas também por uma questão de necessidade na demanda de trabalho. Segundo a fala dos entrevistados, seus filhos, desde a infância, participavam das atividades com as plantas ornamentais e medicinais, tanto em casa quanto nas caminhadas para a coleta e venda dos produtos. O número reduzido de mateiros e erveiros no passado facilitava as encomendas tanto em Niterói, quanto no Rio de Janeiro, segundo a fala dos entrevistados.

Nos dias de hoje, com as transformações trazidas pelas novas configurações do bairro, há uma desvalorização da profissão, classificada no quadro anterior em financeira e simbólica, já que não consideramos apenas o aumento na competitividade de mercado, mas também a imagem do espaço rural como lugar de “roça”, ultrapassado, sendo suas atividades denominadas como alternativas ou “quebra-galho”. Os elementos de desvalorização simbólica repercutem negativamente na transmissão intergeracional, o que reforça a questão da desterritorialização na perda dos referenciais e enfraquecimento das identidades territoriais.

Os outros itens citados no quadro serão comentados a partir das falas de cada entrevistado, nos capítulos que se seguem.

5.7 O TRABALHO COM PLANTAS MEDICINAIS E ORNAMENTAIS



Figura IV – Foto de antiga moradora do bairro colhendo cacau (Fotógrafa Gisele Machado, setembro de 2008)



Figura V – Foto de antigo morador e cultivador do Sapê, com as Renantheras em arranjo ornamental (arquivo pessoal, março de 2009)

5.7.1 OFÍCIO DE HORTICULTOR/CULTIVADOR

Nasci atrás da Igrejinha da Fazendinha (Sapê). A primeira casa onde morei era toda de sapê, mas mudei para uma casa de pau-a-pique, sempre na Fazendinha. Meus três filhos nasceram na casa e cresceram também lá. Banheiro não existia: todos tinham um urinol e usavam no quarto – urinol das crianças e dos velhos era maior (risos). Quando fiz o banheiro, meus filhos já eram grandinhos. Engraçado...agora você me fez lembrar de uma pedra que era usada para ir ao “banheiro” na escola...que na verdade era no mato (ri e chora ao mesmo tempo).. as meninas iam de duas em duas ao mato, se tivesse uma pedra na mesa é porque já havia alguém lá e tínhamos que esperar a vez (DONA IDA, 73 anos).

De acordo com as narrativas dos entrevistados, o processo histórico percorrido pelas gerações mais antigas do Sapê deu-se a partir de contato, bem próximo, com o espaço rural e de poucos recursos disponíveis. As histórias orais registram o contato espontâneo com elementos da natureza através de atividades de lazer e brincadeiras ao ar livre, facilitando um elo de convivência, em comum, com as práticas rurais e a vizinhança.

Eu vivi uma parte da minha infância no Largo da Batalha (adjacente ao Sapê). Lá tinha mata, mas a gente vinha ao Sapê a pé e fazia excursão de bicicleta. A gente brincava na mata, coletava fruta na mata...tinha um maracujá que crescia espontaneamente na mata, que era nativo, um maracujá pequeno. Umas bolinhas pequenas, mas muito doces! Naquela época tinha uma riqueza muito grande de brincadeiras de rua, porque só se brincava quando todo mundo tava na rua...e tinha uma quantidade de crianças grande nas casas e era costume brincar na rua. Foi uma infância fértil (NILSON).

Mamão, banana, abacate,jaca, laranja, caqui em quase toda casa tinha, antigamente. O caqui ainda está aqui, mas ele tá sem folhas, tá vendo? Estas folhas que estão aqui são pé de caqui que vão brotar. Não se comprava estas coisas. Até meus 20 anos, por aí, era tudo assim...cada um tinha uma rocinha, plantava seu milho, aipim, batata doce. Tinha uns pés de café, quando chegava a época a gente colhia e tinha um pilão para socar o café. As vezes, eu ia com as crianças todas para lá capinar. A gente ia lá, plantava e depois capinava (DONA IDA).

Na idade de 10 a 12 anos minha vida era dentro da mata. Saía daqui até o Patrocínio (Jacaré). A brincadeira aqui era ótima dia e noite na lua clara. Passava de um lado ao outro da mata, muitas cobras, marimbondo, mas

meu pai e eu nunca fomos mordidos. [...] Aqui em casa temos, até hoje, jambo, jamelão, ameixa, babaneira, urucum, mangueira, carrapeta, goiabeira, pé de areca, arco de pipa [...] (BENTO).

O aprendizado do cultivo/horticultura, neste contexto, torna-se um caminho que flui a partir da convivência com membros da família – pais, avós, irmãos – desde muito cedo, inicialmente atendendo a uma demanda de suporte à produção doméstica. Neste contexto, o desenvolvimento de técnicas de cultivo acontece a partir da observação e vivência diária com as plantas, como no caso de Dona Ida, Dona Flora, Nilson e Bento, hoje especializados no cultivo e distribuição de plantas ornamentais.

*Minha profissão é horticultor, cultivador de orquídeas e bromélias. As bromélias vieram depois das orquídeas, em minha vida. Elas andam na natureza junto com as orquídeas. São plantas epífitas e usam as árvores apenas como suporte. Elas andam em conjunto, vivem em simbiose. Juntei o útil ao agradável cultivando bromélias e orquídeas. Uma parte do meu cultivo, eu trabalho com hibridação, que é o cruzamento de duas plantas para a geração de uma terceira planta, com as características que a gente deseja. Eu já fazia este trabalho com as bromélias e experimentei fazer isso com as orquídeas e, na primeira tentativa, já tive um resultado muito bom, que é uma *Cathleya*, que coloquei o nome de minha mulher. Ela é uma mistura de um híbrido, que se chama *Chocolate Drop* com uma outra que se chama *Cathleya Arrisonia*, que é da mata atlântica. A nova planta levou uns quatro anos para dar a primeira flor, foram anos de trabalho...Hoje, eu tenho uma orquídea produzida aqui, na área de viveiro do Sapê e isso vai ficar na lembrança para o resto da vida..vai ficar eternizada aqui, no Sapê, um lote de orquídeas únicas e muito bonitas (NILSON).*



Figura V (a): Foto da *Cathleya*, citada acima por Nilson, produzida através de hibridação em área do viveiro do Sapê (arquivo pessoal, maio de 2008)

O sítio onde moro, antigamente, tinha uma granja. Desistimos e fizemos uma chácara de rosas e um orquidário. Meu marido cultivava as orquídeas e cuidava do caquizal. Depois, ele morreu e eu não sabia como cultivar. Junto com meus filhos, aprendemos a cultivar as Renantheras e hoje a renda da família ainda vem das Renantheras (orquídeas) e do caqui (DONA FLORA).

Aos 21 anos, quando minha mãe morreu, comecei a plantar só orquídea. Na descida da Figueira a mata era orquídea pura! A gente levava para vender a flor...isso era nosso sustento. Eu cultivo as renantheras, mas, para dizer a verdade dá pena de vender. Em setembro, você vai ver aqui tudo vermelhinho!!! É rico, é pobre, é branco, é mendigo...tudo me pára para perguntar o que é. Mete a mão e pergunta: é plástico? Ninguém nem acredita que é natural. Tem que parar, que a Renanthera chama atenção, mesmo!! (BENTO).

A vontade de trabalhar com plantas começou depois que meus filhos casaram. Os filhos falaram que iam fazer criação de peixe e meu marido não quis. Aí, um dia eu combinei com eles: olha, vocês limpam o lugar aí, vamos vender plantas. Meu marido gostou da idéia e nós fomos vendendo...aumentando. Levou uns 5 a 6 anos para fluir bem o negócio. Aí...foi assim que começou o Sítio de Carvalho, que hoje já tem uns 15 ou 16 anos. Eu trabalhei muito tempo cultivando e vendendo as plantas. Hoje, meus filhos Jorge e Sidney tocam o negócio. Quando começamos, a gente escrevia tudo num caderninho, anotando o que vendia. Depois...começou a aumentar as vendas...tiramos nota fiscal e registramos o negócio. Aí, eu digo... olha...agora isso aí é com vocês! (DONA IDA)

Observamos que o lugar social que cada um dos entrevistados ocupa, no presente, fundamenta a representação de sua própria trajetória de vida. A experiência de vida de cada participante desta pesquisa com as plantas funciona como base da narrativa de suas memórias, sendo estas o resultado de relações sociais com a família e com o grupo a que pertencem. Em outras palavras, transmitindo seus conhecimentos durante a convivência em família, para a primeira geração (filhos) e/ou para a segunda geração (netos), os antigos moradores do Sapê atuam como mediadores entre gerações. Com todas as contradições que permeiam as relações sociais no bairro, observamos ainda presente uma tradição quase ainda artesanal, compartilhada de pai a filho.

5.7.2 OFÍCIO DE MATEIRO

Além da questão da transmissão intergeracional, uma outra questão que trouxe uma mudança de percepção em relação à expectativa inicial do projeto de pesquisa diz respeito ao ofício de mateiro. A partir das entrevistas realizadas, ficou mais claro para esta pesquisadora que a atividade com plantas na comunidade, especialmente o trabalho do mateiro/erveiro, nos dias de hoje, é considerado trabalho alternativo pelos mesmos - muito embora todos mateiros/erveiros entrevistados admitam que esta é sua renda principal e menos flutuante.

Percebe-se, assim, uma desvalorização da atividade com plantas pelas próprias pessoas entrevistadas, como profissão, ainda que suas narrativas comprovem uma profunda conexão com a atividade e que sua segurança financeira seja baseada no trabalho com plantas, seja ele de produção ou de venda. Antes de analisarmos esta questão, vejamos o que os entrevistados denominam como mateiro/erveiro:

Mateiros/erveiros vão ao campo pegar as ervas e vendem para as pessoas. Eles chegam numa mata fechada...virgem, tiram a casca e só deixam uma fita da casca, que é para cobrir outra vez, para não prejudicar a árvore. (...) São muitos anos de trabalho, 22 anos. Eu olho e já sei o que estou pegando no mato. Em casa, uso algumas coisas, porque não preciso, tenho boa saúde. [...] Trabalho na rua, levanto 5 e meia da manhã...só volto à noite. Faço todo o serviço de casa, antes de ir para a rua. De início, usava o pára-quedas no chão e tabuleiro. Hoje tenho licença da Prefeitura para trabalho como erva no centro de Niterói...mas, já trabalhei em Copacabana e Icarai. Minhas freguesas de lá vêm comprar comigo aqui. [...] Tatá é nosso principal mateiro. Uma pessoa boa...ele pode te passar a experiência dele. Ele vende para o Rio, para um depósito grandão. Apesar de estar com certa idade, encontrei um outro dia no ônibus com as ervas. Os jovens não agüentam o que a gente agüenta!! (DONA LINA).

Esta atividade, hoje, é bem menor que no passado...porque os ecossistemas estão sendo destruídos, mesmo. Alguns chamam de erveiros, outros de mateiros as pessoas que coletam plantas na mata e na periferia...até em beira de estrada. Eles têm um conhecimento destas plantas e coletam, embalam, às vezes levam para secar ou levar in natura, mesmo...colocam em sacos e levam para o centro da cidade para vender. Lá, eles têm umas

bancas de erva. São locais onde já existe uma tradição de venda de ervas medicinais e as pessoas de Niterói todo, incluindo os bairros mais ricos, vêm comprar ervas com eles, até do Rio. A maioria dos mateiros/erveiros coleta as ervas que vende, porque dá mais lucro. Agora tem pessoas que compram e trocam ervas entre colegas. Conheço o Tatá, o Bento, que é filho dele, conheço Dona Flora, conhecia um que faleceu, Seu Aurino. Tem outros no Sapê que conheço só de vista. Mas, eu vejo, ainda hoje, o movimento de coleta de ervas (NILSON).

Sou mateiro e trabalho com ervas e plantas. Certas doenças que a medicina não cura, o mateiro cura! Furneci para o Mercado das Flores, RJ Camarás, Sumarés, Orquídeas, Imbé...Gravatá e outras plantas. Fazia cestinhas, com ajuda dos meus filhos. [...] Criei um substituto para o arame, que na ocasião da guerra era muito caro: palitos para arranjo, a partir das plantas. Ah, mas naquele tempo, quem tinha dinheiro, tinha Renantheras. Hoje, forneço plantas medicinais para Laboratórios no RJ e para casas de umbanda (SEU TATÁ).



Figura VI: Foto de mateiro do bairro na identificação de plantas medicinais (arquivo pessoal, setembro de 2008)

Algumas perguntas vieram à tona, após o registro das memórias dos entrevistados: até que ponto a terceira geração (netos) escolhe não ser mateiro? Teriam sido eles condicionados pelos próprios familiares a procurarem uma “profissão”, a partir das mudanças ocorridas no

bairro e da conseqüente desvalorização do trabalho com plantas no bairro? Por que, a maior parte dos entrevistados, cita sua profissão como alternativa, ao mesmo tempo em que afirmam ser o trabalho com as plantas a base econômica de sua família?

É interessante observar que o sentido econômico sofre transformação, a partir da construção da ponte Rio-Niterói no município, da chegada da escola, dos grandes condomínios de classe média, do asfaltos no bairro, tendo como conseqüência uma flutuação maior de moradores no bairro e alteração na paisagem, até então inteiramente rural.

De acordo com os entrevistados que não nasceram no Sapê, o motivo principal de sua vinda para o bairro era ter mais área verde para plantar, já que a paisagem do passado favorecia bastante este tipo de atividade, com áreas de mata atlântica, minas d'água, peixe, etc. O Sapê era considerado um lugar de roça, no passado.

Vim para o Sapê, depois que pedi a Deus um lugar de roça. Havia muito sapê (planta), quando cheguei aqui. Na roça, fazia casa e cobria com sapê, quando não tinha telha. Raiz do sapê é boa também para diabetes (DONA LINA).

Vim para o Sapê para ter mais área verde para plantar. Tenho 13 filhos e 9 deles nascidos no Sapê. Quando cheguei, lembro da fazenda da Dona Ida, que hoje é dona do Sítio de Carvalho. Tinha muita casa de sapê e pau-a-pique por aqui (SEU TATÁ).

Quando chegamos aqui não tinha nada: nós que plantamos tudo. A área onde moro hoje era uma granja. Construimos uma chácara de rosas e um orquidário. O orquidário era o marido que cultivava... ele morreu... eu não sabia cultivar. Fiquei com as Renantheras e com os caquis, até hoje (DONA FLORA).

Sempre gostei de propriedade rural e estas coisas. Quando vim morar no Sapê, eu gostava de ver as hortas, as plantas da região e tinha um orquidário aqui, a Florália, que era muito antigo e tradicional e eles tinham um orquidário. A região era muito arborizada e de muitas orquídeas nas árvores. Então, aquilo despertou...assim uma curiosidade sobre aquelas plantas (orquídeas) (NILSON)

Em suas narrativas, os participantes fazem referência ao ofício de mateiro/erveiro ou ao trabalho com as plantas, como não sendo uma “profissão”. Quando se referem a uma profissão, destacam sempre a importância da carteira assinada.

Eu trabalhava e tinha esta atividade ao mesmo tempo. Depois fiquei só com as plantas. Cada filho seguiu sua profissão, mas cada um aprendeu comigo a lidar com as plantas. As filhas foram arrumando companheiro...casando. Meu pai era pedreiro, mas catava para sustentar a família. Passou de geração a geração! [...]Hoje o mateiro não tem tanto valor...a concorrência aumentou, as pessoas hoje vão de carro buscar as ervas e eu continuo a pé. Isso aumenta a concorrência, mas eu continuo insistindo em buscar as plantas a pé! (SEU TATÁ)

Eu trabalhava de dia na rua, com as ervas e à noite no Colégio, como inspetora em Niterói. Depois, fiquei só com as ervas. Meu filho Ricardo sabe trabalhar com ervas e é meu braço-direito por aqui; meu neto também sabe de tudo. Hoje meu neto está de carteira assinada nas Sendas, porque sempre incentivei eles a terem carteira. [...] Mas, se meus filhos ficarem desempregados, eles sabem trabalhar com as ervas, honestamente (DONA LINA)

Sou pedreiro, mas criado com planta. O Imbé foi nossa sobrevivência durante muito tempo. Abastecia o Barreto, Copacabana e o Mercado das Flores. Imbé de palito de bambu eram usados para as cestas (corbélia). Toda semana, a gente produzia de 15 a 20 mil palitos. Louro e Gravatá abasteciam mercados com 2 espécies de folhas. Nosso freguês era o Sr. João, da Camélia. De 22 anos em diante, passei para a profissão (pedreiro), mas meu dinheiro até hoje vem das plantas (BENTO).

Os homens trabalhavam lá embaixo e nas horas vagas faziam um servicinho de casa: mexiam no bananal, abacate e plantavam cana.[...] A gente plantava e depois dava uma capinada...ia com as crianças todas lá, capinar. Meu pai só ia nos dias de folga (DONA IDA).

Minha renda familiar hoje é baseada nas Renantheras e nos caquis. Meu filho está desempregado e me ajuda com as plantas... ajuda a tirar os caquis...ele retira as Renantheras e me ajuda a vender em Copacabana e na CADEG. [...] Meu marido era do Estaleiro Mauá...mas, vendia muito caqui e orquídeas. Eu vendo até hoje (DONA FLORA).

Isso aqui não é profissão, não senhora! É só um ganha pão para minha vó e para meu tio. Para eles, para mim, não. Este trabalho aqui é mais para quem precisa, senhora...arrumar um trocado no dia-a-dia. A maioria dos jovens prefere trabalhar de carteira assinada, né! Um benefício todo

mês...sabendo que é aquilo certinho ali. Aqui...só Deus mesmo! (MÁRIO, neto de D. LINA)

Observamos que as narrativas dos moradores mais antigos transbordam sua paixão e emoção, tanto pelas plantas quanto pela localidade do Sapê, no passado. O Sapê e o trabalho com plantas nos dias de hoje sofreram muitas transformações, a partir da desvalorização do espaço rural do passado – hoje considerado “roça”, no sentido pejorativo da palavra. Para os mais jovens, com acesso às escolas de nível médio em bairros urbanos adjacentes ao Sapê, admitir morar em localidade de “roça” é bastante constrangedor, com todo o acesso que hoje têm a informações via internet (escola), através dos livros didáticos e também pela comparação que sempre existe ao observarem as outras localidades do entorno – muitos são deslocados do Sapê para estudarem em bairros como São Francisco e Icaraí, bairros da zona sul de Niterói, já que não existem escolas de nível médio no bairro.

Um aspecto bastante contraditório desta questão é que, por outro lado, cada vez mais a população de classe média à classe alta procura áreas como o Sapê, com características ainda rurais, para que suas famílias tenham uma melhor qualidade de vida. Tomando como base o Sapê, as famílias de classe média a alta residem nos condomínios, que vão desde os mais simples (Condomínio Floresta Azul I e II) até os mais sofisticados (Condomínio Ubá).

5.7.3 IMPACTO DA CHEGADA DOS CONDOMÍNIOS

Apenas como referência para uma melhor compreensão, citamos alguns dados sobre os condomínios construídos no bairro do Sapê, a partir da década de 1980. Estes dados foram escritos com base nas entrevistas e também na análise dos jornais, mencionada no item História Escrita Oficial, no início desta segunda parte desta pesquisa.

Os grandes condomínios do Sapê – Uba V, Orquídea, Lírios do Campo – foram construídos para atenderem a esta crescente demanda, que inclui não somente pessoas do município de Niterói, como também pessoas vindas do Rio de Janeiro, em busca de melhor qualidade de vida. Em contraste, os antigos moradores continuaram residindo em suas pequenas casas,

tendo alguns, ainda, vendido terras para as construtoras, já que em sua quase totalidade não possuíam registro na Prefeitura, sendo grandes áreas de posse no passado e até hoje. Os moradores dos condomínios, em geral, possuem uma infraestrutura completa de lazer dentro dos limites do condomínio, alguns incluindo piscinas e pequenos mercados: facilidades para que os moradores não precisem recorrer à área externa ao condomínio para pequenas compras de urgência.

Os moradores, em sua maioria, possuem de um a dois carros, permanecendo a maior parte do seu dia em trabalhos e escolas de outras localidades, principalmente o Rio de Janeiro.

O Sapê era caminho de lá vai um! Onde hoje é o Condomínio Lírios do Campo era só mata! Mata pura! Já na área do Condomínio Floresta Azul tinha uma mina d'água dentro de uma grande fazenda. A gente pegava água ali para construir minha casa e também para comer. Lá também tinha uma folha enorme de chapéu de couro. Pedi a Deus que queria morar num lugar de roça e vim para cá (DONA LINA).

Há uns 30 anos atrás, a terra era mais barata no Sapê e as pessoas vinham para cá, atraídas pela facilidade para o cultivo. Existia terra mais fácil, aberta. Hoje, praticamente todos os sítios do passado viraram condomínio. Quem tinha um sítio vendeu para as construtoras de condomínios. Não que os condomínios venham devastar a região, mas ocupam as áreas melhores para cultivo. Onde havia um sítio com uma ou duas casas, se instalou um condomínio, com diversas pessoas. Ainda não é tão ruim por serem condomínios de casas e não de apartamentos! [...] O asfalto e a luz vieram antes dos condomínios – menos para a Fazendinha. Os moradores dos condomínios não utilizam ônibus, porque cada morador possui 1 a 2 carros. Os moradores antigos continuam andando a pé e nos ônibus, que hoje ainda é precário. Mas, imagina antigamente (NILSON).

Aqui, antigamente, passava só um carro, quando cismava (SEU TATÁ).

Os condomínios trouxeram mudanças ecológicas, sim, pela geração de mais esgotos, uma quantidade maior de casas. Além disso, cerca-se grandes áreas, o que interrompe as passagens tradicionais para a mata dos coletadores de ervas. [...] A questão da alimentação dos animais, por exemplo, os moradores dos condomínios começaram a dar comida para os micos e com isso eles foram proliferando na região e acabando com os pássaros. Eles acham bonito e tal...mas não conhecem a realidade local, do que acontece no dia-a-dia (NILSON).

Entretanto, foram apontadas pelos entrevistados algumas vantagens surgidas a partir da chegada dos condomínios. Além da oportunidade de emprego para alguns moradores do bairro, os condomínios trouxeram uma maior circulação de clientes, sejam paisagistas ou leigos, em busca das plantas ornamentais cultivadas na Florália e no Sítio de Carvalho, além da possibilidade de conhecerem cultivadores locais. Além disso, os condomínios acabaram assumindo parte das responsabilidades do poder público, relacionadas à infraestrutura de áreas do bairro.

Não tenho nada contra os condomínios. Muita gente reclamou, dizendo que atraem mais ladrões, atrai mais maldade, talvez, né. Os condomínios trazem mais movimento, empregados que vêm trabalhar. Convivemos bem com o pessoal dos condomínios.[...] O que hoje está ruim aqui é muita gente de fora vindo morar em pequenos pedaços de terra. As pessoas vendem um pedacinho e você faz uma casa; a outra vende e assim vai. Mas, é a evolução, né, dos tempos. Não tem muito como se livrar. Nosso terreno aqui...no Sítio de Carvalho estamos conseguindo conservar. A Florália, também, conservou muito tempo esta área dela toda.. faz rumo aqui com a gente. Até que os donos morreram e os filhos fizeram o Condomínio...tirou a área verde... mas.... A área verde maior aqui era essa, este sítio e a Florália (DONA IDA).

Por outro lado, os condomínios ... de certa forma ... reduzem as áreas expostas ao crescimento desordenado, já que o poder público, na maioria das vezes é ineficiente, em se tratando deste assunto por aqui (NILSON).

6 MEMÓRIAS DO PASSADO, IMAGENS E VIVÊNCIAS DO PRESENTE

A história da localidade do Sapê, contada por alguns de seus antigos moradores, traz um contraste de nostalgia e satisfação, não apenas para quem narra, mas também para quem ouve palavras tão simples e, em sua sabedoria, tão profundas. A história oral é uma das melhores formas de se fazer com que as pessoas falem sobre suas vidas, já que permite ao pesquisador explorar não apenas fatos e atividades, mas também sentimentos. Ao falar, os entrevistados articulam suas experiências e refletem sobre o significado destas experiências para si:

Eu tô muito esquecida! Ainda pensei: ela (pesquisadora) não escolheu uma boa pessoa para entrevistar... mas, pensei, pensei a gente, quando chega a uma certa idade, nunca quer parar de fazer o que fazia! Embora faça menos... mas eu, de vez em quando, catuco estas plantas aí, mexo nas flores, eu faço menos, mas faço. Quando eu trabalhava aqui, no início do Sítio de Carvalho, eu abria a loja às 7h e fechava a hora que dava. Enquanto a gente enxergava, a gente ficava aqui. Hoje, não. Meus filhos têm horário e eu só ajudo; para entreter o tempo, a gente vai fazendo... (DONA IDA).

O tempo do passado em suas falas - ainda que retratando uma série de dificuldades próprias de cerca de 30 anos atrás - traz boas lembranças da família nos trabalhos, dos costumes, tendo a vizinhança um elo de amizade com as famílias. No tempo presente, predominam as transformações drásticas nos espaços públicos e no meio ambiente rural do passado, dificultando as relações de identidade e de pertencimento dos antigos moradores do bairro.

Antigamente, o Sapê era um bairro bem familiar. As famílias antigas iam crescendo, mas todo mundo conhecia todo mundo. Então, existia uma relação muito familiar com quem se conhecia. Os moradores estavam sempre nas portas das casas, nos muros à tarde, no fim-de-semana colocavam cadeiras nas calçadas, estas coisa de bairro familiar. Os antigos foram morrendo e muita gente veio de fora. Por ser uma região central em Niterói, veio muito morador de fora. E, com as vias públicas, o asfaltamento de ruas laterais, aconteceu um maior acesso aos pedaços mais remotos do Sapê. Isso facilitou a chegada de muita gente de fora. Então, hoje, a característica mais importante é que você não conhece mais as pessoas

daqui. Está deixando de ser um bairro familiar para ser um bairro com rotatividade maior. Você não tem o acesso familiar que tinha, antigamente. Hoje, você vê gente estranha entrando e saindo daqui a toda hora. Bom dia, boa tarde, boa noite... a conversa de bairro... boa parte das pessoas não valoriza mais isso: a troca entre as pessoas (NILSON).

Segundo Halbwachs (1990), as transformações de um lugar podem afetar os sujeitos e modificar seus hábitos, já que eles são considerados isoladamente, mas em interação constante ao longo de sua vida e a partir de estruturas sociais determinadas. A paisagem transformada - parte do seu pequeno universo de lembranças e imagens - enfrenta o desafio de desaparecer de suas memórias, contraindo como uma parte morta, de si e do seu universo coletivo do passado. Assim, a memória abre espaço, também, para a imposição de coerções e exclusões, podendo ser um instrumento de dominação e controle, assim como o esquecimento (DERRIDA, 1989).

A política da justa memória precisa se equilibrar entre as tentativas de imposição do esquecimento e a obsessão pelo passado. É importante aceitarmos que há várias formas de lidar com o passado e que todas elas envolvem interesse, poder e exclusões (SANTOS, 2003).

A paisagem urbana atual conduz à experiência de desligamento das estruturas associativas anteriores, onde o conhecimento era adquirido através de experiências vividas e de diálogos entre os sujeitos. Espaço e tempos passados, a partir da paisagem natural do bairro do Sapê há cerca de 20 anos atrás são revividos nas histórias orais que se seguem, numa busca de fragmentos deste “elo perdido” com o passado.

6.1 ESPAÇO E TEMPO PASSADOS

Buscamos reunir, neste item, as lembranças trazidas pelos entrevistados em relação ao meio ambiente em que viviam no passado – cerca de 20 anos atrás – no Sapê. Cada fala traduz imagens que se revelam ainda vivas nas memórias dos entrevistados, na apresentação do território e dos valores de alguns dos antigos moradores do bairro. Sabendo-se que não há registros ou informações escritas sobre a história do Sapê, os registros orais, abaixo, servem

de cartografia para o delineamento das características espaciais, sociais e simbólicas deste meio ambiente.

6.1.1 PAISAGEM NATURAL

Na reconstrução do vivido através de suas lembranças, os entrevistados falam dos espaços físicos do Sapê do passado, resgatando imagens inéditas para quem circula no bairro nos dias de hoje. “Pedra” e “Buraco” são localidades que todos conhecem no bairro, porém poucos das novas gerações conheceram a paisagem citada abaixo. As falas, ricas em detalhes, trazem a nossa imaginação um pouco das características do passado e a definição da localidade “Pedra”, onde hoje só existe o asfalto da estrada Washington Luis de um lado, do outro uma escola de ensino fundamental e nenhum vestígio de pedra:

Na estrada do Sapê, tinha um local muito bonito. Tinha uma pedra, que atravessava a pista de barro. Ela fazia tanto a pista, quanto fazia uma parede lateral. Tinha uma árvore muito grande, em cima da pedra. Na beira desta pista tinha uma casa antiga...um lago bonito! Era uma casa que parecia uma fazenda...mais abaixo, um gramado e mais abaixo terminava num lago, que era um córrego de água limpa, que vinha do alto do morro e que agora se transformou em vala de esgoto – com a chegada de mais gente e do desenvolvimento desordenado. A ponto deles aterrarem o lago e botarem uma manilha por dentro dele, só para correr a água. Isso, tudo, perto de uma área onde hoje é a Escola Catavento. A área era conhecida como “Pedra”. Em dois pontos desta região, a pedra do subsolo aflorava e fazia a pavimentação da via que era natural, mesmo. Então, o nome do lugar ficou conhecido como “Pedra” (NILSON).

Eu tinha muitos amigos na região do “Buraco”. Era uma região de alguns sítios, com frutas, tinha plantio de subsistência, era semi-agrícola. Eu comia fruta lá, tinha muito passarinho, muita criança. A gente brincava e andava pelo mato...era aquela coisa semi-rural (IDEM).

O mesmo não acontece na área da Fazendinha, onde até hoje o asfalto não chegou, caracterizando-se por ser, ainda, uma área com muitas árvores dentro e fora das casas. Segundo os depoimentos, até hoje existe uma horta, muito famosa no passado e a “Igrejinha”, referência do passado e do presente da localidade.

A área da Florália e Fazendinha tinha muita horta, eles produziam hortaliças, ali. Até hoje, eles têm uma horta. Não é muito grande, não. Mas, é significativa e fornece hortaliças para as feiras de Niterói. Antigamente, forneciam para o Largo da Batalha (NILSON).

O que mudou na Fazendinha? Não mudou nada! Cresceu muito para lá, depois da Fazendinha. O asfalto chegou para a outra parte do Sapê, aqui não há asfalto, ainda. As casas continuam escondidas na mata e tem muita planta por aqui. A luz e a água chegaram de 10 anos para cá, mais ou menos. Há cinco anos atrás colocaram um microônibus aqui dentro, mas só de segunda a sábado. Domingo, só a pé, mesmo. A prefeitura não faz nada para a gente, só abandono...abandono. Essa igreja aqui, que nós chamamos de Igrejinha, eu vivo dentro dela, hoje em dia. Foi minha primeira escola, quando eu tinha 5 anos. Sou da Igreja Universal há 4 anos, mas mesmo sendo católica, eu não saio da Igrejinha! Eu faço de tudo para ela crescer, porque é de frente para minha casa e eu tenho um carinho muito grande por ela. Tem um salão de festas e de resto vive neste abandono aí...você tá vendo (BENTO).

Aqui, nesta área da Fazendinha, existia um sítio só com uma casa, até mais ou menos os anos 1970. Depois, os filhos foram casando, construindo casas nos terrenos e aí estragou tudo, né! A família ficava junto, fazia casas no mesmo terreno. Por isso, aí dentro tá cheio de casa! [...] Um corta daqui, outro corta dali... o povo bota fogo no mato, não sabem viver sem pôr fogo no mato. Até tenho preocupação com esta área porque é uma área grande, né...é a maior que tem por aqui, ainda (DONA IDA).

Os itens em destaque abaixo foram agrupados para uma melhor organização das imagens trazidas, a partir da memória oral dos entrevistados em relação à paisagem natural do Sapê, no passado. A maior parte destes itens não faz mais parte da paisagem atual do bairro, mas nem por isso perde espaço nas lembranças dos moradores, sobre as imagens do passado.

6.1.2 PÉ DE JEQUITIBÁ

A maior parte dos entrevistados citou a história de dois pés de Jequitibás, centenários, situados na descida da estrada da Florália. Esta, também, é uma informação que tende a se perder por pertencer a uma memória muito antiga do bairro – cerca de 20 anos atrás - o que traz a este registro um valor especial para as novas gerações da comunidade, por terem

sido, segundo os relatos, as últimas árvores nativas de mata atlântica, de grande porte do bairro.

Tinha dois pés de Jequitibá, árvore centenária...ali perto da Florália. Um deles foi doado a Getúlio Vargas para fazer uma regata, depois que morreu por colocarem bruxarias dentro dele. Agora não tem mais nada (SEU TATÁ)

Tinha um pé de Jequitibá tão grande que uma pessoa podia se esconder dentro dele! (BENTO)

Os dois Jequitibás eram árvores bastante conhecidas aqui. Eram bem grandes e nativos da mata atlântica. Como eram árvores muito grandes e elas têm característica de criar raiz alta, há um metro de altura do solo, cria um tipo de caverna por debaixo da árvore. Aí, como era beira de via, o pessoal começou a fazer trabalho religioso... com vela. Então, começou a queimar a árvore...foi abrindo um buraco na árvore e chegou certo ponto em que começou a secar. Com o alargamento da estrada, tiveram realmente que cortar. Eu presenciei o corte das árvores, na década de 1980, mais ou menos. Com estas árvores no chão, remanescente de mata atlântica, mesmo, só em alguns pontos, de morros de difícil acesso...com pedra (NILSON).

6.1.3 CACHOEIRA E RIO

Um outro registro constante nas entrevistas é o do rio e cachoeira, os quais representaram uma possibilidade de lazer - principalmente nos fins-de-semana - para a maior parte dos antigos moradores do Sapê e adjacências. As imagens e a emoção trazidas, a partir das narrativas orais, possibilitam um contato quase que sinestésico com tudo o que estas águas representavam, no passado. O brilho nos olhos e o sorriso nos lábios dos entrevistados citados, abaixo, trouxeram parte da emoção e do sentimento que transbordam no reviver destas memórias.

A distração do pessoal daqui e do Caramujo no domingo era ir para a cachoeira, tomar banho aqui! Só era muito perigosa...entrava muito bem...quando via sumia! A cachoeira nascia no Parque da Colina. Este rio aí em frente, meus filhos à noite passavam um óleozinho para catar sapo e rã para vender. Agora, a senhora pode entrar que não encontra nada. A água...ficou toda envenenada. Vem do Morro do Céu, da lixeira; a senhora

vê, a água parece limpa, mas não tem um peixe! Num dia como hoje (domingo) tava tudo pescando neste rio aí, antigamente. O rio vinha de lá de Idésia, atrás da Casa do Homem de Amanhã. Ia desaguar lá na Souza Castro, no Alcântara, Tribobó, Rio do Ouro. Quando enchia...ficava tudo ilhado. A gente passava com carro, a pé ou cavalo...o meio de transporte que tinha por dentro d'água (SEU TATÁ).

Nasci no Sapê, tive meus três filhos aqui. No tempo dos meus filhos, eles tomavam banho e pescavam em um rio, que passa aqui embaixo. Tinha muita rã, muito peixe. Mas, depois da evolução dos lugares por aí...não a nossa aqui...começaram colocando muita sujeira no rio, esgoto, entulho e o rio está acabando. Agora é uma vala de água suja, não tem peixe nem nada. A água está pretinha [...] Interessante, né? Agora você me fez lembrar...pegava água no poço, quem tinha vasilhame grande enchia de água para o serviço de casa. Roupa era lavada na bacia. E, naquele tempo, eu lavei muita roupa no rio, antes de casar. Tinha umas pedras e lugar para as crianças tomarem banho. A água era limpinha! Até os meus 20 anos, eu lavei roupa no rio. A gente levava a roupa na bacia...normalmente, as mulheres. Lá a gente lavava roupa, enquanto as crianças tomavam banho e botavam a roupa para secar. Às vezes, a roupa ficava quarando e eu vinha em casa...era assim! [...] O rio, antes, era de pedras, tinha uma cachoeirazinha, uns buracões fundos. Ouvi dizer que na época dos escravos, eles quebravam pedras ali e faziam buracos fundos. O pessoal entrava lá, tomava banho, a água caía lá e enchia o buraco e vazava.. isso há uns 50 a 60 anos atrás (DONA IDA).

Tinha um rio que vinha do Badu, emendava no Caramujo. A água era tão limpa, que a gente bebia dela...tomava banho o dia inteiro. As roupas das Madames de Niterói eram lavadas neste rio...a gente pescava de cima da ponte (BENTO).



Figura VII: Foto de rio localizado no Sapê e a poluição nos dias de hoje (arquivo pessoal, dezembro de 2008)

Acreditamos que poucos moradores do bairro nos dias de hoje tenham tido acesso às águas da cachoeira, descrita acima. Durante as atividades do Projeto Sapê, muito se falava da questão do rio poluído do passado, onde os pais dos participantes pescavam e que hoje é apenas uma pequena vala negra. Porém, não havia nenhum tipo de comentário sobre qualquer cachoeira na área e muito menos que seria um espaço de lazer dos finais de semana do passado. Os comentários relacionados ao lazer sempre faziam referências às brincadeiras de rua, dentro da mata e com os recursos de baixa tecnologia que contavam para a confecção de brinquedos alternativos, conforme o item abaixo.

6.1.4 LAZER NO SAPÊ DE ONTEM

A gente era criança e brincava, brigava, subia no quintal do vizinho para pegar fruta...Brincava de quadrilha, balão, cafifa e bola de gude (BENTO).

As brincadeiras citadas nas entrevistas fazem referência aos elementos da natureza e também trazem características grupais, em oposição às brincadeiras das crianças e adolescentes de hoje - de classe média urbana - cada vez mais virtuais e com características mais individuais (vídeo-games, programas de jogos em computador, incluindo xadrez, cartas, onde também jogam com a máquina). Em relação às brincadeiras virtuais, há de se ressaltar que ainda não fazem parte da maioria dos lares dos moradores antigos do Sapê, mesmo nos dias de hoje, principalmente pela questão do baixo poder aquisitivo das famílias do bairro. Mesmo com as transformações que o bairro vem sofrendo, nas ruas ainda predominam as antigas brincadeiras citadas abaixo, como o carrinho de bilha encontrado em cada esquina do Sapê, ainda hoje:

Tinha época de brincar de carrinho de bilha (rolimã), jogar bola de gude, pião, fogueira, cafifa, brincava na mata e coletava uma fruta, que era um maracujá que crescia espontaneamente na mata, era nativo, um maracujá pequeno: umas bolinhas pequenas, mas muito doces. A gente fazia uma caveira de mamão e botava uma vela dentro e uma manta branca em cima do mamão... como se fosse um fantasma (risos). Fora estas brincadeiras, tinha esconde-esconde, polícia e ladrão, queimado,...Naquela época, existia uma riqueza muito grande de brincadeiras de rua, porque só se brincava quando todo mundo tava na rua. Tinha uma quantidade grande de crianças nas casas e era de costume brincar na rua em grupo. Foi uma infância bastante fértil! Era tudo com baixa tecnologia: lata, perna-de-pau, tudo construído por nós mesmos. Fazia carrinho de lata de leite, cortava bambu, fazia as varetas da cafifa. Quando não tinha dinheiro para comprar papel fino, fazia com papel de pão, mesmo (NILSON).

Percebemos, também, ser bastante comum – considerando os registros de campo durante as atividades do Projeto Sapê e as entrevistas desta pesquisa - a figura da(o) irmã(o) mais velha(o) cuidando dos menores, enquanto, em geral, as mães trabalham em casas de família ou comércio. Nestes casos, os mais velhos - na maior parte das vezes as meninas - assumem as tarefas da casa, como a preparação do almoço, a ida dos irmãos mais novos até a escola e também seu retorno, sem esquecer de seu próprio compromisso com o horário da escola. Se estudam pela manhã, acordam bem antes do horário da escola e preparam o almoço para todos em casa. Ao chegarem da escola, lavam a louça, varrem a casa, além de cuidarem não somente de seus deveres escolares, como também da explicação da tarefa dos irmãos mais novos. Para os(as) mais velhos(as) destas famílias, não há espaço para o lazer, restando apenas o espaço escolar como o momento das brincadeiras:

No recreio da escola, a gente brincava de amarelinha, corda e roda. Em casa, eu não era muito de subir em árvores, não. Eu, hoje, fico pensando... deve ser bom subir em árvore, como meus irmãos subiam, né? Eu fui meio sacrificada, porque minha mãe era muito doente e eu era a mais velha e nós éramos 7 irmãos. A mais velha não brinca muito, não, né! Mas... eu acho que era uma vida mais gostosa do que hoje. Hoje é tudo muito ali, naquele ritmo, tudo com hora...hora para tudo...(DONA IDA).

Ainda que não esteja no escopo deste trabalho a discussão sobre gênero, não poderíamos deixar de assinalar as diferenças das referências sobre o trabalho no campo para homens e mulheres da comunidade, no passado. O que para as mulheres seria um dever da dona de casa, para os homens da comunidade seria considerado um lazer ou a atividade dedicada apenas no tempo livre, como a fala abaixo. Vimos, nos itens anteriores desta pesquisa, como o trabalho de mateiro ou cultivador não tinha (e talvez ainda não tenha) valor de profissão para quem exerce a atividade, na opinião dos entrevistados. E, ainda assim, a agricultura de subsistência era de grande importância para as famílias, apesar do não reconhecimento da atividade:

Os homens trabalhavam lá em baixo...na cidade. Nas horas vagas, faziam um servicinho em casa – no bananal, no pé de abacate, tinha muita cana, mamão, jaca. Nesta época, cada um tinha sua rocinha, plantava seu milho, aipim, batata doce..isso, todo mundo colhia, ninguém comprava (DONA IDA).

6.1.5 PLANTAS MEDICINAIS

Escolhemos iniciar este item com alguns dados da literatura sobre a utilização de plantas medicinais no Brasil, por acreditarmos que possam nos auxiliar nos comentários sobre algumas falas dos entrevistados. De acordo com Lorenzi & Mattos (2002), até o século XX, o Brasil era um país essencialmente rural, com amplo uso da flora medicinal, tanto nativa quanto introduzida. Sendo assim, até meados do século XX, o uso de plantas medicinais no Brasil constituía a base da farmacopéia nacional.

Com o início da industrialização e subsequente industrialização do país, o conhecimento tradicional começou a ser posto em segundo plano. O acesso a medicamentos sintéticos e o pouco cuidado com a comprovação farmacológica das plantas tornou o conhecimento da flora medicinal sinônimo de atraso tecnológico e charlatanismo. Essa tendência seguiu o que já acontecera em outros países em processo de urbanização. [...] Essa inadequação inicial manteve a fitoterapia em um período de obscurantismo, onde esteve mais próxima do misticismo do que da ciência (LORENZI & MATTOS, 2002).

Estas colocações ajudam-nos a compreender os reflexos deste cenário em regiões rurais como o Sapê, onde é notável a crescente desvalorização de profissões relacionadas às plantas medicinais – como vimos no item 5.7.2 desta pesquisa – e o não reconhecimento dos próprios mateiros em relação a sua atividade como uma profissão. O vínculo do saber tradicional sobre as ervas com atividades místicas e de teor puramente folclórico ainda é feito pela população, em geral, muito embora tenhamos observado através das entrevistas deste trabalho, que isto não afastou uma parcela significativa da população da utilização e compra das plantas medicinais. Para além desta condição pejorativa em relação ao trabalho com plantas medicinais, as narrativas dos mateiros e erveiros trazem um orgulho e um prazer por continuarem exercendo sua atividade, ainda que de forma bem limitada em comparação ao passado:

Tem certas doenças que a medicina não cura que o mateiro cura. O pessoal do Laboratório da Rua do Senado no Rio sempre diz: Seu Tatá é o maior laboratorista...sempre dá uma sugestão quando necessitamos. O laboratório pede erva difícil, mesmo. A gente vai procurar, vou para Itaipuaçu... aí, tem que entrar no mato mesmo, levar facão... Com um facãozinho.. uma faquinha boa que arranjei agora para catar a carqueja...que é para

diabetes e certas modalidades de plantas. A gente é obrigado a entrar no mato com água e tudo (SEU TATÁ).

A questão da distância dos centros de saúde, da precariedade dos meios de transporte e do alto custo dos medicamentos, também, foram fatores importantes na utilização e aprendizado sobre as plantas medicinais, pela população de bairros com características rurais, como o Sapê. Sinalizam a utilização das ervas, tanto pela questão da experiência transmitida pelas antigas gerações, quanto por uma questão de necessidade. Traduzindo um pouco mais este comentário: se de um lado existe a proeminência dos determinismos sociais mencionados acima, por outro há a subjetividade destes atores – o valor de suas experiências pessoais com a medicina popular e a afirmação de valores tradicionais e de sua transmissão:

Quando precisava de medicamento, eu lembro que usava chá de arruda para dores na barriga, mulher, né. Usava erva doce, laranja da terra, sabugueiro para sarampo..estes chazinhos básicos. Mas, a gente ia ao médico, em Niterói, andando daqui da Fazendinha até o Largo da Batalha...40 minutos a pé. De lá, pegava o ônibus e ia até o médico. Quando voltava...mais 40 minutos a pé... (DONA IDA).

Aqui, no Sapê, tudo é Tatá. Eu sou o médico deles! Se tiver machucado...um pé quebrado...já sabe o que faz, né... Arnica serve para machucado e queda; Camará faz xarope contra bronquite, Dente de Leão tira mancha do corpo; Assa-Peixe é bem procurado para problemas no pulmão e gripe forte; Sumaré para ferimento e inflamação; Aroeira, Carobinha e Jatobá a gente faz garrafada, como fortificante e também para o pulmão; raiz de Tiririca para diabetes e assim por diante... (SEU TATÁ).

Estou aqui há muitos anos. A freguesia de Copacabana e Icaraí vem toda para cá. Aqui não tem classe: vem gente pobre, gente rica... qualquer um vem aqui. É só eles estarem precisando. Pelo tempo que trabalho, se as ervas não fossem aceitas, a gente não tava mais na rua, né?[...] Hoje tem médico próprio para o trabalho com ervas. As pessoas consultam e vêm comprar as folhas, aqui, com a gente! Antes, na época da minha vó, existia farmácia disso. Meus clientes são ricos, pobres... Muita gente usa ervas, folhas, cascas. Tanto serve a folha como a casca do arvoredo...aqui..Erva de passarinho e Assa Peixe para o pulmão; a raiz do Sapê – nome do nosso bairro – serve para diabetes. Se a criança tiver com pneumonia, a gente tira o sumo e bota com mel de abelhas ou leite. Poejo e guaco, a gente usa para bronquite. Vende muito! Agoniada serve por dentro e por fora, para inflamação, ferida crônica, ovário e útero. Carqueja serve para o fígado e

para diabetes; Espinheira Santa para gastrite; Erva de Bicho, para micose e hemorróida; Colônia é bom para quem tem problema de dormir, não precisa ferver; Gengibre serve para a garganta e para a mente... Mas, a erva tem muito mistério... (DONA LINA).

(no momento da entrevista, aproxima-se um outro mateiro, vindo de Magé e nos interrompe)

Mateiro: - *Você não sabe o que é isso, sabe?*

Pesquisadora: - *Não sei quase nada..*

Dona Lina: - *Nós sabemos, né? Ah, garoto!!!*

Mateiro: - *Esta é a casca do caju e a folha do caju. Servem para qualquer tipo de inflamação..*

Dona Lina: - *E, isso aqui tudo é para fazer uma garrafada: Casca de Arueira, Catuaba e Quina Rosa. Quem pode tomar vinho, bota tudo no vinho. Limpa isso tudo aqui, descasca, corta tudo bem pequenininho e coloca no vinho. Quem não pode com o vinho, faz chá e toma. No vinho, a gente deixa por uma semana; depois coa, põe numa garrafa e vende. A pessoa deve tomar um cálice pequeno, duas vezes ao dia.*

Vemos, assim, como mateiros e erveiros reconhecem as plantas medicinais com facilidade na mata e, após a coleta, classificam, prontamente, suas especificações e modo de utilização, a partir de suas experiências e de um saber tradicional, que se perpetua por gerações:

Reconheço no mato: eu olho e já sei o que estou pegando no mato. São muitos anos trabalhando. Fui criada com isso..minha vó fazia plantação destas coisas...para mim não tem embaraço (DONA LINA).



Assa-peixe



Aroeira



Dente de Leão



Tiririca



Imbé



Erva de Passarinho

Figura VIII: Quadro de algumas plantas medicinais identificadas no texto (p. 93 e 94)

Retomando a questão trazida no início deste item, com relação ao reconhecimento sobre o saber tradicional e uso das plantas medicinais, cabe-nos pontuar que já existem centros de pesquisas e hospitais que se dedicam ao estudo e utilização das plantas medicinais, divulgando sua utilização. Além disso, o reconhecimento do saber popular sobre o uso de plantas medicinais como patrimônio imaterial vem sendo debatido por algumas organizações – como a Rede Fitovida, Movimento Popular de Saúde Alternativa, uma articulação social em prol dos conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, tema da dissertação de Mestrado de Mariana L. Rodrigues (2007) - como uma forma de resistência às megaestruturas do setor produtivo (como indústrias farmacêuticas e de alimentos).

Para dar início ao registro da prática da medicina popular como bem imaterial, a *Rede Fitovida* recorreu ao Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que concedeu à mesma, em 2003, colaboração e autorização. A pesquisa em referência menciona que, *explicar o hábito da população em consultar erveiros, somente como uma alternativa mais barata e acessível do que a medicina tradicional ou como uma prática exclusiva de camponeses pobres, iletrados e ignorantes é reduzir sua complexidade a uma perspectiva instrumental e econômica, que não leva em conta a prática da medicina popular como parte da cultura* (2007, p. 22).

Concluindo este item, o qual não visa ao aprofundamento sobre tema da utilização de fitoterápicos – por sua complexidade frente às discussões na área de saúde na atualidade – cabe-nos apenas citar que em 2006, o Brasil sediou a *8ª Convenção sobre Diversidade Biológica*, um encontro criado em 1992, durante a *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, onde consolidou-se a *Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos* (ANVISA, 2006). Em novembro de 2006, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária publicou um boletim, informando que, entre outras determinações, ampliaria o uso de fitoterápicos para o Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com o boletim, as ações previstas para os próximos anos incluem a catalogação de plantas com potencial curativo e a criação de um banco de dados sobre conhecimento tradicional de plantas medicinais, como base para orientar projetos de pesquisa para desenvolvimento de

produtos, organização de registro e o conhecimento tradicional de transmissão oral para *proteção dos detentores deste conhecimento* (2006).

6.1.6 PLANTAS ORNAMENTAIS

RENANTHERAS (ORQUÍDEAS)

Segundo o Guia dos Orquidófilos (1994, p.146), as Renantheras são um *gênero de orquídeas que se encontra ao longo da Ásia tropical e em muitas ilhas do Pacífico. Englobam plantas altas e trepadoras, com hastes florais vermelhas e amarelas, usadas na produção de híbridos com Vanda, para introdução da cor vermelha.*

Pela rusticidade da Renanthera e pela beleza de sua flor, ela vem sendo cultivada no Sapê como flor de corte, para arranjos florais. Sua vida útil é bastante grande, depois de cortada. Observamos que algumas pessoas, com uma visão superficial desta orquídea, pensam tratar-se de uma planta comum por ser de fácil propagação. Porém, seu cultivo comercial não é tão fácil assim, de acordo com o entrevistado Nilson, necessitando de técnicas especiais para seu pleno desenvolvimento e uma boa produção. As Renantheras são mais comuns no Sapê, em Niterói e em poucos lugares do Rio de Janeiro. Possuindo pequenas flores de coloração, indo do vermelho até o alaranjado, o conjunto de suas hastes proporciona um arranjo floral de rara beleza, o que, ainda hoje, encanta os clientes de alguns entrevistados. *O tipo característico, cultivado no Sapê é a Renanthera Coccinea* (NILSON) e a história de sua chegada no bairro é bastante curiosa e segue-se abaixo:

A história das Renantheras no Sapê começou por conta do Fritz, um alemão, anterior ao Rolf, da Florália. Ele importou estas plantas, que são originárias da Tailândia. Ele trouxe estas plantas para o Sapê e foi cultivando as Renantheras para cortar as flores. As pessoas que trabalhavam na casa dele foram levando mudas para casa, também, e foram dando um jeito de cultivar. E, assim, esta planta se espalhou, ao longo de 50 a 60 anos, principalmente aqui no Sapê. Quando cheguei ao Sapê, prestei muita atenção nesta orquídea, que eles cortavam para levar para o mercado. Elas dão uma flor muito bonita, que parece um coral e esta planta...eu tinha uma admiração muito grande, pela rusticidade dela. É uma

planta fácil de cuidar e desenvolvi uma técnica de cultivo mais profissional e com isso consigo um resultado melhor. Já mandei Renantheras até para a região de Holambra, SP, que é um grande comprador de flor de corte...devo voltar a fornecer para eles, assim que tiver uma quantidade maior de plantas. A partir daí, fui desenvolvendo o gosto, começando a observar e estudando o cultivo desta orquídea. Hoje, eu tenho uma quantidade boa de Renantheras. Já vendi muito...eu mesmo cultivei. Acabei ficando conhecido no meio das pessoas que lidam com orquídeas por cultivar bem a Renanthera, não só por ter, mas por cultivar bem, por conta das minhas observações (NILSON).

Aquela área, onde hoje é a Florália, era o sítio do Fritz, um alemão. Ele vendeu para o Rolf e veio o nome Florália. As Renantheras vieram com o Fritz. [...] Elas eram criadas no mato, mas depois o Rolf iniciou o cultivo na área da Florália. O Rolf gostava que eu cultivasse os Camarás. Eu plantava e cuidava dos Camarás com ele. As Renantheras, se plantar na árvore só vai dar quando chegar lá naquela copa...lá em cima (apontando para a árvore), se plantar ela pequena (SEU TATÁ).

As Renantheras estão aqui no Sapê, no meio da mata. Dona Flora tem plantação, eu tenho e um rapaz ali dentro (BENTO), filho do Tatá tem, também. Pelo Sapê, tinha muita orquídea no passado, meu marido dava muda para todo mundo, também. Caqui e Renanthera todo mundo tem no Sapê, até hoje (DONA IDA).

A Renanthera valia um dinheiro bom na época! No início, a gente tinha pouca, aqui lá em casa e a gente comprava para vender. Tinha um mundo de terra da Florália, mas meu pai não mexia na terra deles. Depois que vim para este terreno, comecei a plantar só orquídea. A mata era orquídea pura...eu vendia tudo. Chegava um comprador aqui de Campo Grande, do Rio: Quantas mudas tem? Eu arrancava tudo e daqui há 1 ano, estava tudo plantado de novo (BENTO).

Além das Renantheras, cultivadas pela maior parte dos entrevistados, podemos citar outras orquídeas encontradas na região do Sapê, que ainda hoje sobrevivem nas matas da região:



Figura 9: *Cyrtopodium* (Sumaré)¹³



Figura 10: *Oeceocladis Maculata*¹⁴



Renanthera Coccinea



Renanthera Coccinea

Figura IX: Quadro das Principais Orquídeas Encontradas no Sapê.

¹³ Além de ser uma planta ornamental é também uma planta medicinal, utilizada pela homeopatia para fabricação de pomada anti-inflamatória. Segundo o entrevistado Nilson, no passado esta planta era usada socando-se os talos em forma de cana para preparação de emplastro, colocado com uma gase em cima de ferimentos, deixando-se durante a noite (NILSON).

¹⁴ Segundo a cultura popular local, esta planta era usada para banhos de “descarrego” e ainda hoje é coletada para esta finalidade (SEU TATÁ).

BROMÉLIAS

As bromélias, também, fazem parte do contexto de plantas ornamentais cultivadas no Sapê, principalmente pelo entrevistado Nilson. A Florália – orquidário citado pelos entrevistados, que existe até hoje no bairro, sendo um dos mais antigos do Brasil - também, no passado possuía bromélias em sua área de cultivo. O Sítio de Carvalho – sítio de venda de plantas ornamentais criado pelos filhos de Dona Ida - comercializa bromélias para paisagismo, sendo Nilson um de seus fornecedores.

Temos muita bromélia aqui ... a maioria para sol indireto, meia sombra. Muito interessante e bonita a flor dela: quando floresce, ela morre. Ela, agora, vai dar umas sementes aqui... e este pé vai morrer. Ela vive na pedra, no chão e no tronco. A que pega o sol, que temos hoje em dia por aqui, fica mais ressecada. É igual a gente, né... a nossa pele se pegar muito sol fica ruim, né? E assim são as plantas... (DONA IDA).

Podemos citar algumas bromélias mais comuns na região, sendo facilmente encontradas em jardins, além de serem cultivadas e comercializadas, como especialidade do entrevistado Nilson e filhos de Dona Ida, no Sítio de Carvalho:



Tilandsia Usneóide (Barba de Velho)¹⁵



Neoregélia Compacta



Aechmea Blanchetiana



Aechmea Orlandiana

Figura X: Quadro de Bromélias mais Comuns no bairro do Sapê

¹⁵ Além de planta ornamental, esta planta é também utilizada como planta medicinal na tradição local (NILSON).

As bromélias vieram depois das orquídeas em meu trabalho. Elas têm uma diversidade de cores, formas..é uma planta resistente e adaptável e tem um uso muito extenso nas atividades de paisagismo, por exemplo. A rusticidade da bromélia permite que ela se seja usada em vários ambientes e de várias formas. Por exemplo: jardins com pedras; paredes e muros; árvores... Uma outra coisa, que me chama atenção na bromélia é que, quando usamos em jardins, atraímos prá ela um universo de vida muito grande, como pássaros, pererecas, insetos e outros. Isso cria um equilíbrio maior no ambiente (NILSON).

A questão da preservação ambiental e dos cuidados com a mata perpassou todas as entrevistas realizadas durante a pesquisa. Faremos alguns comentários no item a seguir.

6.1.7 CUIDADOS COM A NATUREZA E O MEIO AMBIENTE

A inclusão deste item no trabalho surgiu a partir das narrativas, não tendo sido mencionado no projeto original desta pesquisa. No entanto, considera-se de extrema importância esta breve consideração sobre um pré-julgamento que se faz dos mateiros e erveiros, vinculando sua atividade a uma interferência negativa na natureza. Observou-se, durante todo o processo da pesquisa, que alguns profissionais de áreas relacionadas ao meio ambiente - que tomaram conhecimento desta pesquisa, informalmente - reagiram de forma um tanto quanto radical e pejorativa em relação ao ofício de mateiro, afirmando que os mesmos seriam invasores da mata, extraindo plantas de forma irresponsável do meio ambiente onde exercem a atividade.

Durante a transcrição das entrevistas, buscamos nas palavras dos mateiros e erveiros participantes da pesquisa, alguma referência em suas falas que pudessem dar margem à situação de irresponsabilidade, quanto ao trato com as plantas nas matas e não encontramos qualquer deslize neste sentido. Pelo contrário: se vivem deste trabalho há tantos anos, buscando as plantas nos mesmos lugares de mata do passado – resguardando-se a área de transformação a partir da chegada dos condomínios – até os dias de hoje, com sucesso, concluímos que seu raciocínio é inteligente por preservarem as plantas que são a “matéria-prima” de seu trabalho principal. O cuidado com o meio ambiente, para muito além de uma consciência ecológica que possam ter construído com suas vivências rurais, é o combustível

que conduz seus próprios trabalhos no campo. Quanto menos impacto ambiental, melhor para eles, que vivem das plantas que coletam.

Uma estratégia interessante que utilizam é o sistema de rodízio, trabalhando um lado da mata para depois trabalhar o outro, buscando preservar a planta matriz. A coleta é sempre seletiva, isto é, retiram as plantas que estão prontas para uso, deixando plantas menores e algumas adultas, também, para gerar semente e renovar o ciclo.

Os mateiros continuam hoje coletando plantas da mata, alguns no Sapê, outros nas adjacências. A maioria não retira todas as plantas. Retiram uma parte, fazem a coleta e a outra parte eles sempre deixam. Eles deixam a matriz para, depois, colher de novo, quando voltar. Começam a coletar de um lado...quando sabem que está escasseando, eles viram para o outro lado. É um sistema até bastante interessante. Eles vivem deste tipo de planta, se coletarem tudo, né...como vão continuar realizando a atividade? De qualquer forma, sabemos que, atualmente, nem todos pensam assim e alguns, hoje, coletam em excesso, infelizmente (NILSON).

O mateiro, tirador de ervas, chega numa mata – mata fechada, virgem – e vê um arvoredo...daquela grossura lá (aponta). Eles tiram uma fita da casca e deixam o resto, que é para ela cobrir outra vez. Porque, se tirar toda, mata o pé de mato. Aquela fita vai cobrindo, cobrindo...cobre tudo, outra vez. A gente passa para outro...e, assim, vai. Assim, preservamos a natureza e aí a gente volta lá, cerca de 1 ano...já está fechado e já podemos tirar de novo. É nosso interesse que a mata seja preservada. [...] Fui em Macaé e trouxe uma muda de caju, uma vez. Plantei no Rio do Ouro (adjacência Sapê). Precisa ver o arvoredo que tá lá agora! Tem, mais ou menos, 30 anos isso. Plantei perto do poço. Disse assim: vou plantar esse cajueiro aqui, que é para ficar uma lembrança minha! Como eles pegam caju por lá! (DONA LINA).

Se a senhora pegar aquela casca ali, a senhora mata aquela árvore. Eu não gosto, mesmo, de tirar. Quem faz uso deste caminho, fico pensando, tem que saber tirar. Não pode tirar de baixo, tem que subir lá e tirar apenas um pedaço. Às vezes, a pessoa tem que sobreviver, mas eu vejo lá em Niterói...é flora medicinal, mas mata a natureza! Não quero dizer que eu seja melhor que os outros, mas tenho medo de tomar um processo – porque é proibido – e não pode destruir a natureza, mesmo! Sou contra destruir a natureza! Ela deve ser preservada, porque quando chegamos ao mundo, já encontramos ela. Eu oriento meu filho a não fazer estas coisas, mesmo que ele fique zangado comigo. Digo a ele: nada de errado pode dá certo (SEU TATA).

Vemos que a transmissão de conhecimentos não apenas faz relação com a identificação das ervas ou os cuidados de cultivo das plantas ornamentais e medicinais, mas, sobretudo, de um cuidado vivenciado com o ambiente natural – espaço que dá origem e mantém suas atividades até os dias de hoje. O saber de cada entrevistado parte de uma origem rural – de suas raízes - e atravessa as fronteiras do tempo, chegando até o espaço vivenciado, hoje, pelas novas gerações. Ainda que os mais novos talvez optem por novos caminhos é importante que sejam orientados, a partir de uma visão de referência de seus antecessores, que vai ao encontro de muitos conceitos do aprendizado de hoje sobre ecologia e cuidados com o meio ambiente.

6.1.8 TERRA: ANDAR A PÉ X PRECARIIDADE DE TRANSPORTES

Quando chegou o ônibus no Sapê, a maioria ainda andava a pé porque não podia pagar. Eu ia levar e buscar meus filhos a pé. Até hoje, a condução demora e nós vamos a pé. Os antigos são assim mesmo, mas esta criança, agora, reclama se andar muito (DONA FLORA).

Tem alguns tipos de pessoas na Fazendinha que não caminham a pé. Só querem saber de ônibus. Agora, eu não. Eu, minha esposa e algumas pessoas antigas daqui gostamos de andar a pé. Acostumei e adoro. Saio daqui até Matapaca a pé...até o Atlético não tem ônibus, mesmo (BENTO).

O “andar a pé” no Sapê é uma questão bastante contraditória, já que, mesmo com toda a precariedade do transporte de ontem e de hoje, a maior parte dos entrevistados afirma que gosta de andar a pé, não somente por necessidade, mas principalmente pelo prazer que isso proporciona. As novas gerações de moradores vêm, aos poucos, revertendo esta tendência, já que o trânsito aumentou muito, a partir dos condomínios e o ônibus (uma única linha, ainda hoje) passou a circular com horários mais fixos.

Ainda assim, a imagem dos moradores caminhando do Sapê ao Largo da Batalha é bastante comum, sendo uma cena diária para os que frequentam o bairro: crianças, adolescentes e adultos andando a pé, em grupo ou sozinhos, mesmo nos dias de hoje.

Antes não tinha condução, por isso a gente era obrigado a andar a pé. Mas, muita gente anda a pé, também, porque gosta até hoje. Eu, principalmente...eu gosto de andar a pé. A senhora sabe que eu tô alegre é quando tô dentro do mato. Esse mato brabo... não é este aqui, não. Maricá, Inoã, tô lá...cantando igual um doido.. tá, tá, tá... Também, eu não entro no mato sem falar com o pessoal. Quando eles vêem que eu tô demorando, eles me procuram. Aqui na Florália, agora mesmo, eles falam: Seu Tatá demorou! Eles mandam os empregados me procurar se eu demorar (SEU TATÁ).

O asfalto, até hoje, só vem até o Sapê. Na Fazendinha, nada mudou. O ônibus continua horrível. Chegou a vir até a Fazendinha, depois parou. Agora, há pouco, colocaram um microônibus, há mais ou menos 5 anos atrás. Mas, no domingo até hoje, só a pé, porque desviam o ônibus para a área das praias (BENTO).

O Sapê era um caminho de chão, sem asfalto, quando cheguei. As pessoas andavam muito a pé. Existiam muitas árvores antigas...como era um caminho de chão, estas árvores se preservavam. Depois veio o asfalto, por volta de 1980. [...] Muita gente, das gerações mais antigas, vai a pé para pegar o ônibus no Largo da Batalha, até hoje, porque gosta de caminhar, porque quer caminhar. Se o tempo está fresco dá até para ir a pé. São cerca de 30 minutos de caminhada daqui onde estamos (NILSON).

Se a situação nos dias de hoje é precária, em relação aos transportes públicos, há 30 anos atrás era inexistente no Sapê. As crianças caminhavam, em grupo, para as escolas nos bairros das adjacências, já que não havia escolas no bairro.

Andava daqui ao Fonseca, levava mais de 1 hora, porque daqui à Maria Paula, eu sei bem, é 40 minutos. No Fonseca, a gente pegava o bonde, porque não tinha ônibus. Naquele tempo, não tinha muito jeito, não. Só quem tinha cavalo podia ir a cavalo...mas não se usava. Tinha um ônibus que era assim de hora em hora... talvez. A gente levava um dia para ir lá embaixo! Andava 40 minutos a pé, esperava o ônibus outros 40 minutos até uma hora. Daí, até chegar lá embaixo e voltar, lá se vai o dia...Para a escola, todo mundo ia a pé, a gente ia em grupo, juntava 8 a 10 crianças até o Fonseca. Os filhos iam sozinhos, os pais não iam. Não lembro se era cansativo, porque a gente acaba acostumando... devia ser! A gente tinha que chegar ao colégio 7:15h, 7:30h. Dia de chuva, a gente tinha que levar dois calçados: um para chegasse até lá e outro para descer, porque tinha dia que a lama agarrava, mesmo. Era aquele barro vermelho. (DONA IDA).

A convivência aqui era toda a pé! Todo mundo saía daqui para as escolas a pé, uma hora e pouco para ir e uma hora e pouco para voltar. Quem arranhou para que os carros entrassem aqui dentro do Sapê fui eu, quando trabalhava na garagem...eu era encarregado dos ônibus. Mas...eu ainda fazia as plantações, mesmo quando era encarregado. Sustentava a família, com o dinheiro das Renantheras que eu vendia no Mercado das Flores, no Rio. Eles dependiam da gente, mateiros... suponho! As casas de umbanda de Niterói, também. E até hoje ando a pé, a maior parte do tempo (SEU TATA).

Em contrapartida, os novos moradores do bairro, em condomínios de classe média, costumam ter de um a dois carros por família, trazendo uma maior circulação de veículos para a região – que também é passagem para outros bairros como Caramujo, Fonseca e opção de saída para a Ponte Rio-Niterói, sendo a estrada Washington Luiz sua principal via.

6.2 ESPAÇO E TEMPO PRESENTES

Niterói cresceu e a demanda por combustível, carvão. As indústrias eram movidas a carvão, no passado. Os arredores das cidades cresceram às custas das matas, porque eles cortavam a madeira para fazer carvão – era costume – para abastecer todos os setores. A pessoa cozinhava com carvão, passavam com ferro de carvão, as empresas funcionavam com carvão, as locomotivas, os barcos. E, de onde iria sair este combustível? A área de Pendotiba, Sapê, é uma mata muito próxima do centro da cidade. Isso aqui tá localizado a 20 minutos das barcas, do centro de Niterói. A topografia não é muito irregular, é de fácil acesso. Isso também contribuiu para o desmatamento da região. Muitas plantas desapareceram. Árvores que se utilizavam a casca para fazer remédio, muitas delas sumiram, com a chegada do asfalto. E as plantas rasteiras, os cipós, as plantas que são mais resistentes, foram ficando e repovoando, já que estas plantas são espontâneas., nascem sozinhas: vão espalhando semente com o vento, os pássaros espalham. Então, hoje, as ervas medicinais são basicamente as folhas, os cipós, não plantas de porte grande, em sua maioria (NILSON).

A narrativa acima traz um panorama geral do Sapê, trazendo alguns dados históricos importantes para a compreensão do bairro no momento atual. Não é novidade que nossas áreas naturais foram deixadas em segundo plano em nome das transformações históricas a

que assistimos – e participamos – no Brasil, ainda que sem muita consciência das conseqüências a médio e longo prazo do que estas mudanças trariam.

Eu morava perto do condomínio Orquídeas, de posse. Depois, pediram que eu saísse por ofício e me deram um pedaço da terra, que deixei para meu filho. Não liguei, não. Deixei com meu filho e saí por aí. Onde moro hoje – em frente ao campinho de futebol - não tenho muito espaço para plantar (SEU TATÁ).

Uma das conseqüências - como já vimos no item 5.7.3, sobre os impactos causados a partir da chegada dos condomínios no Sapê - foi o desalojamento das famílias por possuírem documento de posse das terras, sem outros registros na prefeitura da cidade. A maior parte deles, hoje, mora em áreas muito pequenas, sem espaço para suas plantações; outros não moram mais na região e alguns morreram.

Os sub-itens abaixo trazem outras mudanças pontuadas pelos entrevistados, delineando o espaço e tempo presentes.

6.2.1 MUDANÇAS NO SAPÊ DE HOJE

Nasci e me criei na mata, por causa de que eu vou querer que isso vire uma cidade agora? Não quero, não! Por mim, eu continuo na mata, mesmo. Porque eu não tô vendo nada de vantagem na cidade. [...] Antes não tinha água, luz. Hoje, temos luz e água, mas não temos o rio. O rio para a gente era nossa praia... lotava! Aquilo virava uma praia, dia de domingo. Vinha gente de todo canto, tomar banho no rio. Agora, se você chegar lá, você passa até mal! Mau cheiro... o rio apodreceu tudo...coisa de 15 anos para cá. A água foi mudando de cor e a gente começava a ver os peixes tudo morto em cima da água. Dali em diante, virou esgoto. [...] O progresso, os condomínios que fizeram no Sapê.. mas, em compensação...o esgoto é jogado dentro do rio. Hoje em dia, o caminhão de lixo entra aqui, mas acabou muita coisa: bichos, pássaros sumiram. Isto aqui, a esta hora, estava lotado de passarinhos. Sumiram tudo! A sujeira matou tudo! A mata continua, bem dizer, quase a mesma aqui pela Fazendinha, né. Tá bonito, tudo verde, as plantas não sumiram – quer dizer, erva (medicinal), né. O povo até vem pegar. No meu quintal temos, hoje, jambo, jamelão, ameixa, bananeira, caqui, laranja lima, laranja bahia, urucum, mangueira, carrapeta, goiabeira, pé de arece, arco de pipa, fora as renantheras, o imbé e as ervas (medicinais) (BENTO).

Como vemos na fala acima, para muito além de um discurso saudosista, de um passado que não volta mais na estrutura atual do Sapê do presente, a voz dos entrevistados soa mais como um protesto, sendo a presente pesquisa uma possibilidade de expressarem toda sua insatisfação pelo que vem se transformando o bairro onde ainda residem. Enquanto revivem as cenas de um passado que não volta mais, ressignificam suas experiências através da possibilidade de expressão de seu descontentamento com as novas configurações de seu espaço atual.

A água e luz só chegaram por aqui há 15 atrás. Até então, era poço e a água era muito boa. Hoje eu uso água da CEDAE, mas custei muito a me acostumar... até hoje, quando abro a torneira de manhã, sai aquele cheiro de cloro terrível. Eu estranho, até hoje. Luz era lamparina, lampião até minha filha completar 20 anos, aqui na Fazendinha. Neste ponto melhorou, porque hoje temos eletricidade (DONA IDA).

Alguns, após insistirem algum tempo na adaptação às novas configurações do bairro, desistem do novo cenário e buscam novos espaços, onde possam reviver suas experiências rurais e reestruturar suas atividades - que, muitas das vezes, dependem de condições ambientais que um espaço semi-urbano não mais favorece:

O meu viveiro inicial foi no Sapê, trabalhei com bromélias e orquídeas no bairro durante 15 anos. A área me foi cedida pela Instituição Casa do Homem de Amanhã e existe até hoje. O terreno estava ocioso, eu limpei, trabalhei o terreno todo e comecei minha história de cultivo profissional aqui no Sapê. O que me desanimou em permanecer com meu viveiro de plantas no Sapê foi este crescimento desordenado, que trouxe desordem, não só na moradia, mas também na população. Então, algumas pessoas começaram a mexer no meu viveiro, roubavam, invadiam... Comecei a ver que não tinha futuro, porque... como vou botar vigilância 24 horas por dia numa área de viveiro? Não comporta o investimento (NILSON).

As novas configurações do bairro favorecem a invasão de áreas privadas, por lacunas deixadas pelo crescimento desordenado, onde a vizinhança - antes estruturada a partir de grupos - hoje, encontra-se mais dividida, numa convivência mais individualizada que compartilhada.

Antes, a gente comia o que plantava. Quando um não tinha uma coisa, trocava com o outro. Nós tínhamos cabra, leite. Outros tinham outras coisas... e a gente convivia, assim. Hoje, está assim: acho que ninguém planta mais nada em casa, não! Eu acho que... aí prá dentro... ninguém mais planta batata para comer... acho que ninguém planta, não. Porque só tem aí gente jovem que estudou e trabalha em casa de família, trabalha em comércio... aí, não tem tempo para plantar nada! Também, já nem tem mais espaço, né... porque faz uma casa aqui, outra lá... outra ali... cimenta um pedaço, abre um caminho, corta uma árvore[...] (DONA IDA).

Esta área aqui, no tempo passado, era tudo convivência... era melhor. A senhora podia sair despreocupada. Hoje, não pode andar que pode ser abordada por muitos que não são daqui. A maior parte daqui são nascidos e criados aqui: são avós, netos, ... Mas, vem o pessoal de fora e estrago o lugar! Não é o pessoal do lugar. Aquilo era tudo convivência... era tudo como parente. Eu agora tô ali, em frente à Casa do Homem de Amanhã, e não sei mais o nome de ninguém! Quando é noite, é uma cara... quando chega de manhã é outra cara! A gente não sabe[...] (SEU TATÁ).

Outro item importante a ser considerado no Sapê de hoje é a questão do clima:

No passado, muita gente cultivava planta no Sapê, porque chovia mais. Hoje está mais seco... muito calor com o asfalto e as construções. Naquela época, não... tudo o que plantava, dava (DONA FLORA).

Alterações climáticas no bairro e baixas taxas de umidade - com o desmatamento e as novas construções de concreto – trazem sérias conseqüências para o cultivo das plantas ornamentais:

Eu acho que, basicamente, o clima é que fez eu sair do Sapê, muito mais do que a questão da falta de segurança. Sinto uma certa pena de ter que sair do Sapê, por causa das mudanças. Mas, eu já previa que mais cedo ou mais tarde a área do Sapê não ia ficar propícia ao trabalho de cultivo, também pela questão da segurança. Eu já tinha, mais ou menos, me preparado para uma saída futura. Com o desmatamento e a aceleração de crescimento de casas, com o corte de árvores, esquentou muito! O clima está mais seco e quente... a umidade mais baixa. A umidade local baixou demais e isso prejudica muito o cultivo de plantas, principalmente a orquídea. No início do meu viveiro, há 15 anos atrás, eu posso afirmar, com segurança, que o clima era mais fresco. A umidade era mais alta e o clima era mais fresco. De lá para cá, esquentou muito... a umidade baixou muita coisa (NILSON).

6.2.2 INSEGURANÇA

Como já mencionado no item anterior, a questão da segurança tem levado alguns moradores antigos, proprietários de antigos sítios e cultivadores da área a procurarem outros lugares como moradia.

Antigamente, você chegava no Sapê e sabia a pessoa que morava ali e tinha uma certa segurança nas ruas. Também havia uma liberdade maior de sair e andar pelos matos do Sapê. Hoje em dia, como um mateiro vai mandar um filho sozinho no mato, se pode ser assaltado? Eu, por exemplo, não entro mais em mata aqui no Sapê, por conta da violência. Isso desestimula, sim!! (NILSON)

As invasões às propriedades são, basicamente, para a retirada de plantas ornamentais, de valor comercial. É também bastante comum levarem bombas hidráulicas, fios ou ferramentas agrícolas, quando há envolvimento dos jovens com drogas.

Hoje, eles andam no meio das drogas. Antigamente, com 18 ou 19 anos, se botava um cigarro na boca ficava ruim. Hoje, com 10 anos tão tudo com um cigarro fumando. A única coisa que atrapalha este lugar aqui é isso. Não se vê garoto bebendo, não. Vê diretamente nas drogas, mesmo. Educação, eles têm. O pensamento é que enfraqueceu muito. Mas, tudo o que acontece aqui não é daqui, vem de fora. Os bandidos não são criados aqui. Este lugar aqui, perto da Florália, já foi até lugar de desova. Mas, aquilo não estava dizendo nada para mim e eles também não mexiam com ninguém do lugar. Meus filhos, minha mulher andam por aqui a qualquer hora da noite, até hoje, e não temos medo de nada (BENTO).

Sabemos, também, que esta não é apenas a realidade do bairro do Sapê, mas também de muitas outras áreas em Niterói e no Rio de Janeiro, onde a violência vem crescendo ao longo dos anos.

Eu já montei uma barraca para mim, sozinho, lá em Icaraí. Era minha.. eu ia lá e vendia ervas. Lá era perde e ganha... não era licenciado. No dia 9 de dezembro de 2004, os guardas vieram na covardia e me deram com um cacete na cabeça e eu desmaiei. Eu tava com as plantas na hora. Depois deste acidente, eu fiquei um bom tempo sem ir para a escola. Fui para a justiça e o processo está lá, até hoje. Tenho até hoje fregueses de

Icarai. Eles perguntam quando iremos voltar para lá, mas eu é que não quero mais. Trabalhei nas Sendas por 3 anos, depois disso[...] (MÁRIO).

Embora concorde com a questão mais preocupante do bairro atualmente – a chegada das drogas - Dona Lina aponta algumas mudanças positivas no bairro, apontando as novidades que ainda a fazem permanecer no Sapê, com todas as suas contradições:

O que piorou no Sapê foram estes “garotos”. Se isso acabasse, não tinha melhor lugar para se morar! O resto está muito melhor que antes. Para sair até a cidade era um problema. Hoje, ainda temos só uma linha de ônibus, mas temos as vans. Tudo era mato, agora tem os condomínios. Antes, a gente tinha que pegar água fora de casa, hoje já temos água encanada (DONA LINA).

6.2.3 LAZER NOS DIAS DE HOJE

O lazer no bairro hoje é bastante restrito, já que os espaços naturais estão cada vez mais reduzidos, como já vimos nos itens anteriores. Além das atividades extracurriculares oferecidas pela escola municipal do bairro e da instituição Casa do Homem de Amanhã – como atividades artísticas e de esportes, totalmente voltadas para crianças e adolescentes do bairro, o lazer muitas vezes é a prática da própria atividade de trabalho no campo.

Meu descanso é isso aqui (aponta para a barraca de plantas). Quando estou em casa, faço o serviço de casa. No domingo, trabalhei o dia inteiro em casa. Aqui é meu lazer, de segunda a sexta (DONA LINA).

Acreditamos ser difícil falar em lazer, quando ainda faltam prioridades básicas no bairro, como supermercado, açougue, posto de saúde, escolas, mais linhas de ônibus, etc.

O Sapê precisava ser mais evoluído, porque já tem muito morador. Você vê, tudo o que a gente quer tem que ir até o Largo da Batalha! Não tem supermercado, não tem farmácia, não tem Posto de Saúde, só tem uma linha de ônibus, só tem uma escola. A pessoa trabalha, chega em casa, quer ir ao mercado, tem que largar tudo, esperar a van/ônibus e ir até o Largo da Batalha. O único mercado do Rodo fechou há quantos anos? E tem lugar para fazer...(DONA LINA).

A área da Fazendinha continua bastante esquecida pelo poder público. E com a redução dos espaços naturais de lazer – rio, cachoeira e parte da mata – o sentimento, que transborda nas entrevistas com os moradores antigos do Sapê, quando falamos dos dias de hoje, é de tristeza, abandono e, em alguns, revolta.

Daqui para lá, ainda está igual (Fazendinha): estrada de chão... terra e poeira quando tá sol... lama quando tá chovendo. Uma dificuldade! (DONA IDA)

6.2.4 OFÍCIOS DE MATEIRO/ERVEIRO E CULTIVADOR NOS DIAS DE HOJE

As novas configurações do bairro deflagraram um maior distanciamento entre os moradores antigos, os quais não desenvolveram movimentos que pudessem auxiliar na criação de redes de apoio aos que tinham a agricultura como renda principal. A concorrência externa aumentou, a partir do crescente interesse pelos fitoterápicos pela indústria de produtos naturais, o que reduz os clientes dos cultivadores e erveiros do Sapê e de outras regiões com características rurais. A questão da disponibilidade de transportes públicos, os recursos econômicos e a questão da mão-de-obra marcam uma grande diferença entre pequenos e grandes produtores.

Antes, o que a gente vendia tinha valor. Hoje, não! A concorrência aumentou muito! As pessoas e empresas usam o mato, hoje, de uma maneira mais fácil: vão de carro pegar a erva no mato. Mas, eu ainda vou a pé. A senhora quer saber de uma coisa? Eu vou daqui até Itaipuaçu, à Maricá, a pé, cortando por estas estradas. Mas, agora já tem transporte, né. Mesmo assim, eu vou a pé... não é andando no caminho, não. É dentro do brejo, com água aqui assim, marimbondo, cobra... eu atravesso por dentro do mato, com um facãozinho bom que arranjei (SEU TATÁ).

Tatá vende para o Rio, para um depósito grandão. Ele tira e leva para lá em sacos grandões! É uma coisa que a gente admira, 84 anos ele tem. Os jovens hoje não agüentam o que a gente agüenta! Eu trabalho na rua, levanto 5:30. Em casa, faço todo o meu serviço antes de sair. À noite, faço o almoço para mim e para meu netinho, que crio. Rendo meu filho na barraca às 10h e fico até 16h e 30min. Volto com meu neto e meu filho fica lá para

fechar a barraca. Me sinto bem aqui! Eu trabalho o dia inteiro, às vezes tenho que ir à Madureira e viajo sozinha com 81 anos (DONA LINA).

A especialização e o contato com outros produtores são algumas estratégias de sucesso para o pequeno produtor ou cultivador, que criam, também, um espaço de divulgação de técnicas únicas, desenvolvidas através de toda uma experiência de vida:

Eu tenho contato com pessoas que têm lojas de plantas, que vendem plantas. Então, hoje, apesar de existirem grandes fornecedores de São Paulo no Rio de Janeiro, ainda há uma parcela de plantas que São Paulo não consegue produzir. Aí, eu consigo, por ser pequeno e por ter poucas despesas e sobreviver das minhas plantas... e pelo meu conhecimento com as orquídeas e as bromélias, especificamente, existe uma procura ainda por este conhecimento, na parte de manutenção e exposição de plantas. Por isso, digo que a especialização é o que toca meu trabalho hoje, não a área de cultivo como um todo, porque sou um cultivador muito pequeno, mas especializado no que faço (NILSON).



Figura XI: Foto de antigo viveiro de plantas (Nilson), localizado no Sapê – especializado no cultivo de Bromélias e Orquídeas (arquivo pessoal, fev. 1995)

7 COMENTÁRIOS FINAIS

Buscamos, através deste estudo de caso, problematizar a questão da transmissão de conhecimentos de saberes locais da área do Sapê, cidade de Niterói, RJ, tendo como premissa central a identificação e análise dos fatores que dificultam ou promovem o diálogo intergeracional, a partir da experiência de mateiros, erveiros e cultivadores, antigos moradores da região. O cultivo de plantas ornamentais e a coleta de plantas medicinais são ratificados, na fala dos entrevistados, como sendo elementos de um saber local que, no passado, era transmitido oralmente de pais para filhos - durante as atividades diárias de trabalho com as plantas, em família - e que hoje está cada vez mais distante da realidade das novas gerações e dos novos moradores do bairro. A história oral do Sapê, pela voz dos antigos moradores, constitui-se uma possibilidade de registro de memória para o bairro, já que as únicas referências encontradas sobre o mesmo encontram-se em jornais antigos sobre a região de Pendotiba, com poucos recortes sobre o bairro.

Os jornais encontrados datam da década de 70, citando a região de Pendotiba, onde se encontra o bairro do Sapê, como um dos principais estoques de terra não ocupadas da cidade de Niterói naquele momento. As matérias trazem informações sobre a base econômica dos moradores da região de Pendotiba, em sua maioria com pequenas propriedades rurais de economia sustentável. Os mesmos jornais apontavam a construção da ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói) como um dos fatores de influência no crescimento demográfico das regiões de Pendotiba e da região Oceânica em Niterói, o que trouxe profundos reflexos aos moradores antigos destas regiões. A grande disponibilidade de áreas verdes, com remanescentes de Mata Atlântica em bairros como o Sapê atraiu a população de classe média/alta de áreas como Icaraí, Ingá e Rio de Janeiro, com incentivos do governo municipal para a compra de imóveis (casas em condomínios de luxo) e terrenos a serem pagos a prazos confortáveis. As conseqüências destas transformações são observadas hoje, com uma população dividida em “guetos de privilegiados”, com os novos moradores do bairro - em sua maioria de classe média a alta, à procura de uma melhor qualidade de vida - e “guetos de excluídos”, onde incluímos os antigos moradores entrevistados em nossa pesquisa.

Constatamos, através das falas dos entrevistados, que a transmissão de conhecimentos relativa ao cultivo de orquídeas, bromélias e à coleta e identificação de ervas medicinais vem sendo repassada de geração em geração, ainda que a maior parte de seus descendentes apresente desinteresse crescente por atividades profissionais relacionadas às plantas, distanciando-se cada vez mais de suas referências de identidade local. As transformações sofridas pelo bairro, na transição do espaço rural do passado ao semi-urbano do presente, provocam um sentimento de fragmentação e de descontinuidade em relação aos saberes tradicionais locais pelos mais jovens da comunidade, além do desinteresse pelas questões relacionadas ao meio-ambiente local. Em contraste, os antigos moradores do Sapê consideram, até hoje, as ervas medicinais, as plantas ornamentais e suas hortas como fonte de prazer e de contato com a natureza, muito embora enfrentem o desafio da falta de espaço para suas plantações, com as novas características espaciais do bairro.

Questionamos o processo de expansão imobiliária desenfreada em Niterói, que avança sobre territórios ocupados por grupos originários, desconsiderando suas práticas, saberes locais e visões de mundo peculiares, como o caso da comunidade do Sapê. A ocupação de grandes áreas verdes dos bairros por condomínios vem causando impactos, não apenas ecológico, com a destruição de nascentes e rios, retiradas de árvores e transformações drásticas na paisagem natural. Mas, também, sócio-cultural com a privatização dos espaços públicos e a redução das áreas de acesso à mata. A ocupação excludente, que privilegiou condomínios fechados, desalojou antigas famílias da região – muitas delas possuíam documento de posse das terras, sem registros oficiais – acarretando uma tendência cada vez maior à favelização. Além disso, a apropriação privada de grandes áreas públicas tem limitado o acesso dos moradores antigos a áreas de valor paisagístico e de lazer, sem contar os que exercem atividades que dependem das plantas medicinais, como os mateiros da região. Onde antes existia uma vizinhança que se reconhecia facilmente, por residirem em pequenos sítios e em número limitado de habitantes, hoje, em contraste, encontramos uma grande circulação de pessoas e alta rotatividade de moradores.

Além disso, constatamos também que as histórias orais deste estudo de caso trazem algumas particularidades das vivências locais e práticas diárias, as quais viabilizavam laços simbólicos profundos, a partir da convivência em família e das experiências de trabalho

compartilhadas desde a infância dos filhos no passado. Além disso, observamos a partir das memórias da infância dos entrevistados o compartilhar dos conhecimentos repassados através de seus ascendentes - incluindo o cuidado com as plantas e a natureza, em geral - confirmando que a transmissão intergeracional de conhecimentos vem acontecendo, ainda que silenciosamente, de geração em geração, na preservação do saber local, ainda que em meio às novas configurações do bairro. Por mais silenciosas – ou silenciadas – que sejam, as narrativas orais continuam vivas até os dias de hoje, atuando como atos de resistência de uma minoria.

Assim, percebemos a continuidade de práticas tradicionais, como atos de enraizamento e territorialidade desta minoria, que preserva as raízes de sua cultura até os dias de hoje, de forma semelhante a outras minorias, como os afrodescendentes e povos nativos brasileiros. Entendemos que parte do patrimônio anteriormente construído no passado permanece no novo, numa relação dinâmica entre agentes tradicionais e atuais. O fato de coexistirem universos justapostos, compostos de elementos tradicionais e contemporâneos reafirma a constituição de territórios, onde se evidenciam tensões e contradições.

O elo em comum na história de nossos entrevistados é a relação concreta e simbólica com as plantas e a experiência de cada participante apresenta-se como base da narrativa de suas memórias, sendo estas o resultado das relações sociais com a família e com o grupo a que pertencem. Uma discussão relevante da pesquisa diz respeito a uma tendência à desvalorização das próprias atividades que exercem com as plantas pela maior parte dos entrevistados, não se referindo às mesmas como uma profissão e sim um trabalho alternativo, ainda quando afirmam ser sua renda principal. Talvez, esta contradição responda, em parte, à pergunta que trazemos sobre a desmotivação das gerações atuais com o trabalho de seus ascendentes: *até que ponto a terceira geração dos entrevistados escolhe não ser mateiro? Teriam sido eles condicionados pelos próprios familiares a procurarem uma “profissão”, a partir das mudanças ocorridas no bairro?* Se para alguns, a denominação “roça” foi o atrativo para a chegada no Sapê, pela disponibilidade de terras para plantio e seu cenário verde, com riqueza de espécies, hoje morar ou trabalhar na “roça” carrega um sentido pejorativo para as gerações atuais de antigos moradores com acesso direto aos novos moradores e comunidades adjacentes. Sentem-se constrangidos por

morarem na “roça”, muitas vezes, negando serem moradores do Sapê ao frequentarem escolas de bairros do entorno, acentuadamente urbanos¹⁶.

As dificuldades enfrentadas no Sapê do passado – como precariedade nos transportes, água, luz, entre outras – eram superadas, segundo os entrevistados, pelo elo de amizade com a vizinhança e o contato mais próximo da família com os ofícios de mateiro, erveiro e cultivador. As mudanças do presente trazem uma maior rotatividade de pessoas ao bairro e todos os desafios de um crescimento desordenado, dificultando as relações de identidade e de pertencimento. Segundo Halbwachs (1980), as transformações de um lugar podem afetar os sujeitos e modificar seus hábitos. As novas configurações espaciais do bairro transformam parte do universo de lembranças e imagens dos entrevistados, que enfrentam o desafio do desaparecimento de suas memórias. Ao reviverem as lembranças do passado no bairro, trazendo imagens de sua característica física, as alternativas de lazer e as brincadeiras de rua, o verde dos pequenos sítios do passado, entre outros, os entrevistados deixam uma herança imaterial para as novas gerações nos registros desta pesquisa. É importante ressaltarmos que o tempo de convivência deste grupo foi importante para as construções simbólicas e imaginárias, que deram significação ao espaço onde se localiza o bairro do Sapê, tornando-o um lugar de pertencimento.

Em relação ao diálogo intergeracional, alguns fatores foram citados pelos entrevistados acerca do que facilitaria ou dificultaria a troca de experiências. De forma contraditória, a chegada da escola no bairro provocou um distanciamento dos costumes locais relacionados às plantas, já que a maior parte do conteúdo escolar traz uma visão de mundo de referências urbanas, em desconexão com a realidade local e rural na qual está inserida a comunidade estudada.

De acordo com nossa pesquisa de campo, as novas configurações do bairro provocaram a saída de alguns dos antigos moradores, tanto pela inviabilidade do cultivo de alguns tipos de plantações pelo clima cada vez mais seco, que se apresenta no Sapê de hoje, quanto pela violência e insegurança que emergem no bairro. Uma estratégia sugerida por um dos

¹⁶ Informação verbal durante as atividades do Projeto Sapê – trabalho de Ação Comunitária desenvolvido no bairro desde 2001 (maiores informações sobre o projeto no Anexo I).

entrevistados para a continuidade de sua profissão foi a da especialização e o contato com outros produtores, como possibilidade de divulgação e compartilhamento de técnicas, únicas, que desenvolveram, juntamente às que aprendem em cooperação. Infelizmente, os moradores antigos não desenvolveram movimentos, que pudessem auxiliar na criação de redes de apoio na área de agricultura, por fatores que vão desde a dificuldade de deslocamento para outras regiões até questões econômicas mais complexas – a maior parte deles ainda caminha a pé, por necessidade e também por terem construído caminhos alternativos de chegada até a mata, criando a possibilidade de continuidade de seus ofícios, independente dos desafios da questão econômica.

Para além das questões dicotômicas e da redução do tema abordado nesta pesquisa em categorias restritivas - presente/passado, rural/urbano, cidade/roça, baixa tecnologia/alta tecnologia - percebemos a urgência da articulação destes pequenos produtores em redes, onde possam reconhecer-se como profissionais, pequenos produtores e estarem em contato com as novas técnicas utilizadas na atualidade. Isto implica uma maior disponibilidade de recursos econômicos, de mão-de-obra e de transporte, para uma maior valorização de sua produção e a introdução da mesma no mercado.

A valorização dos saberes tradicionais de uma comunidade como a do Sapê requer uma mudança realmente estrutural, com vistas à continuidade e valorização da sabedoria local, que muitos nem sequer chegaram perto de conhecer. Propomos, como desdobramento deste estudo de caso, a criação de uma base de dados, onde as memórias orais dos antigos moradores do bairro possam ser acessadas, tanto pela escola municipal do bairro, quanto pelas instituições sociais localizadas no Sapê. As histórias orais aqui relatadas serão compartilhadas com adolescentes do bairro durante a próxima etapa de aprofundamento do *Projeto Sapê*, como possibilidade de ampliação dos canais de transmissão intergeracional de conhecimentos tradicionais do bairro.



Figura XII: Fotos durante atividades do Projeto Sapê, com adolescentes do bairro do Sapê, Niterói, RJ (arquivo pessoal, 2004, 2007, 2008, respectivamente)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAY, R.H.; RICE, C. & EVANS, E. Intergenerational Partners Project: a model linking elementary students with senior center volunteers. *The Gerontologist* 31(2):263-266, 1991.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ANVISA. *Boletim Informativo*. Ministério da Saúde, Brasília, n.64, 2006.
- BARDIN, Laurence. 1995. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BARROS, Myriam Moraes Lins. Memória e Família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2,n.3, 1989, p. 29-42.
- BENJAMIN, Andrew, OSBORNE, P. *A Filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, em *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BERTHOUD, C.M.E. Grupos Focais como método qualitativo de pesquisa em psicologia: desafios e perspectivas no ensino e na utilização do método. *Psic. Rev.*, São Paulo, 13 (1): 41-58, maio 2004.
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo, org. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987, cap. 2, p. 16-41.
- _____. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Tempo vivo da memória*. São Paulo, Ateliê, 2003.
- BRANQUINHO, Fátima. O poder das ervas na sabedoria popular e ao saber científico. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BRUNER, J. Narratives of aging. *Journal of Aging Studies*, 13(1), 1-7,1999.
- _____. *A cultura da educação*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- CANCLINI, Nestor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

- CHAUÍ, M. Prefácio. In: *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COSTA, Samira Lima da. Os sentidos da comunidade: construções intergeracionais de memória coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória – ES. *Tese de Doutorado, EICOS, UFRJ*, Rio de Janeiro, 2008.
- COSTA, I. T. M. *Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro: entrevistas*. Rio de Janeiro, RJ: UNI-RIO, Curso de Mestrado em Memória Social e Documento, 1998.
- COSTA, S.L, ALVARENGA, L., ALVARENGA, A.M.. Estudo de/com comunidade tradicional: cultura, imagem e história oral. *Série Documenta EICOS 17*, 2007.
- DERRIDA, Jacques. *Mémoires for Paul de Man*. New York: Columbia University Press, 1989.
- DIAS, J.F.S. *O envelhecimento no contexto nacional*. Projeto SBPC na comunidade, palestra 6: 18/04/2001. <http://www.ufsm.br/antartica/palestra%206.htm>
- DOBBEI, Vera. Memória, Circunstância e Movimento. Em: GONDAR, J. & DODEBEI V (orgs). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- Educação para um futuro sustentável: uma visão transdisciplinar para ações compartilhadas/UNESCO. – Brasília: Ed. IBAMA, 1999.
- FERREIRA, Lúcia M.A. As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória. Em: GONDAR, J. & DODEBEI V (orgs). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- FONSECA, Marcelo S. Reestruturação e Segregação Espacial em Pendotiba: A Luta pelo Lugar na Cidade. *Dissertação de Mestrado IPPUR, UFRJ*, Rio de Janeiro, 1996.
- _____. *Gestão Ambiental Integrada*, Rio de Janeiro: *Anais do 6º Congresso Brasileiro de Medicina da Família e Comunidade/ 6º Congresso de Medicina Familiar, região Conesul*, abril de 2004.
- FRANCA, Lúcia Helena; SOARES, Neusa Eiras. A Importância das Relações Intergeracionais na Quebra de Preconceitos sobre a Velhice. In: VERAS, Renato

- Peixoto (org.) *Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UNATI-UERJ, 1997, pp. 143-169.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. *Estudos Avançados*, dez. 2005, vol. 19, no. 55, p. 367-376.
- _____. Memória e colonização em Carlos Drummond de Andrade. *Psicologia e Sociedade*, v. 16, no. 3, 2004. pp. 97-101.
- GAGNEBIN, J.M. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1994.
- GEERTZ, C. *Local Knowledge*. Nova Iorque: Basic Books, 1983.
- GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. *Tempo Social*, nov. 2005, v. 17, no. 2, p. 207-219.
- GUIMARÃES, Mauro. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO C.F et.al (orgs). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e desterritorialização. In: ROSENDAHL, Z & CORRÊA, R.L. (orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *The collective memory*. New York: Harper & Row, 1980.
- HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage, 2000.
- _____. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. T.S. Tomaz & L.L. Guacira. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.
- HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira. Argentina, Brasil e Uruguai. *Horiz. Antrop.*, Dez. 2005, v. 11, no. 24, p. 125-153.
- HIRSCH, Marianne. *Family frames; photographs, narrative and postmemory*. Cambridge (Mass.) e Londres, Harvard University Press, 1997.
- <http://www.meioambiente.niteroi.rj.gov.br/bairros/sape.html>
- IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*, 2004.
- JAMES, L., BURKE, D., AUSTIN, A., & HULME, E. Production and perception “verbosity” in younger and older adults. *Psychology and Aging*, 13 (3), 355-367, 1998.

Jornal do Brasil de 31 de março de 1996, Rio de Janeiro.

Jornal O Fluminense de 17 de dezembro de 1974, Niterói, RJ.

Jornal O Fluminense de 31 de dezembro de 1974, Niterói, RJ.

Jornal O Fluminense de 25 e 26 de setembro de 1977, Niterói, RJ.

Jornal O Globo, Caderno Niterói de 6 de outubro de 1996, Rio de Janeiro.

KINGSON, E. R. The social policy implications of intergenerational exchange. *The Gerontological Society of América*, pp. 91-99, 1989.

KINGSON, E.R. HIRSHORN, B.A, HAROOTYAN, L.K. The common stake: the interdependence of generations. Washington, *The Gerontological Society of America*, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Histoire et mémoire*. Paris: Gallimard, 1988.

LEI 8842. Política Nacional do Idoso. *Estatuto do Idoso*, art.10, parágrafo VII, letra d, 4 de jan. 1994.

LISBOA, Aline Vilhena, FÉRES-CARNEIRO, Terezinha e JABLONSKI, Bernardo. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre a família mineira. *Psicologia em Estudo*, abr. 2007, v. 12, n. 1, p. 51-59.

LISSOVSKY, Maurício. A memória e as condições poéticas do acontecimento. Em; GONDAR, J. & DODEBEI V (orgs). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

LORENZI, Harri et MATOS, Francisco José de Abreu. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas*. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Educação ambiental e conselho em unidades de conservação: aspectos teóricos e metodológicos* / Carlos Frederico B. Loureiro, Marcus Azaziel, Nahyda Franca. - Ibase: Instituto TerrAzul : Parque Nacional da Tijuca, 2007.

LOUREIRO, C.F., LAYRARGUES P. P., CASTRO, R.S. (orgs.). – *Educação Ambiental: Repensando o espaço de cidadania*, 3 ed, São Paulo: Cortez, 2005.

(org.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

-
- (org.). *Cidadania e meio ambiente*. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*, São Paulo: Boitempo, 2005.
- LUNDY, P. "*Fragmented Community Action or New Social Movement?*" *International Sociology*. London, Sage, v.14, no.1, março de 1999.
- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- MORAES, Nilson Alves. Memória social: solidariedade orgânica e disputas de sentidos. Gondar, J. & Dodebei V (orgs). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
-
- . Memória e mundialização: algumas considerações. Em: LEMOS, M.T.T. e MORAES, Nilson (orgs.). *Memória e construções de identidades*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- MOURA, Maria Lucia Seidl de. *Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação/* Maria Lúcia Seidl de Moura, Maria Cristina Ferreira – RJ: EDUERJ, 2005.
- MOUTINHO DA COSTA, Lara. A floresta sagrada da Tijuca: Estudo de caso de conflito envolvendo uso público religiosos de Parque Nacional. *Dissertação de Mestrado, EICOS, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.*
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, no. 10. São Paulo: PUC/SP, 1993.
- ONU, Diesa. *Periodical on Aging*, 1985 (1960-2025).
- PIMENTEL, Maria D. M. Pedra de Guaratiba: Fragmentos de Memória dos Pescadores. *Dissertação de Mestrado em Memória Social e Documento*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. São Paulo: PUC, 1995.

- RANDALL, L. Narrative intelligence and the novelty of our lives. *Journal of aging studies*, 13 (1), 1999, pp. 8-18.
- RITTER, Paula D. Da roça ao mar: estudo de uma comunidade de marisqueiros em Jurujuba, Niterói, RJ. *Tese de Doutorado para o Programa EICOS*, UFRJ, Instituto de Psicologia, 2007.
- ROCHA, Décio e Deusdará, Bruno. *Análise de conteúdo e análise do discurso: o lingüístico e seu entorno*: Delta, 2006, v. 22, no. 1, p. 29-52.
- ROEDGER, H e Wertsch J. Creating a New Discipline of Memory Studies. *Memory Study Articles*, Sage, 2008.
- RODRIGUES, Mariana Leal Rodrigues. *Mulheres da rede fitovida: ervas medicinais, envelhecimento e associativismo*. Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Ciências Sociais da UERJ, 2007.
- SACK, R. *Human Territoriality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, Boaventura. A Gramática do Tempo: Entre a Justiça e a Identidade. Lua Nova: *Revista de Cultura e Política*, 63, 2006, pp 143-160.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. *Memória coletiva & Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.
- _____. Teoria da memória, teoria da modernidade. Em: *Teoria Social e Modernidade no Brasil*, eds. Leonardo Avritzer & José Maurício Domingues: 84-105. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- _____. Memory and narrative in social theory: The contributions of Jacques Derrida and Walter Benjamin. *Time & Society* 10, no. 2/2: pp 163-189, 2001.
- SARLO, Beatriz. *Tempo presente. Notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.
- _____. *Tempos Passados*. São Paulo, EdUSP, 2007.
- SCHEGLOFF, Emanuel. Narrative analysis. *Journal of narrative & life history*, 2003.
- SOUZA, Patricia Carla de A. Identidade e tradição local: uma possibilidade no trabalho comunitário com adolescentes. *XV ABRAPSO*, Rio de Janeiro 2007.
- SUTTLEWORTH, Floyd S. *Orquídeas: guia dos orquidófilos*/por Floyd S. Suttleworth Herbert S. Zim e Gordon W. Dillon; tradução e adaptação de Joaquim Gonzales de Lema Filho. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1994.

TEIXEIRA, A.R. Rumo à autonomia: sede de liberdade. In: Olhar adolescente: os incríveis anos de transição rumo para a idade adulta. *Mente e Cérebro*: Duetto, 2007.

THIESEN, I. *Vozes do porto – memória e história oral*. Rio de Janeiro, 2005.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.*

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. Em: VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 101.

_____. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (orgs.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

WEIL, S. O desenraizamento operário. Em: *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Antologia org. por Ecléa Bosi. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, pp. 413-440.

_____. O enraizamento. Em: *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Antologia org. por Ecléa Bosi. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, pp. 413-440.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: T. Silva (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*: Vozes, RJ, p. 7-72, 2000.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. São Paulo: Bookman, 2005.

ANEXO I

O PROJETO SAPÊ COMO MOTIVAÇÃO PARA A PESQUISA SOBRE MEMÓRIA ORAL

A pesquisa aqui apresentada foi motivada a partir de um trabalho de intervenção (ação comunitária) realizado na comunidade do Sapê, Niterói, RJ, desde fevereiro de 2002, intitulado *Projeto Sapê*. Esta ação comunitária foi elaborada e iniciada por mim com os jovens da comunidade, tendo sido motivada após uma pós-graduação *latu sensu* e formação profissional em Psicomotricidade. O *Projeto Sapê* acontece à parte do horário da escola regular do bairro, sendo totalmente voluntário, numa tentativa de oferecer espaço de vivência, além das atividades burocráticas e didáticas de sala de aula, como trabalho de observação mais próximo da realidade e da identidade dos adolescentes.

Além disso, a proposta de ação comunitária partiu de uma constatação amplamente debatida nas reuniões do grupo docente da escola do bairro, Escola Municipal Levi Carneiro – da qual fui professora de língua inglesa (1999-2002) e de sala de recursos (2002-2006) - e também dos próprios jovens, meus alunos, da grande desmotivação para o estudo e para a VIDA por parte dos pré-adolescentes e adolescentes, além de uma fragilidade crescente em relação aos laços sociais na comunidade e na família, refletindo lacunas significantes de referência e pertencimento.

O trabalho na comunidade teve como base referencial vivências psicomotoras de grupo e seu objetivo principal era possibilitar contato com os ritmos individuais de cada participante - esquema/imagem corporal - e suas relações em grupo. Recursos musicais, de criação artística e expressão corporal foram utilizados durante os encontros, como fio condutor desta etapa inicial. Materiais reutilizáveis foram utilizados para a confecção de instrumentos musicais, o que envolveu também o grupo familiar dos participantes na coleta dos materiais.

Quatro integrantes do projeto foram convidados a participar de um evento internacional na universidade Towson, Maryland, EUA, compartilhando particularidades locais e históricas da realidade brasileira, com um grupo de cerca de 80 crianças do *Kids for Peace Summer Camp*, com representantes de outras culturas, de outros continentes, em julho de 2004. O grupo da comunidade do Sapê ainda mantém comunicação via internet (computadores da escola do bairro) com parte do grupo de Maryland, o qual também iniciará um trabalho de memória oral em 2008. Em 2007, um dos participantes do Projeto Sapê - após a finalização do ensino médio em 2006 - foi novamente convidado a participar do mesmo evento de 2004, representando novamente a cultura brasileira, desta vez por três meses, levando a tradição de nossa festa junina, nossos pratos típicos e a representação simbólica dos elementos culturais locais a jovens de várias partes do mundo, na mesma universidade nos EUA.

O grupo vem realizando apresentações de expressão corporal e improvisação, tendo-se apresentado em eventos no RJ e em Niterói - Teatro Popular Niemeyer, Niterói; Casa do Homem de Amanhã, Niterói; Teatro de SESC, Niterói e Evento do Jornal O Globo para escolas públicas - no RJ. A mais recente apresentação do grupo aconteceu em julho de 2008, no Teatro Popular de Niterói, onde observamos a evolução artística do grupo, hoje bem mais maduro, não só em idade, mas principalmente em percepção corporal e reconhecimento de seu próprio potencial como cidadão.

Concluindo esta primeira etapa, constatou-se uma modificação qualitativa nas relações sociais dos adolescentes e pré-adolescentes participantes, tanto no grupo familiar - segundo depoimento dos pais em reuniões escolares - quanto nas relações com a comunidade escolar - de acordo com as reuniões de conselho de classe da Escola Municipal Levi Carneiro. A partir do trabalho de identidade e das relações identitárias do grupo, houve um aumento de interesse nas questões escolares - hoje todos cursam o ensino médio; interesse pelo aprendizado de idiomas e em trabalhos de expressão corporal; mudanças na forma de interagir e falar no grupo, apresentando maior autonomia nas articulações sociais - escola e família. Ao final do trabalho, com o mesmo grupo de adolescentes do Projeto Sapê, contamos hoje com 15 participantes, por alguns terem saído para ingressar no mercado de trabalho.

**TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO
PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS**
(de acordo com as Normas da Resolução no. 196, do Conselho Nacional de Saúde
de 10 de outubro de 1996)

Você está convidado a participar da pesquisa “Memória Oral e Transmissão de Conhecimentos: Uma possibilidade de diálogo entre gerações”. Sua participação não é obrigatória, mas **voluntária**. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a coordenação do programa.

O problema investigado: o objetivo principal deste estudo é investigar elementos de história/memória local do bairro do Sapê, Niterói, partindo da história oral com antigos moradores da região.

Procedimento: Sua participação nesta pesquisa consistirá em entrevista aberta, com base em relato prolongado de história oral e participar dos registros em vídeo, tendo para isso que firmar termos de autorização específico para uso de voz e imagem.

Riscos: Não existem quaisquer riscos relacionados a sua participação.

Benefícios: Embora possa não haver um benefício direto relacionado a sua participação nesta pesquisa, pretende-se investigar dados que promovam um diálogo entre gerações sobre a cultura local do bairro do Sapê. Os registros serão divulgados na escola municipal do bairro e em órgãos relacionados às questões educativas e ambientais da região, além de serem também repassados a você, ao final da pesquisa.

Confidencialidade: As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Os registros completos serão mantidos em arquivo lacrado, não estando disponível para ninguém que não esteja envolvido diretamente neste estudo acadêmico. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações, com fins científicos ou educativos. O Comitê de Ética em Pesquisa pode ter acesso aos dados coletados.

Custo e Pagamento: Participar desta pesquisa não implicará em nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro, como compensação pela participação.

Você receberá uma cópia deste termo, constando o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Após a finalização deste estudo teremos o prazer de compartilhar os resultados do mesmo.

Pesquisadora Responsável: Patrícia Carla de Almeida e Souza
Telefones: (21) 2718-3241 – das 9 às 12h

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Estado do Rio de Janeiro, domingo, 25, e segunda-feira, 26 de setembro de 1977

O Fluminense / 11

Pechincha Uma campanha que é termômetro da economia

Hamilton Paqueto,
AÉ/IO FLU

Não é a primeira vez que se promovem campanhas visando mobilizar a população para um programa de contenção inflacionária, esperando-se que correspondam ao apelo no sentido de entrar a compra de mercadorias que tenham seus preços elevados pela ausência de revendedores — inseticidas, produtos de limpeza, que não saíram em ajuntar as coisas de acordo com as suas ambições de lucro fácil.

Em algum tempo atrás podia-se que não se favorecessem os aproveitadores de situações vantajosas criadas não apenas pela escassez de alguns produtos essenciais, mas até mesmo pela facilidade em encontrar computadores para artigos eletrônicos por valores superiores aos que deveriam ser fixados, mesmo com a inclusão da entrega de lucro possível.

Negativa importância dada mediante-se que se discute "Não a inflação", o que corresponde a uma posição mais moderada que deveria ser assumida na compra de artigos superiores à média nacional em relação aos de consumo obrigatório, e ainda a uma tomada de preços para o consumo dos lugares onde os produtos de aquisição foram (como os alimentos, por exemplo) feitos mais baratos do que a média geral.

Agora já se fala numa nova estratégia inflacionária, que seria como ponto básico seguir...

Generalmente as pessoas preferem não discutir, não negar, não aplicar, para não parecer de pouco mérito ou sem condições sociais. Alguns chegam mesmo a dizer que é humilhante regular de como se entendem em estado de inflação — ponderam.

Em geral, não se devea estimar a demeritidade, a colcha costurada dos especialistas e aventureiros que incluem o método de revenda (no setor há também se simular, alguns dizem desonesto).

Proteção ao Consumidor

Em geral, não se devea estimar a demeritidade, a colcha costurada dos especialistas e aventureiros que incluem o método de revenda (no setor há também se simular, alguns dizem desonesto).

Exemplo disto é o Village Pendotiba, com 140 lotamentos, em áreas de 600m² a 2.000m², num total de 168 mil m², com preços que variam de 155 mil a 800 mil, foram vendidos ao tempo recorde de um mês.

Não se pode admitir que até este momento não se tenha pensado em promover uma forma de apelo, de defesa e de...

Urbanismo

O verde faz de Pendotiba uma opção para a classe média morar em Niterói

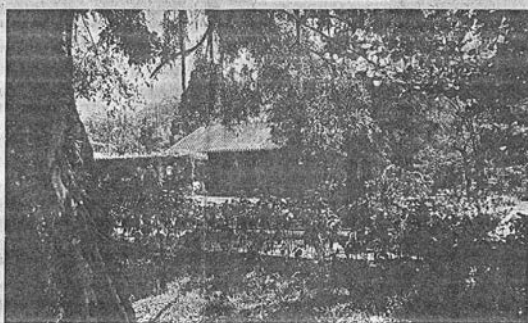
Paulo Augusto e Paulo Faber

O acelerado desenvolvimento urbano do bairro de Pendotiba, área de transição localizada na parte Sul do Município, vem de encontro às diretrizes traçadas pelo governo municipal, no sentido de transformar Niterói, em prazo reduzido, numa segunda opção de moradia dentro da Região Metropolitana.

Na verdade, desde inauguração da Ponte Presidente Costa e Silva, essa região — principalmente por estar situada nas proximidades das praias esportivas — transformou-se de imediato numa área de moradia para a classe média, que, com as facilidades de adquirir imóveis em terrenos a prazos bastante confortáveis, começou a investir maciçamente na região.

Exemplo disto é o Village Pendotiba, com 140 lotamentos, em áreas de 600m² a 2.000m², num total de 168 mil m², com preços que variam de 155 mil a 800 mil, foram vendidos ao tempo recorde de um mês.

Para os corretores, a tranquilidade e o...



As casas clorofiladas

de água e a instalação da rede de esgotos sanitários, dos problemas pungentes da região, encargos da Companhia Estadual de Água e Esgotos, exigiram projetos arrojados e aplicação de verbas vultosas. Segundo o Secretário de Obras Urbanas, Mário de Abreu, a Municipalidade niteroiense poderá executar, de imediato, de suas possibilidades finan-

ças, Mário de Abreu salienta a existência de uma lei municipal, que obriga ao investidor da zona a execução prévia de toda infraestrutura urbana, o que vem sendo realizado por comitês para as áreas de Maria Paula, cujo acesso é feito no KM 4,5 da RJ-104; Rio do Ouro e Santa Rosa. Ao mesmo tempo, a construção de imóveis, os problemas concernentes à infra-

estrutura urbana, o que vem sendo realizado por comitês para as áreas de Maria Paula, cujo acesso é feito no KM 4,5 da RJ-104; Rio do Ouro e Santa Rosa. Ao mesmo tempo, a construção de imóveis, os problemas concernentes à infra-

estrutura urbana, o que vem sendo realizado por comitês para as áreas de Maria Paula, cujo acesso é feito no KM 4,5 da RJ-104; Rio do Ouro e Santa Rosa. Ao mesmo tempo, a construção de imóveis, os problemas concernentes à infra-

estrutura urbana, o que vem sendo realizado por comitês para as áreas de Maria Paula, cujo acesso é feito no KM 4,5 da RJ-104; Rio do Ouro e Santa Rosa. Ao mesmo tempo, a construção de imóveis, os problemas concernentes à infra-

estrutura urbana, o que vem sendo realizado por comitês para as áreas de Maria Paula, cujo acesso é feito no KM 4,5 da RJ-104; Rio do Ouro e Santa Rosa. Ao mesmo tempo, a construção de imóveis, os problemas concernentes à infra-

estrutura urbana, o que vem sendo realizado por comitês para as áreas de Maria Paula, cujo acesso é feito no KM 4,5 da RJ-104; Rio do Ouro e Santa Rosa. Ao mesmo tempo, a construção de imóveis, os problemas concernentes à infra-

Áreas de Pendotiba, devido às suas condições privilegiadas — intensa arborização e proximidade com o mar — vêm atraindo cada vez mais os investimentos das imobiliárias. Vila Progresso e Matapaca, por exemplo, mostram uma verdadeira explosão demográfica, com aparecimento de novas casas a cada dia — que passa.

Muitas de suas alamedas, ainda não pavimentadas, são ladeadas por chácaras, casas de campo e mini-fazendas com construções que acompanham o mais moderno desenho arquitetônico. Por outro lado, são inúmeras as associações recreativas de empresas do Rio Niterói e São Gonçalo que ali possuem suas sedes, cujos associados usufruem do conforto e da beleza que um ambiente ainda selvagem, e a poucos quilômetros do centro da cidade, pode oferecer.

Para a população residente no bairro, que apresenta acelerada expansão habitacional, segundo ele, caindo num processo que se constitui "do ponto de

Piratinga, o número de visitantes se avalia consideravelmente, tanto nos sábados e domingos como nos feriados e principalmente nos períodos de férias. Com uma extensão de 7.300 metros e uma área de 473.125 metros quadrados, as praias têm capacidade total de ocupação de 96.339 banhistas, admitindo-se um índice de conforto mínimo de 5m²/banhista e 19.247 sanitários, com um índice de conforto de 20m²/banhista. Isso significa que podem atender a um máximo de 25% da atual população de Niterói.

A facilidade de acesso, com as melhorias da Estrada Getúlio Monteiro — atualmente em reforma com recursos da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana —, além das medidas adotadas pela Prefeitura de Niterói, que desenvolverá o sistema de mão-dupla à Estrada General Castro Guimarães a partir de 1º de outubro, permitindo o acesso ao centro da cidade pela Garganta,

de acesso ao centro da cidade pela Garganta,

de acesso ao centro da cidade pela Garganta,

Trata-se, na verdade, de uma iniciativa muito oportuna e que certamente produzirá bons resultados, já que o esclarecimento que se presta ao comprador, o esclarece quanto ao acionar seu cargo ganho por comodatários excessivamente parvos, há sempre valores. Isto porque existe uma legislação genérica e acomodada, a aplicação das regras instituídas, quando não uma espécie de arbátrio, de fômites em resumo um produto que se sabe está sendo vendido por um preço superior ao normal.

Isso tem a ver com o fato muito grave de que, até hoje, não se tem apenas as comodatárias (todas se encontram nessa categoria, até mesmo as que constam a torção do comprador e que fabricam produtos de qualidade inferior), mas também a economia nacional, que continua com um fômite a parte para corrigir possíveis e prejudiciais distorções que afetam o mercado, como a aplicação das regras instituídas, quando não uma espécie de arbátrio, de fômites em resumo um produto que se sabe está sendo vendido por um preço superior ao normal.

O crescimento acelerado do bairro, no entanto, precisa ser dotado, segundo os órgãos municipais responsáveis pelo traçado urbanístico da cidade. Na verdade, o saneamento básico é insuficiente em toda a área, carecendo de investimentos de vulto, o que a receita municipal não comporta. O abastecimento de água é precário e a coleta de lixo é insuficiente. O saneamento básico é insuficiente em toda a área, carecendo de investimentos de vulto, o que a receita municipal não comporta. O abastecimento de água é precário e a coleta de lixo é insuficiente.



O Country é o clube que os médicos escolheram no bairro

Niterói principalmente nos fins de semana e feriados, para uma permanência curta. Além das reservas biológicas que oenteia, o bairro tem ainda, como forte atração, as praias oceânicas a poucos minutos, totalmente livres das impurezas que caracterizam aquelas situadas no interior da Baía de Guanabara.

Tanto em Itacolândia, Itaipu e estâncias e numerose clientela. O funcionamento de bares e discotecas, além de hotéis distribuídos em diversos pontos da área, garantem não somente ao residente, mas também ao turista, oportunidades de lazer e entretenimento em recantos agradáveis, sem os problemas rotineiros da cidade referentes à trânsito e estacionamento.

Pode o dono do terreno ser obrigado a construir?

Caso fosse possível conseguir, a título apenas experimental, que as leis urbanísticas, estaduais, vigorem durante vinte e quatro horas no Brasil, os grandes especuladores de solo urbano brasileiros seriam desfeitos, entre outras normas mais severas, com a seguinte regra de direito emanada do governo central: a fim de condicionar o uso da propriedade ao bem-estar social e permitir a justa utilização da riqueza, os proprietários de terrenos urbanos, fixam obrigados a exercer o seu direito de construir ou a vender tais terrenos a quem o faça, no prazo de dois meses contados da publicação desta lei. O não cumprimento desta obrigação no prazo legal, sujeita o município a promover a venda do lote em leilão público, após a devida avaliação. O equilíbrio do mercado será assegurado pelo fato de serem os terrenos vendidos por um preço superior ao normal.

regra econômica) não deve ser flexibilizada. Da mesma forma que o equipamento viário, (obrigação, computadores etc), ficando os subsídios significativos para o equipamento urbano, a legislação urbana ou lei operando em nível de subsídios, ocasiona duplo prejuízo: um primeiro lugar pelo aumento da especulação e poder público, e o segundo pelo aumento da especulação e poder público, e o segundo pelo aumento da especulação e poder público.

o traço de umidade que se aplica a nível local, "transformador de urbanismo" que o faz utilizado como energia para fins de aplicação e efeito popular.

Seria de bom alvitre fazer posto, à guisa de exercício intelectual, meditar sobre quais seriam os efeitos econômicos de tal lei, no tempo futuro imediato à sua promulgação ou publicação. Poderia, assim, como ensaio, ser feita, imediatamente, a aplicação da lei, em um terreno urbano, patrocinado pelo INE, e realizado no âmbito de um curso de planejamento urbano, patrocinado pelo INE, e realizado no âmbito de um curso de planejamento urbano, patrocinado pelo INE.

Alvaro Pessoa*
 Puderam este sistema de dupla responsabilidade, que adota o disposto no artigo 170 da Constituição Federal, para a construção de edifícios residenciais, que não sendo especuladores imobiliários ou ligados a interesses de grupos de especulação, privativa de ser seus municípios promover de maneira ordenada, reordenando as antigas áreas de especulação imobiliária e especulativa, sem qualquer benefício público ou social, contribuindo para reverter os custos habitacionais, e poder fazer reverter os custos habitacionais, e poder fazer reverter os custos habitacionais, e poder fazer reverter os custos habitacionais.

Quando os quadros dirigentes do país inteiro, autoriza o município a promover a venda do lote em leilão público, após a devida avaliação. O equilíbrio do mercado será assegurado pelo fato de serem os terrenos vendidos por um preço superior ao normal.

O fundamento, legitimidade e justiça da lei supra referida é evidente. Entretanto, em infra-estrutura urbana e de saneamento básico, o município não possui recursos para o fazer. Isto porque a legislação municipal não prevê a possibilidade de o município, através de empréstimos, obter recursos para o fazer.

o proprietário do terreno urbano, fixam obrigados a exercer o seu direito de construir ou a vender tais terrenos a quem o faça, no prazo de dois meses contados da publicação desta lei. O não cumprimento desta obrigação no prazo legal, sujeita o município a promover a venda do lote em leilão público, após a devida avaliação.

o proprietário do terreno urbano, fixam obrigados a exercer o seu direito de construir ou a vender tais terrenos a quem o faça, no prazo de dois meses contados da publicação desta lei. O não cumprimento desta obrigação no prazo legal, sujeita o município a promover a venda do lote em leilão público, após a devida avaliação.

O que não se pode esquecer do Pretexto, que não se convergência e aplicação da lei, em um terreno urbano, patrocinado pelo INE, e realizado no âmbito de um curso de planejamento urbano, patrocinado pelo INE.

*Alvaro Pessoa é advogado e professor de direito urbano no IBAM

FLUMINENSE, 31-12-1974 (3ª feira)

plantão de O Fluminense

ÁGUA E LUZ SÃO MAIORES PROBLEMAS DE PENDOTIBA

Apesar do privilégio de sua extensa área verde uma região ainda sem o problema de poluição do meio-ambiente, ao contrário de Icarai, Centro, Fonseca e outros bairros de Niterói, onde a poluição (inclusive sonora) aumenta a cada dia morar em Pendotiba também tem as suas desvantagens. Se os benefícios oferecidos pela área-verde e um meio-ambiente sem poluição são vantagens para residir em Pendotiba, visando uma vida sadia e longa, a falta de infra-estrutura e o crescimento desordenado da localidade são, entretanto, problemas que um morador enfrenta.

Distante poucos minutos do centro da capital fluminense, próxima de Itaipu, Piratininga e Itacoatiara, locais que, após a inauguração da Ponte Rio-Niterói, passaram a ser procurados pelos turistas em seus passeios à cidade, a localidade de Pendotiba tem, na falta de água, calçamento de ruas, iluminação pública e condução, seus principais problemas, além de sua precária rede de esgotos, com a grande maioria dos moradores ainda fazendo uso de sistemas sanitários ultrapassados.

PROBLEMAS

Se um pesquisador ou uma autoridade pública for a Pendotiba ouvir as queixas de seus moradores, as reivindicações serão as mesmas: melhoria do sistema de abastecimento de água, redes de esgotos mais eficientes, iluminação das ruas, calçamento e condução. Antes mesmo da inauguração da Ponte Rio-Niterói (esta obra está fazendo que cariocas e niteroienses prefiram construir casas para fins-de-semana na localidade), Pendotiba já enfrentava um crescimento desordenado, sem infra-estrutura capaz de suportar o progresso imobiliário e populacional. A localidade, nos últimos tempos, assiste ao aumento de seus problemas, sem que as autoridades administrativas tomem providências e adotem um plano visando con-

seqüências menos desastrosas no futuro.

Bem antes da inauguração da Ponte "Presidente Costa e Silva", os técnicos já previam que, em consequência da falta de espaço territorial de Icarai, Santa Rosa e outros bairros mais populosos de Niterói a cidade iria crescer no sentido de Itaipu, Piratininga, Itacoatiara e Pendotiba. Com menos de um ano de funcionamento da Ponte esta previsão já é notada, com os terrenos sofrendo uma grande valorização.

QUINTAL DE NITERÓI

Tanto são os problemas da localidade e o abandono a que foi relegada pelas autoridades estaduais e municipais, que os moradores costumam chamar Pendotiba de "Quintal de Niterói".

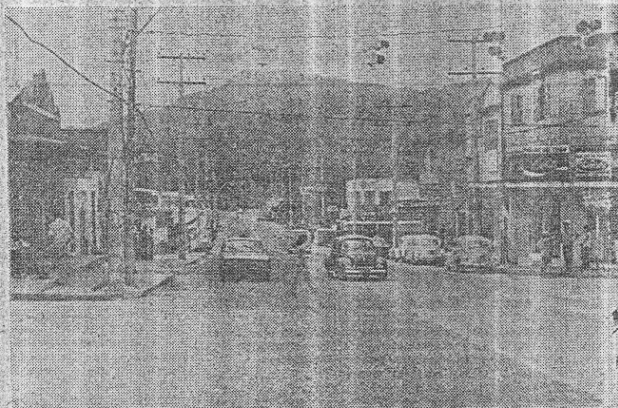
O próprio Governador Raimundo Padilha — lembram os moradores — antes de assumir o cargo, em uma de suas entrevistas, afirmou que quem chegava à orla marítima de Niterói não sabia se estava entrando na cidade pela porta da sala ou da cozinha e, por isso, o aterro da orla marítima seria uma das metas de sua administração, visando a proporcionar à capital fluminense um melhor cartão de visita. O que adiantou o Governo iniciar o aterro da orla marítima se outros bairros ficaram esquecidos, como é o caso de Pendotiba? Ou será que Pendotiba não faz parte de Niterói e não recebe turistas?

Com um comércio relativamente bom, conforme afirmam os moradores, se não fossem os problemas de iluminação pública, condução, falta de água e

calçamento, principalmente estes, Pendotiba poderia ser um dos melhores lugares de Niterói para residir. Seu clima ameno, sua extensa área verde e seu meio-ambiente livre da poluição são condições favoráveis apontadas pelos moradores.

O maior problema dos moradores quanto à falta de condução é depois da meia-noite, quando os ônibus não trafegam em horário certo, exigindo dos passageiros longas e cansativas esperas na fila. Aqueles que possuem poços artesanais em

suas residências ainda conseguem amenizar o problema da falta de água. As ruas escuras têm contribuído para o aumento do número de assaltos e transtornos e moradores sobretudo à noite quando o policiamento é deficiente.



Os moradores de Pendotiba reclamam da precariedade dos transportes

ELOGIO AO "JULIO VERNE"

DOAÇÃO DOS PROFS. AIDYL E ROBERT PREIS
Em R\$ 1.401.041

6 JORNAL DO BRASIL

NITERÓI

DOMINGO, 31 DE MARÇO DE 1996

O oásis verde de Niterói

■ Bairros de Pendotiba, onde a natureza ainda é dominante, serão transformados em áreas de especial interesse agrícola na cidade

OTAVIO LEITE

Qualidade de vida é um conceito difícil de ser medido, ensina a consultora especial de Ciência e Tecnologia da prefeitura, Sati Mizubuti. Porém, desde que o IBGE classificou Niterói como a melhor cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro neste item, não se fala em outra coisa na ex-capital fluminense. Mas, se Niterói está entre as melhores, uma dúvida ainda desperta a curiosidade da população: qual o melhor bairro da cidade para se viver? Sati se esquiva da resposta, explicando que as características dos bairros são muito diferentes. No entanto, se desmancha em elogios à região rural da cidade, especialmente Muriqui Grande, Muriqui Pequeno, Engenho do Mato e Várzea das Moças. "É o melhor clima, onde o ar é mais puro e a tranquilidade é grande", justifica.

Se a consultora ainda demonstra prudência ao elogiar a região, o prefeito João Sampaio não esconde a preferência e já comprou a briga pela manutenção das características atuais destes bairros. Está sendo preparado um projeto para a transformação de todas as localidades rurais de Niterói em áreas de especial interesse agrícola, que será um apêndice ao Plano Urbanístico Regional (PUR) de Pendotiba. "Não se trata apenas de preservação das características agrícolas. Acho que o prefeito, com essa lei, incentiva o desenvolvimento de algumas atividades econômicas próprias dessa área", explica Sati.

Paraíso — "Isto aqui é o paraíso.

Não há lugar igual. Não sairia daqui de jeito nenhum", entusiasma-se o advogado aposentado Erasbe Barcellos, há dois anos morando na localidade Vale Feliz, no Engenho do Mato. Nascido no Espírito Santo, ele chegou a Niterói em 1967. Depois de viver por mais de 20 anos em São Francisco, cansou-se do tumulto, barulho e correria dos grandes centros urbanos e mudou-se para o Engenho do Mato. Erasbe aproveitou para unir o prazer aos negócios. Há poucos meses, inaugurou o Haras São Sebastião, um misto de restaurante e parque hipico, onde os fregueses podem almoçar e alisar cavalos para passeio.

Baixas — "Já estamos com 42 baias para guardar os animais", conta orgulhoso. Entusiasta da criação de cavalos, Erasbe lembra que, na zona rural de Niterói, existe um rebanho aproximado de 500 cavalos. "É a vocação da cidade. Muita gente vem do Rio para cá apenas para comprar, guardar ou simplesmente dar um passeio a cavalo", diz. "A maior parte desse rebanho é de animais de sela. Muitos são castrados. Não se trata exatamente de uma criação para fins comerciais", explica o funcionário público Heitor de Souza, que faz parte do grupo de cavaleiros *Moor riders*, que promove passeios noturnos semanais. "É a melhor maneira de combater o estresse do trabalho", garante.

Quem mora na região de Pendotiba tem a impressão de estar bem longe dos centros urbanos. "Meus amigos quando vêm aqui ficam encantados com a paisagem. São vêm montanhas. Sempre dizem que eu vivo em Maui e não em Niterói", conta

Theressa Cristina Dias, que ao lado do marido Alexandre Riquiera, tem uma lucrativa criação de cabras, de onde retiram um cobiçadíssimo leite. Segundo Cristina, além do clima e do ar puro, há a preservação do ambiente familiar. "É muito melhor. Todos ficamos voltados para a família", diz. Para ela, a tendência da região é crescer cada vez mais. "Já há grandes empresários se estabelecendo por aqui. O crescimento é irreversível", lamenta.

Outro que não troca a vida rural por nada é o engenheiro aposentado Edson Dutra Machado de Souza, dono de um sítio na Estrada do Muriqui Pequeno, conhecido como "casa da mata". "Esta propriedade está na família desde 1942. Quando vim para cá pela primeira vez, não havia nem estrada. Era preciso seguir andando pelo meio da mata", lembra. Edson já está planejando a construção de um galinheiro para criar animais para postura e uma área para cabras.

Distante 500 metros dos vizinhos mais próximos, Edson destaca a tranquilidade como a principal vantagem do bairro. "Quando acordado, pela manhã, ouço os pássaros cantando e sou obrigado a tomar rapidamente meu café na varanda. Do contrário, os micos vêm para a mesa e roubam todas as frutas", diverte-se. Segundo conta, a segurança é tanta que praticamente toda a família decidiu mudar-se para a casa. "Vivo com minha esposa, filhos e netos. Estamos a meia-hora dos grandes centros, mas nós sentimos totalmente isolados", diz.



Região tem as

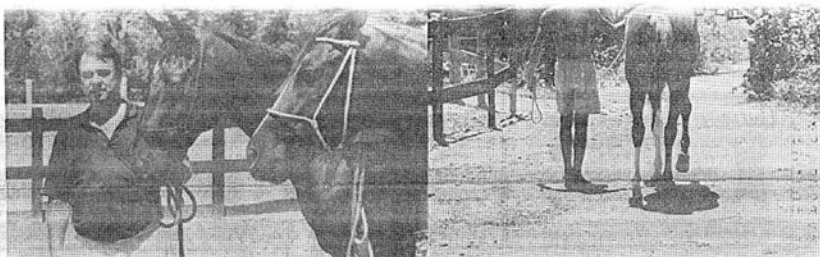
Região tem as suas próprias características

Distante 12 quilômetros do Centro de Niterói, a região de Pendotiba, onde ficam os bairros de Várzea das Moças, Engenho do Mato, Muriqui Grande e Muriqui Pequeno, é um dos poucos recantos do estado do Rio onde ainda podem ser encontradas fauna e flora características da Mata Atlântica. Na Serra da Terinica e na Serra Grande, em Itaipu, além dos vegetais, ainda existem macos, saguis e pássaros que não são encontrados em nenhum outro local de Niterói. "Mas as encostas continuam sendo desmatadas para a construção de condomínios de luxo ou para a pecuária, e ainda existem conflitos de terra", ressalva Satiê.

O processo de ocupação do solo em Pendotiba ocorreu de forma diferente de outras regiões da cidade. Enquanto o normal era a divisão em lotes de 12 por 30 metros, conforme a Lei de Ocupação do Solo, nas regiões rurais, as propriedades tinham área superior a mil metros quadrados. "Erão quase sítios, com bastante vegetação e algum tipo de cultura, pecuária ou agrícola. Ainda existem resquícios fortes desta ocupação", explica a consultora.

Os últimos dados oficiais sobre o adensamento populacional nessa área datam de 1991, quando foi realizado o censo. "Esses dados não são muito confiáveis", lembra Satiê. Entre 1980 e 1991, a população de Muriqui, Engenho do Mato e Várzea das Moças totalava 8.388 habitantes. A região mais populosa era o Engenho do Mato, com 5.921 habitantes e taxa de crescimento anual de 12,55%.

Tanto no Engenho do Mato, quanto em Várzea das Moças, o Plano Urbanístico Regional (PUR) determina o parcelamento dos novos lotes de terra com área mínima de 2 mil metros quadrados. Com relação à ocupação do solo, o PUR recomenda que o adensamento, no Engenho do Mato, seja direcionado para as áreas de especial interesse agrícola, junto à Estrada do Vai e Vem, e o centro do bairro, onde serão permitidas a instalação de indústrias e edificações de pequeno porte. Em Várzea das Moças, o ideal é restringir o adensamento à área de especial interesse agrícola, junto à Rua Itália, uma das últimas áreas ainda não parceladas no município.



A tranquilidade da vida rural atrai gente como Frásbe Barcelos, dono do Haras São Sebastião, e Thereza Cristina Dias, criadora de cabras



Caprinocultura é atividade que dá maior lucro

Mesmo representando uma parcela quase insignificante da economia do município — 0,5% — algumas atividades rurais têm se destacado nos últimos anos, especialmente a caprinocultura (criação de cabras) e a olericultura (cultivo de couve e agrião). "Do ponto de vista cultural, esta ligação com a terra é muito importante. Já do ponto de vista econômico, os números são pouco expressivos. É quase uma atividade de subsistência, com algumas exceções", lembra a consultora de Ciência e Tecnologia, Satiê Mizubuti. Ela, no entanto, ficou surpresa com os dados de 1994, registrando a produção agrícola de mil toneladas em apenas 163 propriedades. "Não deixa de ser um número elevado", diz.

Incentivos não faltam. No final do ano passado, o prefeito João Sampaio sancionou a Lei 1.475 que regula a produção, industrialização e comercialização de artigos de origem animal. Curiosamente, somente a caprinocultura apresentou resultados positivos, a ponto de criadores de Niterói, Maricá, São Gonçalo e da Zona Oeste do Rio tentarem se juntar para instalar, em Niterói, uma

usina produtora de leite em pó. Entretanto, os altos custos operacionais acabaram por desanimar os produtores.

O caso mais notável é do engenheiro Alexandre Rigueira, criador de cabras há quase 10 anos, e que decidiu partir para caprinocultura após ficar desempregado. Dono de uma propriedade no Muriqui Grande, onde cria 150 animais das raças *Saanen* e *Farda alpina*, comercializa o leite para 15 estabelecimentos do Rio e cinco padarias e lojas de Niterói e São Gonçalo. O leite, do tipo A, tem a garantia de qualidade do Departamento de Controle e Inspeção de Produtos Animais (DCIPA). O sítio de Rigueira tem área própria para ensacamento, pasteurização, resfriamento e arrefecimento.

Conforme levantamento da Consultoria Especial de Ciência e Tecnologia, existiam em Niterói, até 1994, 163 propriedades agrícolas, produzindo cerca de mil toneladas de alimentos. De acordo com a consultoria de Ciência e Tecnologia, os mais cultivados no município são: alium, banana, laranja, cana-de-açúcar, couve e agrião.

Com relação à produção animal, o número de criadores caiu nos últimos anos. Em 1975, eram 294 estabelecimentos, contra 111 em 1985 e 79 em 1994. Ainda de acordo com o levantamento da Consultoria, os maiores rebanhos são bovino, suíno e caprino, tanto de postura quanto de corte, e ruminantes.

SAPÊ AGORA

SÓ ESPERA

SEU ASFALTO

A desesperança tomou conta de Sapê, em Pendo-tiba. Sem água e servida por um precário sistema de saneamento, dispõe de uma única linha de ôni-bus, que apresenta dois inconvenientes: só coloca em circulação veículos ve-lhos e assim mesmo os desvia, nos fins-de-sema-na, para Itaipu. Resulta-do, os moradores têm de andar a pé. A energia elétrica entra constante-mente em colapso e as fossas ainda são utilizadas como norma. Desiludidos com tudo isso, mas para não esmorecerem de todo, acreditam na pavimenta-ção de sua estrada. Afim-al, sonhar não custa di-nheiro. — (Página 7)

17-12-1974 (3.ª feira)
FLUMINENSE

Guetos de luxo e miséria em Pendotiba

O arquiteto Marcelo Fonseca estudou o crescimento econômico, social e demográfico da região

Os contrastes sociais oriundos do crescimento demográfico da Região Oceânica acabam de virar tese acadêmica. O arquiteto Marcelo Fonseca, de 30 anos, morador de Pendotiba, fez do bairro no qual mora objeto de estudo para o seu curso de pós-graduação.

— Acompanhei o processo de expansão imobiliária na região e constatei *in loco* a exclusão e a segregação social.

“Reestruturação e segregação espacial em Pendotiba: a luta por um lugar” é o título da tese de mestrado defendida

por ele mês passado — e aprovada com louvor — no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ.

No estudo, Fonseca mostra que, até a década de 60, Pendotiba foi um dos principais estoques de terras não ocupadas da cidade.

— Quase toda a Região Oceânica, aliás, tinha pequenas propriedades rurais baseadas numa economia de subsistência — afirma Fonseca. — Já na década de 70, o processo de loteamento se intensificou e, finalmente, com a Ponte Rio-Niterói (inaugurada em 74) hou-

ve um aquecimento da demanda por imóveis e terras na cidade, com profundos reflexos em Pendotiba.

Segundo o pesquisador, também a saturação dos bairros mais tradicionais de Niterói, como Icaraí e Ingá, fez com que parte da classe média local migrasse para os lugares mais sofisticados da Região Oceânica, tais como Pendotiba, Cambolhas e Piratininga.

Esses fatores, segundo Fonseca, provocaram a formação de “guetos de privilegiados e de excluídos”.

— A ocupação excludente,

que privilegia condomínios fechados, passou a ser a tônica. E acarretou também a favelização, já que a mão-de-obra menos qualificada, que foi empregada pelos condomínios, acabou sendo empurrada para a periferia.

O poder público municipal, segundo o arquiteto, não foi capaz de planejar o crescimento ordenado da região.

Fonseca defende a tese de que a expansão imobiliária obedeceu a duas diretrizes. A primeira: o município, incapaz de fornecer infra-estrutura para a região, optou por “privati-

zar os espaços públicos”. A segunda: o capital imobiliário, interessado em comercializar os terrenos, assumiu a responsabilidade de suprir as necessidades de infra-estrutura.

— Assim, os condomínios assumiram responsabilidades como a de construir e manter estações de tratamento de água e esgoto. Hoje, tais serviços muitas vezes funcionam mal, ou simplesmente não funcionam — afirma Fonseca.

Além disso, a apropriação privada de grandes áreas limitou o acesso público a áreas de valor paisagístico e de lazer. ■